

**Ilma Magalhães Alkimim**

***ESCADA CELESTIAL, DE JOÃO CLÍMACO (CÓD. ALC. 213):***

**EDIÇÃO E ESTUDO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Lingüística.

Linha de Pesquisa: B - Estudo da Variação e Mudança Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. César Nardelli Cambraia.

**Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2007**

Dissertação defendida por ILMA MAGALHÃES ALKIMIM em 23/02/2007 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Profs. Drs. relacionados a seguir:



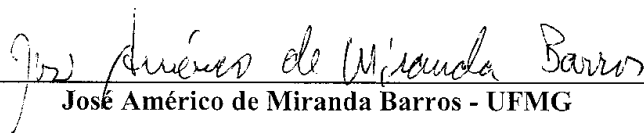
---

César Nardelli Cambraia - UFMG  
Orientador



---

Heitor Megale - USP



---

José Américo de Miranda Barros - UFMG

## AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelos meses de concessão de bolsa do Programa de Fomento à Pós-Graduação (PROF).

Ao Prof. Dr. César Nardelli Cambraia, por me ensinar e me orientar no decurso da minha formação acadêmica e, especialmente, por ceder seu microfilme do códice alcobacense 213 para a realização da edição que aqui se apresenta.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cândida Trindade C. de Seabra (UFMG), por ter despertado em mim o interesse por fontes para o estudo da história da língua portuguesa.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria do Carmo Viegas (UFMG), à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Enilde Faulstich (UnB) e ao Prof. Paulo Antônio Outeiro Hernandez, cujas sugestões de leitura e opiniões me ajudaram a delimitar a abrangência do presente trabalho.

À Prof<sup>a</sup> Aída Sampaio C. Lemos (Universidade do Minho, Portugal), pelas preciosas opiniões e informações concernentes à edição e estudo lingüístico de textos medievais portugueses, especialmente por sua generosidade ao doar publicações relevantes para estudos dessa natureza.

Ao Prof. Dr. José Barbosa Machado (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal) por partilhar um pouco de suas experiências e conhecimentos sobre edição e tratamento do léxico de textos antigos.

À Maria Célia Romes de Lima, por me incentivar a realizar o presente trabalho e me ceder cópia de sua dissertação de mestrado sobre pontuação medieval.

À Márcia Alkmim (Arquivo Público Mineiro) por digitalizar o microfilme do códice alcobacense 213 – gentileza que viabilizou o presente trabalho.

À Zita Mendes, Bibliotecária Coordenadora da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, por permitir meu acesso ao acervo da Biblioteca Padre Vaz, que foi de grande importância para o estudo da tradição indireta da obra *Escada Celestial* e da biografia de seu autor.

Àqueles a quem tenho muito a agradecer e não foram mencionados aqui, por compreenderem melhor, pelo afeto e liberdade que nos unem, que não seria possível arrolar todos os nomes e motivos neste limitado espaço.

## RESUMO

Neste trabalho apresentam-se edição paleográfica e breve estudo da tradição de um texto inédito em medievo-português – a *Escada Celestial*, de João Clímaco –, presente no códice alcobacense 213 da Biblioteca Nacional de Lisboa. A introdução expõe a importância da edição de um texto medieval português inédito e do estudo de sua transmissão, e a contribuição que representa para diversas áreas de pesquisa, como a Crítica Textual, a Linguística Diacrônica, Literatura, Filosofia, História. O primeiro capítulo apresenta argumentos a favor do estudo da tradição do texto, dados biográficos do autor e uma breve recensão da tradição manuscrita e impressa da obra editada, apontando, quando possível, convergências ou divergências entre testemunhos advindos de ramos distintos da tradição. Detalha-se, ainda, a organização da obra e seu conteúdo. O segundo capítulo traz uma descrição detalhada do códice, diversos apontamentos paleográficos, breve discussão sobre a adequação de critérios de transcrição ao público-alvo e aos objetivos da edição, apresentação das normas de transcrição adotadas para a edição proposta e, por fim, o texto da edição paleográfica da obra *Escada Celestial*, acompanhado de notas e cópia fac-similar do manuscrito. A fim de contribuir para um debate acadêmico sobre o rigor ecdótico em trabalhos de edição, a conclusão retoma a discussão sobre a subjetividade do trabalho editorial e a importância da adoção, explicitação e aplicação de normas de edição coerentes com suas finalidades. Anexos e apêndices acompanham este trabalho, para complementar ou ilustrar informações.

## ABSTRACT

This study presents a paleographic edition and a brief study of the tradition of an unpublished text – *the Escada Celestial*, of João Clímaco – in medieval Portuguese, currently in the Alcobaça 213 codex of the National Library in Lisbon. The introduction states the importance of the edition of an unpublished medieval Portuguese text and the study of its transmission, and the contribution that represent several areas of research, as Textual Criticism, Diachronic Linguistics, Literature, Philosophy, and History. The first chapter presents arguments in favor of the study of the tradition of the text, biographic data of the author and a brief recession of the manuscript tradition and the press of the edited piece, aiming, when possible, the convergences or divergences between testimonies from different branches of tradition. It is also detailed the piece's organization and its content. The second chapter brings a detailed description of the codex, several paleographic notes, a brief discussion about the adequacy of the judgment of the transcription to the catered public and the edition's objectives, the presentation of the norms of transcription adopted by the edition and, finally, the text of the paleographic edition of the piece *Escada Celestial*, followed by notes and a facsimile copy of the manuscript. With the goal of a contribution to an academic debate about the ecdotic rigidity in the edition work, the conclusion remounts the discussion about the subjectivity of the editorial work and the importance of the adoption, the explicitation and the use of coherent norms of edition within its purpose. The attachments and appendixes follow this work in order to complement or illustrate the information.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Ícone da Escada Celestial - frontispício de um ms. grego - .....32 Mosteiro de Santa Catarina do Monte Sinai.	
Figura 2 - Reprodução da marca de carimbo do cód. alc. 213.....	39
Figura 3 - Fac-símile do fól. 1r - <i>Scala Paradisi</i> (trad. italiana de .....288 Gentile da Foligno; séc. XIV)	
Figura 4 - Excerto da edição de 1492 da tradução italiana de Gentile .....289 da Foligno (séc. XIV), relativas ao prólogo e ao sumário	
Figura 5 - Excerto da edição de 1492 da tradução italiana de Gentile .....290 da Foligno (séc. XIV), relativas ao sumário	
Fig. 6 - Fac-símile da folha de rosto do cód. alc. 213.....	292

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Comparação entre excertos da versão portuguesa e da versão italiana.....	29
Quadro 2 - Títulos de capítulos no sumário e nas rubricas (transcrição modernizada).....	29
Quadro 3 - Composição dos cadernos.....	38
Quadro 4 - Comparação de critérios aplicados em edições de cunho conservador.....	54
Quadro 5 - Legenda de sinais utilizados na transcrição paleográfica.....	59
Quadro 6 - Alfabeto - <i>Escada Celestial</i> (cód. alc. 213).....	286
Quadro 7 - Abreviaturas e sinais abreviativos freqüentes - EC - cód. alc. 213.....	288
Quadro 8 - Excertos dos testemunhos alcobacenses da <i>Escada Celestial</i> editados por Martins (1961, p. 407).....	292
Quadro 9- Erro conjuntivo entre a edição de 1492 (trad. italiana de Gentile da Foligno - séc. XIV) e o ms. português - cód. alc. 213, no cap. 8 de <i>Escada Celestial</i> : definição de <i>irascibilidade</i> .....	292
Quadro 10 - Lições coincidentes entre a edição de 1492 (ed. de Cristofaro da Mandelo, da trad. italiana de Gentile da Foligno - séc. XIV) e o ms. português - cód. alc. 213, no cap. 27 de <i>Escada Celestial</i> : manutenção do trecho latino.....	292

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<i>A.D.</i>	- <i>Ano Domini</i>
<i>al.</i>	- <i>alii</i>
ALC	- Alcobacense
BAV	- Biblioteca Apostólica Vaticana
BNB	- Biblioteca Nacional do Brasil
BNE	- Biblioteca Nacional da Espanha
BNF	- Biblioteca Nacional da França
BNP	- Biblioteca Nacional de Portugal
BP	- Biblioteca Pública
BUFMG	- Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais
BUPUC	- Biblioteca Universitária da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
cap.	- capítulo
CES-ISI	- Biblioteca do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus - Instituto Santo Inácio (Minas Gerais - Brasil)
Cf.	- Confira / confronte
cód(s).	- código(s)
D.	- Dom
EC	- <i>Escada Celestial</i> (cód. alc. 213)
ed.	- Edição / Editora
ex.	- exemplo
<i>Ibid.</i>	- <i>Ibidem</i>
L(s).	- Linha(s)
LC	- Library of Congress (USA)
<i>Loc. cit.</i>	- <i>Loco citato</i>
mm.	- milímetros
ms(s).	- manuscrito(s)
<i>Op. cit.</i>	- <i>Opus citatum</i>
org(s).	- organizador(es)
p.	- página(s)
p. ex.	- por exemplo
<i>r</i>	- <i>recto</i>
Resp.	- Responsável
RLPV	- Red de Lectura Pública Valenciana (Espanha)
S.	- São
s.d.	- sem data
<i>s.l.</i>	- <i>sine loco</i>
<i>s.n.</i>	- <i>sine nomine</i>
séc(s).	- século(s)
<i>Seq.</i>	- <i>sequentia</i>
tb.	- também
Trad.	- Tradução
<i>v</i>	- <i>verso</i>
v.	- volume
<i>Vd.</i>	- <i>Vide</i>
<i>Vs.</i>	- <i>Versus</i>



## NOTAÇÕES

As transcrições fonológicas são feitas entre barras inclinadas, de acordo com o Alfabeto Internacional de Fonética (cf. SILVA, 2001, p. 41). As transcrições grafemáticas são apresentadas entre parênteses angulosos. Os sinais utilizados na transcrição paleográfica são apresentados na página 58.

## SUMÁRIO

RESUMO .....	5
ABSTRACT.....	6
LISTA DE ILUSTRAÇÕES .....	7
LISTA DE QUADROS .....	8
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS .....	9
NOTAÇÕES .....	10
INTRODUÇÃO .....	12
CAPÍTULO 1: BREVE ESTUDO DA TRADIÇÃO DA OBRA <i>ESCALA CELESTIAL</i> .....	14
1.1 - A RELEVÂNCIA DO ESTUDO DA TRADIÇÃO.....	14
1.2 - O AUTOR, JOÃO CLÍMACO.....	14
1.2.1 - <b>Dados biográficos</b> .....	14
1.2.2 - <b>Obras</b> .....	17
1.3 - DADOS DA TRADIÇÃO MANUSCRITA E IMPRESSA.....	17
1.3.1 - <b>Informações gerais</b> .....	17
1.3.2 - <b>A tradição portuguesa</b> .....	24
1.4 - ORGANIZAÇÃO DA OBRA E SEU CONTEÚDO.....	26
1.4.1 - <b>Prólogo e sumário da obra</b> .....	26
1.4.2 - <b>Capitulação e divisão de assuntos</b> .....	29
1.4.3 - <b>Relação entre o título e conteúdo doutrinário</b> .....	29
1.4.4 - <b>Tema universal, intertextualidade vs. originalidade</b> .....	30
CAPÍTULO 2: EDIÇÃO PALEOGRÁFICA DE <i>ESCALA CELESTIAL</i> (CÓD. ALC. 213) .....	35
2.1 - O CÓD. ALC. 213.....	35
2.1.1 - <b>Identificação, datação e autoria da cópia</b> .....	35
2.1.2 - <b>Descrição codicológica</b> .....	35
2.1.2.1 - <u>Matéria subjetiva</u> .....	36
2.1.2.2 - <u>Matéria aparente</u> .....	36
2.1.2.3 - <u>Encadernação</u> .....	37
2.1.2.4 - <u>Foliação</u> .....	37
2.1.2.5 - <u>Pautado e margens</u> .....	39
2.1.2.6 - <u>Marcas de carimbo</u> .....	39
2.1.2.7 - <u>Marcas d'água</u> .....	39
2.1.3 - <b>Apontamentos paleográficos</b> .....	40
2.1.3.1 - <u>Classificação da escrita</u> .....	40
2.1.3.2 - <u>Comentários gerais</u> .....	40
2.1.3.2.1 - Capitulares .....	40
2.1.3.2.2 - Alógrafos .....	40
2.1.3.2.3 - Sinais de pontuação.....	42
2.1.3.2.4- Sinais diacríticos.....	43
2.1.3.2.5 - Abreviaturas.....	44
2.1.3.2.6 - Separação inter- e intravocabular.....	45
2.1.3.2.7 - Paragrafação.....	46
2.1.3.2.8 - Erros de cópia .....	46
2.1.3.2.9 - Sinais de correção, seleção e destaque.....	47
2.1.3.3 - <u>Pontos de maior dificuldade de leitura e transcrição</u> .....	48
2.1.3.3.1 - Caractere antecedido ou não de pontuação.....	48
2.1.3.3.2 - Abreviaturas alógrafas .....	48

2.1.3.3.3 - Numeração: abreviatura vs. ideograma.....	49
2.1.3.3.4 - Sobreposição de fatos .....	49
2.1.3.3.5 - Oposição entre alógrafos maiúsculo e minúsculo.....	50
2.1.3.3.6 - Problemas clássicos de transcrição.....	51
2.1.3.4 - <u>Rubricação e decoração</u> .....	51
2.2 - O MANUSCRITO: EDIÇÃO.....	52
2.2.1 - <b>Tipo de edição adotado</b> .....	52
2.2.2 - <b>Normas de transcrição</b> .....	55
2.2.2.1 - <u>Caracteres alfabéticos</u> .....	55
2.2.2.2 - <u>Diacríticos</u> .....	56
2.2.2.3 - <u>Abreviaturas</u> .....	56
2.2.2.4 - <u>Pontuação</u> .....	56
2.2.2.5 - <u>Paragrafação, separação vocabular, foliação e translineação</u> .....	57
2.2.2.6 - <u>Correções do copista e rubricas</u> .....	57
2.2.2.7 - <u>Intervenções editoriais</u> .....	57
2.2.2.8 - <u>Numeração dos fólios e das linhas</u> .....	58
2.2.3 - <b>Legenda</b> .....	58
2.2.4 - <b>Texto da edição paleográfica</b> .....	59
<b>CONCLUSÕES</b> .....	284
<b>APÊNDICE A - Alfabeto de <i>Escada Celestial</i> (cód. alc. 213)</b> .....	285
<b>APÊNDICE B - Abreviaturas e sinais abreviativos freqüentes</b> .....	287
<b>ANEXO A - Fac-símile do fól. 1r - Prólogo e parte do índice de <i>Scala Paradisi</i> (trad. italiana de Gentile da Foligno; séc. XIV)</b> .....	288
<b>ANEXO B - Excertos da edição de 1492 da tradução italiana de Gentile da Foligno (séc. XIV), relativas ao prólogo e ao sumário da <i>Scala Paradisi</i></b> .....	289-290
<b>ANEXO C - ANEXO C - Exemplos de convergências e divergências entre os testemunhos latino (cód. alc. 387), italiano (edição de Cristofaro da Mandelo - 1492) e português (cód. alc. 213) da <i>Escada Celestial</i></b> .....	291
<b>ANEXO D - Fac-símile da folha de rosto do códice alc. 213</b> .....	292
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	293

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação constitui-se da edição paleográfica justalinear de um texto inédito em medievo-português – a *Escada Celestial*, de João Clímaco (cód. alc. 213) – e um breve estudo da tradição dessa obra. Com este trabalho, pretende-se contribuir para o conhecimento da língua portuguesa na sua fase arcaica e da literatura medieval religiosa, e propiciar a reflexão acerca dos procedimentos em Crítica Textual para a reconstituição e fixação de textos.

A edição de um texto inédito em medievo-português por si já constitui contributo aos estudos lingüísticos em vários níveis e aos estudos de outras naturezas, ao torná-lo acessível a outros pesquisadores. O objetivo primordial deste trabalho é, portanto, fornecer um *corpus* que sirva a esses estudos, o que se justifica por várias razões, as quais são enumeradas a seguir<sup>1</sup>.

Primeiramente, a edição realizada, acompanhada face a face da edição fac-similada, pode constituir contributo para a Crítica Textual, por possibilitar não somente a aplicação das técnicas utilizadas para edição desse tipo de texto, como também a avaliação destas. Uma vez que todo manuscrito possui características particulares – por ser feito à mão e geralmente a partir de um modelo –, sua edição pode apresentar problemas que exijam soluções anteriormente não formuladas, o que estimularia a discussão das normas de transcrição e edição de manuscritos medievais. Desse modo, contribuirá para futuros estudos paleográficos, incitando novos julgamentos e propostas de leitura, pelo reconhecimento de que por mais conservadora que seja a edição proposta, é uma leitura (subjéctiva) do fac-símile do manuscrito, passível de melhor juízo.

Em segundo lugar, este trabalho pode contribuir para o conhecimento dos sistemas gráficos utilizados nos manuscritos portugueses, que é instrumento importante da Paleografia Medieval Portuguesa e da Scriptologia<sup>2</sup>, para datação e localização geográfica de textos em que não há esses registros, e para apurar as variações gráficas em um mesmo manuscrito que denotam influências mútuas de sistemas gráficos distintos, decorrentes dos processos de tradução e/ou cópia.

Em terceiro lugar, a edição ora apresentada pode contribuir para os estudos lingüísticos, em especial os que enfocam variação e mudança lingüística sob uma perspectiva diacrônica, por trazer informações sobre o português em sua fase arcaica. E para atender a essa finalidade, optou-se aqui por editar sob normas paleográficas conservadoras, ou seja, transcrever fielmente o manuscrito, marcando devidamente todas as intervenções feitas para viabilizar a leitura (p. ex., o desdobramento de abreviaturas), discernindo-as do que de fato revela o manuscrito. Dessa maneira, a edição poderá contribuir também para as discussões e estudos relativos à Lexicografia, por ser fonte de dados que podem ser usados na elaboração de dicionários histórico-etimológicos

<sup>1</sup> A ordem em que se apresenta a enumeração das razões não traduz a importância maior ou menor dada a cada uma delas; sua finalidade é apenas a de organização das idéias no texto.

<sup>2</sup> Termos discernidos aqui, respectivamente, por estudo da escrita antiga portuguesa e estudo do conjunto de características e convenções gráficas que distinguem manuscritos de cada *scriptorium*, os quais podem manifestar características de variedades regionais da época, pela interferência oralidade-escrita.

da língua portuguesa e por possibilitar a discussão sobre a importância da fidedignidade das fontes de dados para realização de obras dessa natureza.

E, por fim, o estudo da tradição do texto faz-se necessário como complemento à edição proposta, pois, além de sua importância para a solução de certas dúvidas no texto editado, torna-o compreensível ao situá-lo num contexto histórico em que a mundividência difere da do leitor atual. Além disso, tal estudo poderá ser útil a pesquisadores que se dediquem a outros ramos da tradição da obra *Escada Celestial*, pois apresenta um levantamento conciso da tradição manuscrita e impressa de que se teve notícia, e indica a localização de testemunhos existentes em acervos.

Pelo exposto, acredita-se que este trabalho traz subsídios para os estudos lingüísticos – sobretudo, aos referentes ao léxico, à variação e mudança lingüística e à Crítica Textual –, e para os estudos de outras áreas de conhecimento, que levam em conta a literatura medieval em suas reflexões sobre a relação língua-cultura-sociedade, ao tornar o texto acessível a pesquisadores que o examinarão sob perspectivas próprias ao seu campo de interesse.

## CAPÍTULO 1

### BREVE ESTUDO DA TRADIÇÃO DA OBRA *ESCADA CELESTIAL*

#### 1.1 A RELEVÂNCIA DO ESTUDO DA TRADIÇÃO

O estudo da tradição do texto é de suma importância. Spina (1994, p. 96-97) diz que até mesmo a tradição indireta pode ser muito importante para a solução de certas dúvidas do texto em estudo, e pode auxiliar também em sua exegese e na própria classificação genealógica dos manuscritos existentes. Azevedo Filho (1987, p. 36-39) afirma que a tradição direta é fundamental, mas a tradição indireta pode fornecer dados utilíssimos ao estabelecimento de um texto. O estudo da tradição de *Escada Celestial* é, portanto, importante complemento à edição aqui apresentada, a qual já lançou mão desse recurso na elaboração das notas explicativas que auxiliam a inteligência do texto.

Tendo em conta que é vasta a tradição do texto em estudo, e que há limitações de acesso ao material bibliográfico e de tempo destinado à pesquisa e coleta do material relativo à tradição direta (apógrafos) e indireta (traduções, citações, comentários, glosas, paráfrases, alusões, imitações), foi feita uma recensão limitada, mas que ainda assim fornece dados sobre a bio-bibliografia de João Clímaco e sobre o percurso de *Escada Celestial*, de sua língua de origem até o português medieval, além de noticiar a existência de mss. e edições em outras línguas.

#### 1.2 O AUTOR, JOÃO CLÍMACO<sup>3</sup>

##### 1.2.1 Dados biográficos

João Clímaco (< *klīmax* – no grego) passou a ser assim chamado por causa de sua obra mais célebre, conhecida primeiramente como *távoas espirituas*, por se constituir numa síntese da doutrina espiritual, e depois *escada*, por estar disposta em 30 degraus, ou capítulos, que vão das

---

<sup>3</sup> Os dados bio-bibliográficos aqui apresentados são, em sua maioria, os que constam da versão portuguesa da biografia, presente no cód. alc. 213, fols. 122-125, acrescidos de informações dadas por: ALMEIDA JUNIOR, 1902, p. XIII-XV; TREVISAN, 1941, v. 1, p. 3-39; MARTINS, 1962, p. 179-186; BERARDINO, 2002, p. 760; ENCICLOPEDIA de la Religión Católica, 1952, tomo III, p. 879.

coisas mais simples às mais altas, na escalada em busca da perfeição espiritual (cf. prólogo do ms., fól. 4r)<sup>4</sup>.

O que as obras sobre patrística informam da vida de João Clímaco foi extraído da biografia que dele escreveu Daniel, monge do mosteiro de Raytu<sup>5</sup>. Além dos fatos que interessam a uma biografia, a narrativa da vida de João Clímaco feita por Daniel de Raytu traz outros testemunhos de episódios que o envolveram. Por ajudarem a delinear a personalidade do autor, algumas dessas informações são nela citadas.

Essa biografia sumária, da qual há cópia no cód. alc. 213 (fóls. 122r-125r), não informa o lugar e nem o ano de seu nascimento. Tem-se estimado que Clímaco viveu entre os anos 540 e 610 (cf. TREVISAN, 1941, p. 22). Sabe-se que aos 16 anos de idade, mas de mentalidade madura, abraçou a vida monástica no monte Sinai, tendo como preceptor um padre ancião<sup>6</sup>. No desterro, viveu humilde e penitentemente, tendo ao seu padre espiritual como perfeito amestrador. Diz a biografia que era sobretudo admirável ser ele um conhecedor das artes liberais<sup>7</sup> a aprender com um homem sem instrução, coisas da rusticidade celestial (fól. 122r).

Depois de 19 anos vividos sob obediência daquele velho padre, dispôs-se à vida solitária, a cinco milhas de distância do monastério, no ermo. Nesse lugar, chamado Thola<sup>8</sup>, morou 40 anos a cultivar as virtudes e a batalhar contra os vícios e pecados. Desse período, pouco se tem a dizer, por não ter havido testemunhas. Não saía do ermo, nem falava com outros, salvo raras vezes. Comia e dormia pouco, e dedicava-se à oração, à contrição e a reunir e ordenar os livros de outros solitários<sup>9</sup>.

Aconteceu que um outro solitário, de nome Moisés, desejando seguir seu exemplo, rogou por intermédio de outros santos padres que o recebesse por seu discípulo. Vencido pela insistência, João Clímaco o recebeu.

Consta que certa vez João Clímaco pediu a esse seu discípulo que fosse a algum lugar buscar terra para uma horta<sup>10</sup>. Moisés o atendeu prontamente. Era um dia de agosto, e ao meio-dia, pelo calor que fazia e pela fadiga, ele se abrigou sob uma penha e adormeceu. Seu mestre, que estava a orar na cela, também foi tomado de um breve sono e teve uma visão de um santo

<sup>4</sup> Nos manuscritos de *Escada Celestial* e na biografia por Daniel de Raytu, Clímaco é também chamado de São João Escolástico. Por extensão, pode-se aplicar o epíteto a um pensador que elabora uma filosofia em função de uma doutrina religiosa ou ao seguidor de uma doutrina que permanece em pensamento acrítico, ortodoxo, tradicional (HOUAISS, 2002) ou, ainda, a indivíduos de notável cultura (Cf. ENCICLOPEDIA DE LA RELIGIÓN CATÓLICA, tomo III, p. 618).

<sup>5</sup> Tebaida, Egito (?).

<sup>6</sup> Cf. TREVISAN (*ibid.*), de nome Martírio.

<sup>7</sup> Segundo ZILLES (1996, p. 17), o conteúdo do ensino, à maneira romana, compreendia as sete artes liberais: Gramática, Retórica e Dialética (o *trivium*), e Geometria, Aritmética, Astronomia e Música (o *quadrivium*). Esse modelo foi adotado na reforma do ensino empreendida por Carlos Magno (séc. VIII).

<sup>8</sup> Atualmente, Wadi el Tlah (cf. ALMEIDA, 2001, p. 116).

<sup>9</sup> MARTINS (1962, p. 182) propõe que pôr em ordem os livros e tabuinhas de escrever fosse sua função no eremitério. No ms está: "aconchava os líuros dos outros solitários" (fól. 123). Para corroborar a sua interpretação, MARTINS (*ibid.*) sugere que o verbo seja, de fato, 'aconchavar' (na acepção de 'reunir, juntar').

<sup>10</sup> No ms. alc. 213, a expressão correspondente é "fazer almoynha" (fól. 124r). Na tradução do grego para o italiano, TREVISAN (*ibid.*) utiliza "coltivazione degli ortaggi", e MARTINS (*ibid.*), em nota, faz equivalência a "um cerrado ou quintal murado".

ancião que o repreendia por estar dormindo enquanto seu discípulo corria perigo. Despertando-se, João Clímaco pôs-se a interceder a Deus em favor de Moisés. Quando seu discípulo retornou, contou a seu mestre que o grande penedo sob o qual descansava por pouco não o matou, pois, por ter a impressão de ouvir o seu chamado, depressa se levantou, e, em seguida, a penha caiu. João Clímaco rendeu graças a Deus, mas não contou a seu discípulo o motivo.

Outro monge, de nome Ysaac<sup>11</sup>, também recorreu a João Clímaco, por estar confuso, triste e atormentado por tentações. Após orarem juntos, Ysaac foi liberto do que o perturbava.

Algumas vezes, João Clímaco recebia pessoas, as quais doutrinava. Contudo, alguns, movidos por inveja, murmuraram a seu respeito, dizendo, pejorativamente, ser ele um falador. Para dar-lhes uma lição, João Clímaco calou-se por um ano. Seus traidores, por terem feito cessar suas preleções doutrinárias, e por verem sua temperança, envergonharam-se do que haviam dito, perderam-lhe que os perdoasse e que voltasse a falar às pessoas, e ele concordou. Houve tal comoção que, mesmo contra sua vontade, constituíram-no guardador e regedor dos irmãos, como um novo Moisés<sup>12</sup>. Foi nomeado, então, abade do mosteiro do monte Sinai<sup>13</sup>, posição que ocupou até sua morte<sup>14</sup>. Os tais murmuradores arrependidos eram alguns dos monges do mosteiro de Raytu, para quem, a pedido do abade, João Clímaco escreveu *Escada Celestial*.

Essas passagens da vida de Clímaco são as que Daniel de Raytu apresenta em sua biografia, a qual ele termina dizendo, entre outras coisas: "Testemonhãça • dan de todas estas cousas • que son dictas • e escriptas • aquelles • que per elle foran cõssolados" (cód. alc. 213, fól. 125r). Há outras passagens narradas por monges contemporâneos de Clímaco, as quais, segundo Martins (1962, p. 184), são plagiadas de Anastácio Sinaíta. Estas, de menor valor biográfico, constam da edição Migne (1860, p. 608-609), mas não estão na versão medievoportuguesa do cód. alc. 213. (fóls. 122-125), pelo que não serão citadas aqui.

<sup>11</sup> O nome Ysaac é mencionado no fôlio 17r, como Padre Espiritual em um lugar denominado Cárcer. Trata-se de Isaac de Nínive (vd. respectiva nota, no fôlio editado). Quanto ao que é citado na biografia, não se pode dizer se é ou não o mesmo do Cárcer.

<sup>12</sup> Este, o da Bíblia (Êxodo 3, 4 *et seq.*).

<sup>13</sup> Segundo ALMEIDA JUNIOR (1902, p. XV), aos 85 anos. Entretanto, seria aos 75 anos, pelos dados sobre a idade com que entrou para a vida monástica (16), o tempo em que foi discípulo (19) e o que passou em vida solitária (40). Segundo TREVISAN (1941, v. 1, p. 24), Clímaco teria se tornado abade aos 60 anos, pois interpreta que aos 16 anos tenha entrado para o monastério, aos 20 tenha se tornado clérigo, e dos 40 anos seguintes, 19 deles tenha vivido como discípulo e 21 como solitário e como mestre. Parece a TREVISAN (*ibidem*, p. 18-19) que a *Escada Celestial* não é uma obra de um decrépito octogenário, mas de alguém entre 60 e 70 anos, faixa etária muito fecunda pela riqueza de experiência e pela lucidez. Conforme MARTINS (1962, p. 179-180), de certa forma, a liturgia bizantina corrobora essa hipótese, ao informar que Clímaco entrou para o monastério aos 16 anos, tornou-se eremita aos 19 e foi eleito abade após 40 anos de vida solitária.

<sup>14</sup> Cf. TREVISAN, 1941, v. 1, p. 24. MARTINS (1962, p. 179) afirma que o mosteiro em que João Clímaco foi abade é o de Santa Catarina do Monte Sinai, criado por Justiniano no séc. VI e ativo até os dias atuais. Nesse mosteiro, no séc. XIX, foi encontrado o *Codex Sinaiticus*, manuscrito do séc. IV com passagens do Antigo Testamento, o texto integral do Novo Testamento e mais dois outros textos. Alguns manuscritos gregos da *Escada Celestial* também fazem parte do acervo desse mosteiro (Cf. MARTIN, 1954).



## 1.2.2 Obras

Os monges se ocupavam nas orações, nos vários estudos e em trabalhos manuais. O estudo era naturalmente de poucos, daqueles que tinham mais talento e inclinação para as ocupações intelectuais<sup>15</sup>. É provável que Clímaco tenha estudado antes mesmo de entrar na vida religiosa, como sugerem as palavras de Daniel de Raytu (fól. 122v-123r):

Eaquello que he sobre todo mais de maraujlhar • qua auêdo el *compridamête* • aesperiência • da sabedoria • da<<s>> artes liberáaes //• aprendia de hũũ ydoneo ydoata<sup>16</sup> • as cousas da Rustíguesa çelestial //• aqual cousa he muý gloriosa e maraujlhosa Mas raras vegadas e poucas /• estas cousas acôteçen Por que o tumor do filosof{ {o} }ia<sup>17</sup> • o qual he muýto sen Razon nõ se achega aasínprezidade de Jhesu christo

Costumeiramente, Clímaco era visitado em sua clausura por outros monges em busca de sua instrução (fól 124r). Também era seu costume visitar mosteiros, como narra em seu próprio texto - *Escada Celestial*. Desse modo se deu a sua fama. Os estudos de Clímaco versavam sobre as Escrituras Sagradas, sobre os santos padres antigos – como exemplos de vida aos monges –, e sobre filosofia moral, dos quais há reflexos em *Escada Celestial*.

Segundo Trevisan (1941, p. 25), entre as obras de Clímaco, alguns citam comentários sobre os evangelhos de Mateus e de Lucas (dos quais, porém, não restou nada), e cartas a monges, as quais se encontram perdidas. Escreveu também uma carta a Gregório Magno, como se deduz da resposta que lhe deu esse papa<sup>18</sup>. Mas nem dessa sua carta tem-se o texto. Aos nossos dias chegaram, entretanto, a *Escada Celestial*, a carta em resposta ao abade de Raytu que a encomendou, e o *Livro ao Pastor*, que é uma espécie de apêndice, um complemento, o coroamento da *Escada*, formando com ela unidade lógica<sup>19</sup>. O *Livro ao Pastor* delineia os ideais de Clímaco, e é dedicado ao seu amigo e abade de Raytu. Essas obras subsistentes fazem parte do códice alc. 213, em português do séc. XV, das quais a *Escada Celestial* é a mais difundida.

## 1.3 DADOS DA TRADIÇÃO MANUSCRITA E IMPRESSA DE *ESCADA CELESTIAL*

### 1.3.1 Informações Gerais

A reconstrução da história da transmissão desse texto tem por finalidade reunir informações – até então dispersas – para dar a conhecer um pouco de seu percurso de catorze

<sup>15</sup> Cf. TREVISAN, 1941, v. 1, p. 24-26.

<sup>16</sup> Esse vocábulo reaparece corrigido para <yd<<i>>oata> no fól. 125v (carta do abade João de Raytu a João Clímaco). Pelo contexto, provavelmente a acepção desse vocábulo é a mesma da forma moderna *idiota*: pessoa sem instrução, ignorante em determinado aspecto.

<sup>17</sup> A letra <o> foi subpontilhada no ms., indicando sua supressão.

<sup>18</sup> Cf. TREVISAN (*ibid.*), texto presente em Migne, P. G., vol. LXX, 1. XI, ep. 1.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 38.

séculos desde que seu autor o pôs em grego, e verificar, quando possível, indícios de interferências causadas pelos processos de tradução e cópia. Portanto, no presente estudo, não se tem a pretensão de descrever com exaustividade a cadeia de transmissão desse texto – o que mereceria um estudo à parte, dada a sua vasta tradição –, mas deseja-se apenas dar notícia das versões manuscritas e impressas que se pôde apurar, estabelecendo relação entre elas quando for possível.

O texto *Escada Celestial*, tratado ascético também chamado de *Como havemos de fugir do mundo* (cf. EC, fól 4r), é uma obra riquíssima em termos de transmissão. Desde que João Clímaco a escreveu em grego a pedido de outro João, abade do mosteiro de Raytu, esse texto encontrou grande aceitação e se espalhou em diversas cópias e traduções. Obras sobre patrística dão notícia de que há, pelo menos, 33 manuscritos gregos, um grande número de traduções latinas, além de traduções em diversas línguas. A fim de citar algumas delas nomeadamente, além da consulta à bibliografia sobre patrística, fez-se um levantamento em bibliotecas nacionais e universitárias por meio de catálogos *on-line*, o que possibilitou obter dados concretos e atuais sobre testemunhos existentes<sup>20</sup>. Entretanto, devido aos recursos que esse tipo de apuração requer da biblioteca e do investigador<sup>21</sup>, deu-se maior ênfase à tradição impressa em grego, latim e línguas românicas<sup>22</sup>, deixando de fora outros ramos, como as traduções em russo, árabe, siríaco, etc.

Em grego, como foi dito, há notícia da existência de 33 manuscritos, os quais se encontram na Biblioteca Apostólica Vaticana e na do Mosteiro de Santa Catarina, Monte Sinai (Egito), conhecidas por possuírem os maiores e mais importantes acervos de manuscritos antigos. A existência de tais mss. é confirmada por Martin (1954)<sup>23</sup>, que estudou as iluminuras dos 33 manuscritos gregos da *Escada Celestial*. Das edições que se tem notícia, houve uma em grego vulgar<sup>24</sup>, feita por Margonius, bispo de Cytheréa, impressa nesta mesma cidade em 1590<sup>25</sup>.

Em 1633 o texto grego novamente foi publicado, com o texto latino ao lado, sob responsabilidade de um jesuíta de nome Matthaeo Radero: "*Iohannes Climacus, Tou en hagiois*

<sup>20</sup> A fim de tornar esse levantamento conciso, mas sem omitir informações, doravante os títulos das traduções, as datas e o tradutor (eventualmente) são indicados no corpo do texto, e em nota de rodapé são dadas as demais informações retiradas do colofão ou da imprensa, ou da ficha catalográfica. Em seguida, precedidos por uma seta, são indicados acervos em que há exemplares, por meio das seguintes siglas: BNB (Biblioteca Nacional do Brasil); BNP (Biblioteca Nacional de Portugal); BNF (Biblioteca Nacional da França); BAV (Biblioteca Apostólica Vaticana); BNE (Biblioteca Nacional da Espanha); BP (Biblioteca Pública), seguida de indicação da cidade (Espanha); RLPV (Red de Lectura Pública Valenciana - Espanha); LC (Library of Congress - USA); CES-ISI (Biblioteca do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus - Instituto Santo Inácio - BH/MG - Brasil); BUFMG (Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais - acervo geral); BUPUC (Biblioteca Universitária da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais). Com isso, pretende-se não sobrecarregar o texto de informações, deixando o detalhamento em nota para que o leitor interessado consulte.

<sup>21</sup> Como entraves a esse tipo de levantamento, podem ser citados, como exemplos, a necessidade haver de catálogos *on-line*, a capacidade de leitura em vários idiomas, inclusive com alfabetos distintos.

<sup>22</sup> Além dessas, citam-se apenas as traduções recentes em inglês (sécs. XVII e XX).

<sup>23</sup> Trata-se do livro *The Illustration of the Heavenly Ladder of John Climacus* (ed. esgotada), de John Rupert Martin, o qual é citado em DUFFI (1999) e em catálogos *on-line* de algumas bibliotecas no exterior.

<sup>24</sup> Tal edição não foi localizada na presente pesquisa.

<sup>25</sup> CEILLYER, Dom Remy. *História Geral dos Autores Sagrados e Eclesiásticos*. Paris: Louis Vivès, 1882. Tomo XI, p. 676-695 (*apud* ALMEIDA JUNIOR, 1902, p. III).

*patros hemon Ioannou Scholastikou tou egoumenou tou hagiou orous Sina Hapanta*"<sup>26</sup>. Essa versão bilingüe foi reeditada em 1860 na Coleção Migne<sup>27</sup>.

Em 1883, são publicadas duas edições da obra: "*Klimax tou hosiou patros hemon Ioannou kathegoumenou tou Sinaiou orous to proton ede ekdotheisa hellenisti hypo tou en hagio orei Atho para te megiste laura Sophroniou eremitou epi te basei membraïnon cheiographon tes en to agionymo orei hieras mones tou hosiou patros hemon Dionysiou*"; e "*He Nea Klimax, metaphrastheisa ek tes hellenikes eis ten koinoteran ton kath'emas Hellenon dialekton hypo Hieremiou archimandritou Sinaitou tou Kretos, kai hypo tou idiou to proton typois ekdotheisa en hetei 1774 en Benetia*"<sup>28</sup>.

No Oriente, essa obra foi muito difundida, e rapidamente; mas no Ocidente foi ignorada até aproximadamente 1250, quando foi feita uma versão em latim, não se sabe por quem, e que se perdeu muito cedo<sup>29</sup>. Em 1300, Ângelo Clareno fez uma versão latina<sup>30</sup>, da qual há cópia no cód. alc. 387<sup>31</sup>. Em meados do século XV, outra versão latina foi feita por Ambrósio Traversari, dito 'o camaldulense'<sup>32</sup>, da qual encontram-se algumas edições: "*Ioanni Climaci... Scala paradisi item Sophnonii, Patriarchae Hierosolymitani, Patrum spirituale; omnia ex graeco ab Ambrosio Camalduensi... latina facta...: & brenibus annotationibus opera Michaelis Isseltij illustrata*", de 1583<sup>33</sup>, 1601<sup>34</sup>, 1624<sup>35</sup>.

Há duas edições latinas as quais não foi possível saber com certeza se advêm da tradução de Ambrósio ou se tem outra origem: "*Scala paradisi, auctore Joanne Climacho*", de 1498<sup>36</sup>; "*Scala spiritualis Sancti Joannis Climaci*", de 1505<sup>37</sup>.

Em 1511, uma edição latina foi publicada por François Regnault: "*Triginta gradus celestis scale*"<sup>38</sup>. Em 1518, outra edição é levada a público por Philippo Pincio, cujo título

<sup>26</sup> Lvtetiae Parisiorvm, sumptibus Sebastiani Craimoisy → BNE; BP–Zamora (Espanha); BAV.

<sup>27</sup> Patrologia Graeca: Cosmas Indicopleutes. Paris: J.P. Migne (org.). Vol. 88, p. 631-1164 → CES-ISI; [...]. (A versão italiana *Scala Paradisi* (1941) se baseou no texto grego dessa edição de J. P. Migne).

<sup>28</sup> En Konstantinoupolei, K. A. Bretos, 1883 (ambas as edições) → BNF; BAV.

<sup>29</sup> Cf. TREVISAN, 1941, v. 1, p. 28.

<sup>30</sup> Essa tradução deu origem à versão portuguesa (cód. alc. 213), da qual se apresenta edição neste trabalho. Tal relação é estabelecida no prólogo desse testemunho português. Contudo, MARTINS (1961, p. 407) lança dúvidas de que a cópia da tradução latina alcobacense (cód. alc. 387) tenha sido a fonte do texto português, devido a algumas discrepâncias no cotejo de alguns trechos, que corresponderiam a omissões no texto português (sobre tal fato, comenta-se mais adiante (vd. tb. o ANEXO C)).

<sup>31</sup> Assim como o testemunho português do cód. alc. 213, esse testemunho latino encontra-se no Fundo Alcobacense (BNP). Conforme MARTINS (1956, p. 274), tal versão latina teria sido copiada por volta de 1409, por um *frater monachus alcobatiae*, Frei Martinho.

<sup>32</sup> A tradução feita por Ambrósio (bispo de Milão) deu origem a várias edições espanholas feitas por Frei Luis de Granada (1504-1588).

<sup>33</sup> Coloniae Agrippinae: in officina Birckmannica (resp.: Michael von Isselt) → BP–Toledo (Espanha); BNF; BNP.

<sup>34</sup> Coloniae Agrippinae: in officina Birckmannica. Sumptibus Arnoldi Mylij → BP–Palma de Mallorca (Espanha); BNF.

<sup>35</sup> Colonia Agrippinae: Sumptibus Bernardi Gualtheri. → BNE; BNF.

<sup>36</sup> (Parisiis): D. Roce → BNF.

<sup>37</sup> "Impressu[m] in regali ciuitate Toletana : isui (sic) Reuere[n]dissimi ... Fra[n]cisci Ximenes" → BP–Burgos e BP–Toledo (Espanha); BNP.

<sup>38</sup> [Parisiis] François Regnault → BAV.

semelhante e proximidade cronológica com a anterior sugerem a necessidade de se investigar uma possível relação: "*Triginta gradus scale celestis, noviter emendata, ac impressioni traditi*"<sup>39</sup>.

De uma publicação, feita por Dionísio Cartusiano (comentarista e tradutor da obra, 1402-1471), sabe-se que se trata de uma glosa<sup>40</sup>: "*D. Dionysii Carthusiani enarrationes doctissimae in librum D. Iohannis Climaci Abbatis, vere aureum, qui inscribitur ... sive scala paradisi, nunc primum in lucem aeditae*", 1540<sup>41</sup>.

Na Biblioteca Apostólica Vaticana há um manuscrito latino do séc. XVII, com o título "*Sancti patris nostri Ioannis Climaci De scala paradisi*", sem identificação do copista ou datação precisa<sup>42</sup>.

Matthaeo Radero, como já foi citado, publicou, ao lado do texto grego, uma versão latina, "*Sancti Patris Nostri Ioannis Scholastici... Opera Omnia / interprete Matthaeo Radero, Societatis Iesu...*", em 1633<sup>43</sup>, reeditada na Coleção Migne, em 1860<sup>44</sup>.

Em italiano, segundo Trevisan (1941, p. 29), a *Escada Celestial* foi traduzida pela primeira vez por Gentile da Foligno, contemporâneo e discípulo de Ângelo Clareno, e publicada em 1491, em Veneza, por Matteo de Parma. No ano seguinte foi republicada por Cristoforo de Mandello, edição que apresenta muitas variantes e erros<sup>45</sup>.

Da versão latina de Ambrósio Traversari foi feita uma versão italiana por um tradutor anônimo, publicada em 1545<sup>46</sup>: "*Iohannes Climacus, Sermoni di S. Giovanni detto Climaco nuovamente da correttissimi esemplari greci e latini, nella volgar lingua fedelmente tradotti ... Aggiuntovi anchora la vita del glorioso anacorita santo Onofrio*". Essa foi reimpressa em 1570 por Ferrentilli, sempre em Veneza<sup>47</sup>. Nessa cidade, em 1585, nova edição foi feita por Marinelli, a qual se apresenta com linguagem mais arcaizante que a de outras publicações contemporâneas, e cheia de erros<sup>48</sup>. Em Milão, no mesmo ano de 1585, foi feita outra edição<sup>49</sup>. Em 1607, nova

<sup>39</sup> [Venetiis, a Philippo Pincio, 1518] → BAV.

<sup>40</sup> Afirmção de Frei Luis de Granada, em dedicatória ao leitor cristão, na edição que publicou da obra em 1562 (*apud* ALMEIDA JUNIOR, 1902, p. X), a qual será comentada adiante.

<sup>41</sup> Coloniae: ex officina Melchioris Nouefiani (resp. Melchior von. Neuss, imp.) → BP–Cáceres (Espanha); BAV. Esse trabalho serviu de apoio para o tradutor da obra para o espanhol, Frei Luis de Granada, como ele próprio declara na edição de 1562, em dedicatória ao leitor cristão (*apud* ALMEIDA JUNIOR, 1902, p. X).

<sup>42</sup> Vat. lat. 14672, ff. 35r-194v.

<sup>43</sup> Lutetiae Parisiorum: sumptibus Sebastiani Cramoisy → BP– Zamora (Espanha); BAV.

<sup>44</sup> Sancti Patris nostri Joannis Scholastici, vulgo Climaci... opera omnia... Patrologia Graeca: Cosmas Indicopleutes. Paris: J.P. Migne (org.). Vol. 88, p. 631-1164 → CES-ISI (e vários outros acervos).

<sup>45</sup> Cf. TREVISAN (*ibidem*). Dessas duas edições de 1491 há cópia entre os incunábulos da Biblioteca Palatina di Parma. Na Biblioteca Nacional (França) há uma reprodução fac-similar da edição de 1492, disponível em arquivo eletrônico. Há notícia de que houve três outras edições da tradução de Gentile da Foligno em Veneza – 1474, 1478 e 1517 –, além de um ms. de 1351 em Florença, na Biblioteca Riccardiana (Cf. AUW, Lídia. *Angelo Clareno et les spirituels italiens*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1979 *apud* ALMEIDA, 2004, p. 266). Localizaram-se, ainda, nos acervos eletrônicos, dois mss. trecentistas: um na Biblioteca em Livorno (Biblioteca dei Cappuccini Pr.7.12 XIV.2, fols. 1r-84v, mutilado (vd. amostra no ANEXO A)) e outro em Lucca (Biblioteca Statale 1282 - XIV terzo quarto (fols. 1r-146v)).

<sup>46</sup> In Venetia [per Giovanni de Farri et fratelli] → BAV.

<sup>47</sup> Sermoni ... Con l'allegationi della Sacra Scrittura ... Vinegia, F. de' Franceschi → BAV.

<sup>48</sup> Avaliação de TREVISAN (*op. cit.*). A Biblioteca Palatina di Parma e a Biblioteca Apostólica Vaticana possuem cópias.

<sup>49</sup> Sermoni di S. Giovanni Climaco ... Milano, Tini, 1585 → BP–Palma de Mallorca (Espanha); BAV.

edição em Veneza<sup>50</sup>. Após essas, foram localizadas edições italianas apenas nos sécs. XIX e XX: "*La Scala santa, ossia I gradi per salire al cielo*", traduzida e revisada por Agostino Ferrara, 1866<sup>51</sup>; "*La scala del paradiso di s. Giovanni Climaco*", por Antonio Ceruti, 1874<sup>52</sup>; "*Scala paradisi*", por Pietro Trevisan, com o texto grego da edição de Migne (1860) ao lado, 1941<sup>53</sup>; "*La scala del Paradiso*" 1955<sup>54</sup>.

Em espanhol, há notícia de dois manuscritos e várias edições. Segundo Askins, Faulhaber & Sharrer (2006)<sup>55</sup>, há dois testemunhos parciais da *Escada Celestial* em espanhol: um, 09 capítulos (fóls.1r-70r) no ms. M-172 da biblioteca de Menéndez Y Pelayo, em Santander, copiado no séc. XV, com o título "Crimaco"; o outro no monastério de San Lorenzo de El Escorial, ms. a.II.17 (fóls. 56v-71v), também do séc. XV, com o título "Clímaco". Se há outras cópias, e integrais, não se pôde apurar. Entretanto, a tradição impressa é extensa, graças ao empenho de Frei Luis de Granada (1504-1588), que tinha um apreço especial pela obra.

Houve duas outras versões espanholas antes das de Frei Luis de Granada, como ele próprio declarou na edição de 1562, em dedicatória feita à Rainha de Portugal, D. Catarina<sup>56</sup>. Para ele, ambas tinham uma linguagem obscura e difícil, razão pela qual resolveu romanceá-las. Entretanto, viu-se tantas vezes forçado a recorrer aos originais (a versão latina de Ambrósio Traversari), que decidiu fazer nova tradução<sup>57</sup>. A esse respeito, ele declarou que se a alguém parecer que estes livros não deveriam ser postos em vulgar, por não conservarem na tradução a graça do original, a isto se responde que é necessário haver livros santos e devotos em língua tal, que possam ser entendidos. A natureza das intervenções que fez é explicitada na dedicatória ao leitor cristão, quando diz que, sendo algumas passagens autorais tão obscuras quanto profundas, por vezes teve de deixar o ofício de intérprete e tomar o de parafrasta, estendendo a brevidade das sentenças e, em outras poucas situações, suprimindo ou acrescentando palavras para melhor inteligência<sup>58</sup>. Sua versão é conhecida pelo título (com algumas variações): "*Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos*". Foram localizadas as seguintes edições: 1562<sup>59</sup>, 1568<sup>60</sup>, 1568<sup>61</sup>, 1569<sup>62</sup>, 1570<sup>63</sup>, 1571<sup>64</sup>, 1571<sup>65</sup>, 1576<sup>66</sup>, 1582<sup>67</sup>, 1583<sup>68</sup>,

<sup>50</sup> Sermoni ... Venetia, P. Bertano. → BAV.

<sup>51</sup> Napoli, Sarracino → BAV.

<sup>52</sup> Bologna, G. Romagnoli → BAV.

<sup>53</sup> Torino: Società Editrice Internazionale, 1 - Corona Patrum Salesiana, serie greca, vol. VIII. (Edição várias vezes mencionada no presente estudo) → BUFGM; CES-ISI; BAV [...].

<sup>54</sup> Por Ignesti Camaldolese O.S.B. Siena: Cantagalli → BAV.

<sup>55</sup> <http://sunsite.berkeley.edu/PhiloBiblon/phhm.html>.

<sup>56</sup> Cf. tradução de ALMEIDA JUNIOR, 1902, p. V.

<sup>57</sup> Há uma proposta de estudo da tradução da *Scala Paradisi* por Frei Luis de Granada, apresentada por Ruscalleda, da Universidad Autónoma de Barcelona (RUSCALLEDA, Enrique Mallorquí. Esbozo para un estudio de la traducción de la Scala Paradisi de Juan Clímaco elaborada por Fray Luis de Granada. In: CONGRESO INTERNACIONAL "CRISTIANISMO Y TRADICIÓN LATINA", 1, 2000, Málaga. *Atas...* Madrid: ediciones Laberinto, 2001 (ISBN: 8484830179). Disponível em <<http://www.anmal.uma.es/anmal/numero6/indice6.htm>>. Acesso em: 29 ago. 2006).

<sup>58</sup> Cf. tradução de ALMEIDA JUNIOR, 1902, p. X.

<sup>59</sup> [Impresso en Lixboa]: en casa de Ioannes Blauio de Colonia → BNB; BNP; BP-Palma de Mallorca (Espanha)).

1585<sup>69</sup>, 1596<sup>70</sup>, 1598<sup>71</sup>, 1612<sup>72</sup>, 1757<sup>73</sup>, 1769<sup>74</sup>, 1771<sup>75</sup>, 1782<sup>76</sup>, 1922-1925<sup>77</sup>, 1998<sup>78</sup>. Essa profusão de edições tem uma explicação histórica: a Reforma Católica – ou Contra-Reforma – na qual Frei Luis de Granada estava engajado<sup>79</sup>. Ao lado de um *Index Librorum Prohibitorum* era necessário promover a leitura de autores legitimamente católicos, como uma maneira de reafirmar dogmas<sup>80</sup>.

Pôde-se localizar duas edições anteriores às de Frei Luis de Granada, as quais são, possivelmente, as que ele tentou romancear: "*Sant Juan Climaco que trata delas tablas y escalera spiritual, por donde han de subir al estado dela perfeccion*", 1504<sup>81</sup>, reimpressa em 1520<sup>82</sup>, sob o título "*Vitas patrum en Romance*"; e "[*Libro llamado Escala espiritual, la cual contiene treinta escalones por medio de los quales podian los que quisieren subir desde el menosprecio del mundo y pequenez en Christo hasta la cumbre de la perfeccion y perfecta libertad de hijos de Dios / San Juan Climaco*]", 1553<sup>83</sup>.

Em 1537 a *Escada Celestial* foi impressa em espanhol no México – o primeiro livro impresso nas Américas<sup>84</sup>. Segundo W. Martins (2002, p. 290), essa publicação da tradução castelhana feita por frei João da Madalena ocorreu um ano antes – 1536 – e, por não haver nenhum exemplar supérstite, sua existência apenas se atesta através das referências de José Toribio Medina<sup>85</sup>. Frei Luis de Granada, ao afirmar que havia apenas duas edições da obra em

<sup>60</sup> Impresso ... en Alcalá de Henares: en casa de Sebastián Martínez →BP–Palma de Mallorca (Espanha)).

<sup>61</sup> En Salamanca: en casa de Andrea de Portonarijs [...] → BP–Logroño (Espanha)).

<sup>62</sup> Impresso... en Salamanca: en casa de Mathias Mares → BP–Toledo (Espanha); BNP.

<sup>63</sup> En Alcalá de Henares : en casa de Andres de Angulo → BAV; BP–Palma de Mallorca (Espanha).

<sup>64</sup> En Alcalá de Henares [Espanha]: en casa de Sebastian Martínez →BNB; BNP.

<sup>65</sup> En Salamanca [Espanha]: Por Mathis Gast. → BNB; BNP; BAV.

<sup>66</sup> Alcalá de Henares : en casa de Hernan Ramirez, : a costa de Pedro del Casar. → BNP.

<sup>67</sup> En Seuilla: en casa de Andrea Pescioni. → BNP.

<sup>68</sup> Valladolid: por Diego Fernandez de Cordova, : a costa de Pedro Landri. → BNP; BNF.

<sup>69</sup> En Medina del Campo: por Pedro Landry, : por Francisco del Canto. → BNP.

<sup>70</sup> Impresso en Alcalá de Henares : en casa de Iuan Gracian [...] → BNE; BNB [?]; BP–Palma de Mallorca; RLPV.

<sup>71</sup> Impresso en Barcelona: en casa de Jaume Galuan : a costa de Bernat Cussana [...] → BP–Palma de Mallorca (Espanha).

<sup>72</sup> En Madrid: por Iuan de la Cuesta: a costa de Iuan Berrillo [...] → BP–Palma de Mallorca; BNE; BNP.

<sup>73</sup> In: Obras del V.P.M.F. Luis de Granada del Sagrado Orden de Predicadores ... : tomo XV que contiene La escala espiritual de S. Juan Climaco En Madrid : en la imprenta de Manuel Martin, 1757 → BP–Segovia (Espanha).

<sup>74</sup> Madrid: Imp. de Man. Martin. → BP–Zamora; BNE.

<sup>75</sup> In: Obras del venerable P. maestro Fr. Luis de Granada de la orden de Santo Domingo: tomo octavo ...

En Madrid: en la imprenta de Don Manuel Martin, y à sus expensas, se hallará en dicha imprenta, y en la Lonja de Terroba junto à la Carcel de Corte. → BP–Cáceres (Espanha).

<sup>76</sup> In: Obras del Venerable P. Maestro Fr\pr\s Luis de Granada de la Orden de Santo Domingo: tomo \RVIII\R, parte \RI\R: que contiene la traduccion de la Escala Espiritual, compuesta en latin por el glorioso S. Juan Climaco. Madrid: por Don Antonio de Sancha, se hallará en su Libreria, en la Aduana vieja → BP–Toledo (Espanha).

<sup>77</sup> In: Obras del V. P. M. Fray Luis de Granada, con un prólogo y la vida del autor por D. José Joaquín de Mora [...]. Madrid: Imp. de los sucesores de Hernando → LC.

<sup>78</sup> In: Obras completas / Fray Luis de Granada. Madrid: Fundación universitaria española: Dominicos de Andalucía. → BNF.

<sup>79</sup> Cf. introdução de *Obra Selecta* [de Fr. Luis de Granada], de responsabilidade de Revdo. Pe. Desiderio Díez de Triana. In: GRANADA, Luis de. *Obra selecta*. Madrid: 1952, p. XXIX-XXXII.

<sup>80</sup> Conforme Triana (*ibidem*, p. XXXIX), em 1559, até mesmo um dos livros de Frei Luis de Granada foi incluído na lista de livros proibidos, aprovado mais tarde no Concílio de Trento, após o autor efetuar substanciais modificações.

<sup>81</sup> Toledo, s.n., 1504 → BNB; BNP; BAV.

<sup>82</sup> Sevilla [Espanha]: Por Juan Varela ... 16 de maio de 1520. (Informações do colofão) → BNB.

<sup>83</sup> Impresso en Alcalá de Henares : en casa de Iuan de Mey Flandro → BP–Toledo (Espanha); BNP.

<sup>84</sup> Cf. Alvarez, 1992, p. 22.

<sup>85</sup> Cf. BUONOCORE, Domingo. *Elementos de bibliotecologia*. 2 ed. Santa Fé, Argentina: Castellvi, 1955, p. 68, *apud* MARTINS, W., 2002, p. 290.

castelhano antes da primeira que realizou, possivelmente desconhecia essa edição mexicana.

Dos tempos atuais, foram localizadas três traduções em espanhol: "*La escala espiritual o escala del paraíso*", 1990<sup>86</sup>; "*Escala espiritual*", 1998<sup>87</sup>; "*Lo mejor de Juan Clímaco*", 2003<sup>88</sup>.

Na tradição francesa da *Escada Celestial*, a importância de Robert Arnauld d'Andilly (1588-1674) equipara-se à de Frei Luis de Granada para a tradição espanhola. Sua tradução foi a mais difundida: "*Traité de S. Jean Climaque des degrez pour monter au ciel*", ou "*L'Échelle sainte, ou les Degrez pour monter au ciel, composez par S. Jean Climaque...*" – título variante. Sua fonte, entretanto, não foi um testemunho latino, como a do espanhol; foi feita uma tradução a partir do grego, o que, em princípio, parece vantagem, pois elimina uma língua intermediária na cadeia de traduções. As edições dessa tradução que se pôde localizar para o presente estudo datam de 1652<sup>89</sup>, 1654<sup>90</sup>, 1658<sup>91</sup>, 1661<sup>92</sup>, 1662<sup>93</sup>, 1668<sup>94</sup>, 1670<sup>95</sup>, 1678<sup>96</sup>, 1679<sup>97</sup>, 1688<sup>98</sup>, 1707<sup>99</sup>, 1711<sup>100</sup>, 1973<sup>101</sup>.

Foram localizadas cinco edições e uma reimpressão de outros tradutores franceses, das quais uma edição é anterior à tradução de Arnauld d'Andilly: "*L'Eschelle de S. Jean Climacus, enrichie des plus belles fleurs du Pré spirituel*", tradutor não declarado, 1623<sup>102</sup>; "*Oeuvres de saint Jean Climaque... comprenant l'Échelle sainte, ou les degrés pour monter au ciel, et la Lettre au pasteur*", tradução e notas do abade P. (?) da diocese de Lyon, 1836<sup>103</sup>; "*L'Échelle sainte*", tradução do grego por Placide Deseille (1923...), 1978<sup>104</sup>, 1987<sup>105</sup>, reimpressa em 1993<sup>106</sup>; "*L'Échelle sainte: extraits*", excertos de responsabilidade de Nicolas Molinier, 1995<sup>107</sup>.

Em inglês, além de um manuscrito do séc. XVII, noticiado por Ronald Musto<sup>108</sup> (*apud* ALMEIDA, 2004), as traduções localizadas da *Escada Celestial* são todas recentes, séc. XX: "*The*

<sup>86</sup> Traduzida do grego por Isabel Gil Almolda, Mauro Matthei; com notas explicativas de Placide Deseille. Zamora: Monte Casino, 1990. → BNE; RPLV.

<sup>87</sup> Edição preparada por Teodoro H. Martín. Salamanca: Sígueme, 1998 → BNE.

<sup>88</sup> Compilado por Alfonso Roper. Terrassa (Barcelona): Clie, [2003]. → BNE.

<sup>89</sup> Paris: Le Petit, 1652 → BNF.

<sup>90</sup> 2. éd. Paris: P. Le Petit → BNF; BAV.

<sup>91</sup> Paris: P. Le Petit → BNF; BNE.

<sup>92</sup> Paris: P. Le Petit → BNF.

<sup>93</sup> Paris: P. Le Petit → BNF.

<sup>94</sup> Paris: P. Le Petit → BNF.

<sup>95</sup> Paris: P. Le Petit → BNF.

<sup>96</sup> Paris: P. Le Petit → BNF.

<sup>97</sup> Paris: Pierre Le Petit. M.DC.LXXIX (In: *Les Vies des Saints Peres des deserts, et de quelques saintes, ecrites par des Peres de l'Eglise, & autres anciens auteurs ecclesiastiques*) → BNF.

<sup>98</sup> Paris: G. et L. Josse → BNF; BAV.

<sup>99</sup> Paris: impr. de L. Josse → BNF; BAV.

<sup>100</sup> Paris: [s.n.] → BNF.

<sup>101</sup> Le Bousquet d'Orb: Monastère orthodoxe Saint-Nicolas (título variante: "*Échelle du paradis*") → BNF

<sup>102</sup> Paris: M. Collet → BNF

<sup>103</sup> Lyon: F. Guyot, 1836 → BNF.

<sup>104</sup> Bégrolles-en-Mauges: Abbaye de Bellefontaine → BNF; LC.

<sup>105</sup> 2e éd. revue et corr. Bégrolles-en-Mauges: Abbaye de Bellefontaine → BNF.

<sup>106</sup> Bégrolles-en-Mauges: Éd. monastiques → BNF.

<sup>107</sup> Saint-Laurent-en-Royans (Font de Laval, 26190): Monastère Saint-Antoine-le-Grand (In: "*Vie de sainte Marie l'Égyptienn*") → BNF.

<sup>108</sup> MUSTO, Ronald. *Angelo Clareno, OFM: Fourteenth-Century Translator of the Greek Fathers. An Introduction and a Checklist of Manuscripts and Printings of his «Scala Paradisi»*. Archivum Franciscanum Historicum, An. 76 (1983), p. 229-30.

*ladder of divine ascent*", por Archimandrite Lazarus Moore, publicada em Nova York e em Londres em 1959<sup>109</sup>; tradutor não declarado, em 1978 e 1991<sup>110</sup>; tradução de Colm Luibheid e Norman Russell, em 1982<sup>111</sup>, compilada por Demetrios Serfes em 1997<sup>112</sup>.

### 1.3.2 A tradição portuguesa

A tradição portuguesa da *Escada Celestial* é a menos extensa das aqui citadas. Há no cód. alc. 200 (fóls. 76v-125r), sob o título *Speculum Monachorum* (ou *Espelho dos Monges*), o que se pode considerar um testemunho parcial da obra, editado por Baldim (1974)<sup>113</sup>. É uma miscelânea em que os 20 capítulos iniciais (76v-103v) coincidem com capítulos da *Escada Celestial*. Uma comparação superficial do conteúdo desses capítulos permite confirmar que se basearam na obra *Escada Celestial*, o que já afirmaram Bonaventura (*apud* BALDIM, 1974, p. XXII)<sup>114</sup> e Melo (*apud* BALDIM, *loc. cit.*)<sup>115</sup>. Segundo J. Mattoso (1969, v. 1, p. 924), os *speculum monachorum* são um gênero característico utilizado por monges beneditinos e cistercienses: pretendem resumir de modo simples e concreto os deveres elementares da vida monástica - tratados de formação espiritual rudimentar e de fundo escolástico ou jurídico.

Há o caso de uma edição em português de *Escada Celestial*, feita a partir da versão espanhola, de 1562. Trata-se de *Climax, ou Escada do Céu*, tradução de João Mendes de Almeida Júnior, 1902<sup>116</sup>.

Do testemunho integral em medievo-português (cód. alc. 213) não há notícia de edição anterior à que se apresenta neste trabalho<sup>117</sup>. Estima-se que essa tradução portuguesa tenha sido feita no séc. XV e, pelo que informa o prólogo desse testemunho, tem como base a versão latina feita pelo frei Ângelo Clareno em 1300, da qual há cópia no cód. alc. 387, cuja datação é estimada por volta de 1409, por Martins (1961, p. 403). Entretanto, ao comparar as versões alcobacenses latina e portuguesa, Martins (*ibid.*), lança dúvidas sobre a relação genética entre elas. O texto português suprime algumas frases presentes no texto latino. Mas o próprio Martins (*ibid.*, p. 407) reconheceu que "o resto foi vertido à letra, até com a periodagem recortada do mesmo modo, em pequenos troços, longe da mania perifrástica". Então, pode-se concluir que há mais razões para se crer na relação entre as cópias alcobacenses do que no contrário – se o

<sup>109</sup> New York: Harper / London: Faber and Faber → LC.

<sup>110</sup> Boston: Holy Transfiguration Monastery → LC.

<sup>111</sup> New York: Paulist Press → LC.

<sup>112</sup> Boise, Idaho.

<sup>113</sup> Trabalho elaborado por Augusto Baldim, sob o título "Espelho dos Monges", submetido à Universidade Federal de Santa Catarina em 1974, para obtenção do grau de Livre Docente.

<sup>114</sup> BONAVENTURA, Frei Fortunati A. D. *Commentariorum de Alcobacensi Manuscriptorum Bibliotheca Libri Tres*. Conimbricæ, ex Typografia Academico - Regia - MDCCCXXVII [1827].

<sup>115</sup> MELO, Arnaldo Faria de Ataíde e. *Inventário dos Códices Alcobacenses*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1932.

<sup>116</sup> São Paulo: Typ. a vapor Espíndola Siqueira & C. → BUPUC; CES-ISI.

<sup>117</sup> MARTINS 1961 (p. 405-407) publicou apenas o sumário e as doze primeiras linhas do cap. 2; ALMEIDA (2001, 119-121), apenas parte das rubricas; LEMOS (2004, p. 478-485), parte do prólogo e o sumário.



testemunho português não é tradução do latino, é razoável conjecturar que ao menos foi consultado (vd. ANEXO C). E, pelo que disse Frei Luis de Granada na edição de 1562 (*apud* ALMEIDA JUNIOR, 1902, p. X) sobre as dificuldades ao verter a obra para o castelhano, as quais o levaram a suprimir, acrescentar e parafrasear trechos, parece que tal prática não era estranha ao trabalho de tradução.

Diante de tal fato, a questão que paira no estudo da tradição desse texto é: após tão vasta cadeia de tradução e cópias (e as conseqüentes intervenções sofridas), o que é genuinamente de João Clímaco em *Escada Celestial*, cód. alc. 213, cópia com glosas e interpolações explícitas<sup>118</sup>? A Crítica Textual possui critérios para apurar o que é possivelmente autoral. Pasquali (*apud* SPINA, 1994, p. 71-77)<sup>119</sup>, em suas doze normas, entre outras coisas, diz que: i) a lição genuína pode conservar-se independentemente em diversos ramos da tradição; ii) a coincidência de lições em códices escritos em zonas longínquas entre si constitui uma presunção a favor da genuinidade dessas lições. Dentre vários outros pressupostos consagrados da Crítica Textual, o critério do domínio numérico, do método lachmanniano<sup>120</sup>, também poderia auxiliar na apuração da genuinidade. Entretanto, tão vasta é a tradição desse texto que torna uma edição crítica inexequível, a não ser que houvesse esforços conjuntos de várias equipes que trabalhassem em ramos específicos da tradição – uma empreitada que não se justificaria, dada a natureza e a função particular desse texto. Contudo, cada testemunho tem valor lingüístico, literário e cultural, por trazer em si não somente aspectos da língua da época em que foi feito, mas também lições genuínas que manifestam a mundividência, usos, costumes e aspectos da sociedade medieval em um determinado período<sup>121</sup>, – razões suficientes para justificar seu estudo, independentemente da pretensão de se realizar uma edição crítica. Desse modo, sem tal aspiração, a edição apresentada neste trabalho aponta em notas explicativas o que pôde ser apurado do cotejo feito entre o facsímile do ms. (cód. alc. 213) e as edições de Almeida Junior (1902) e Trevisan (1941), visando primordialmente à melhor inteligência do texto e, secundariamente, à relação entre esses ramos da tradição, ao situar alguns *loci critici* (nomeadamente, os apontados nos fólhos 22v, 38r e 109v).

<sup>118</sup> Conferir, como exemplos, linhas 15061, 14544 e 14667, que mostram que o modelo usado pelo copista já apresentava glosas. As expressões "quer dizer" e "convém a saber" também aparecem numerosas vezes no ms., mas não se pode afirmar que já existiam no modelo ou que seriam de responsabilidade do copista. As marginais ocasionais parecem ser de responsabilidade do revisor.

<sup>119</sup> PASQUALI, Giorgio. *Storia della Tradizione e Critica del Testo*. Florença: Felice Le Monnier [ed.], 1952. p. XV-XIX.

<sup>120</sup> Para conhecimento amplo do método de Lachmann (1793-1851), SPINA (1994, p. 73) sugere a consulta à obra de PASQUALI (*op. cit.*, p. 1-108).

<sup>121</sup> No que concerne à obra editada no presente trabalho, como amostra da relevância do conteúdo textual podem ser citadas informações como: a influência da cultura helênica e do pensamento estóico no período patrístico da Igreja (linhas 4504-4514. Cf. tb. o ideal de 'impassibilidade' na obra (*passim*)); quem era iletrado (linhas 3209-3211), e quem não era (linhas 3243-3247); o uso da astronomia e sua relação com a agricultura (linhas 8237-8243); a remotividade de técnicas laborais, como a separação de metais por mercúrio (linhas 2860-2863), ou de costumes, como as vestes negras para representação de luto (linhas 4720-4723); etc.

## 1.4 ORGANIZAÇÃO DA OBRA E SEU CONTEÚDO

### 1.4.1 Prólogo e sumário da obra

O testemunho presente no códice português apresenta prólogo e sumário dos trinta capítulos que compõem a obra (fólios 4r-5r), os quais não se encontraram em outras edições consultadas<sup>122</sup>, à exceção da italiana fac-similar de 1492, por Cristofaro da Mandelo, que o apresenta parcialmente (cf. ANEXO B), o que se comentará adiante.

O prólogo apresenta como tradutor da obra para o latim o frade Ângelo Clarenos (em 1300 a.D.), cuja competência em língua grega é mostrada como miraculosa, pois subitamente manifestou habilidades de compreensão, leitura e escrita. Essa é a parte do prólogo que não consta da edição italiana quatrocentista, acima citada.

Para se entender o processo de transmissão a partir desse ramo da tradição, é importante lembrar que o citado frade, franciscano, assumia uma posição radical sobre o voto de pobreza, o que causou desagrado à Igreja, tendo sofrido perseguições de toda natureza, inclusive desterro, excomunhão e tratamento inquisitorial. Os frades que partilhavam das suas idéias – os chamados "espirituais" –, constituíram uma ordem independente dentro da franciscana: a ordem dos frades menores (cf. prólogo do testemunho português, fól. 4r), ou dos clarenos. Alguns desses, diante dos extremos a que a controvérsia os expunha, retrocederam e se submeteram à ordem anterior.

Segundo o prólogo, duas foram as motivações do dito frade para a tradução: aplicar o dom em proveito de outros; traduzir o que ainda não havia em versão latina.

Há, entre as linhas 47 e 64 (fól. 4r), uma mudança da terceira pessoa do discurso para a primeira, em que sujeito da enunciação<sup>123</sup> deixa de ser o autor do prólogo para ser o próprio tradutor, no ano de 1300<sup>124</sup>:

"buscou antre os seus líuros e uiu que erã ascõdidos aos ladinhos e por ýsso os tralladou"  
(EC -Linhas 47-49 - grifo nosso)

"Sam Johã dicto cõpos dous líuros • ohũũ da uída aut(i)ua • e outro da cõtenplatíua •  
Mais aquel da *contenplatíua* • achey que era tão alto de sabedoria que nõ me atreuý  
atraslad(a)rillo mais trasladey aqweste da uýda actíua" (EC - Linhas 53-58 - grifo nosso)

"Eaqweste trasladey / chaamente e cõ grande diligência • / Em na era do senhor • Míl e  
ijj<sup>c</sup> annos ã no tempo do ppapa bonifácio" (EC - Linhas 61-64 - grifo nosso)

Caso não seja um erro do autor da cópia quatrocentista, uma explicação alternativa para essas ocorrências no prólogo seria a que Lydia von Auw<sup>125</sup> (*apud* ALMEIDA, 2004) e Almeida

<sup>122</sup> ALMEIDA JUNIOR, 1901; TREVISAN, 1941.

<sup>123</sup> Entenda-se aqui 'enunciação' por ato individual de utilização da língua pelo falante, ao produzir um enunciado num dado contexto comunicativo.

<sup>124</sup> As citações abaixo, como as que se seguirão, não obedecem a translineação original, a fim de facilitar a leitura.

<sup>125</sup> AUW, Lydia. *Angelo Clarenos et les spirituels italiens*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1979.

(2004) apresentam: a versão alcobacense derivaria indiretamente da latina de Clareno, por meio da tradução italiana feita por Gentile da Foligno, um amigo agostiniano com quem Clareno mantinha correspondência<sup>126</sup>. Se assim for, estará explicado o uso de verbos *trasladar* e *atreverse* na 1ª pessoa e a localização temporal desses fatos no tempo do papa Bonifácio (este, o VIII - 1294-1303), pois o autor do prólogo seria o tradutor italiano, contemporâneo de Ângelo Clareno, e não o tradutor português.

Para essa hipótese corroboram 03 fatos. O primeiro é a existência de uma corrente migratória de códices apontada por Martins (1956, p. 258-261)<sup>127</sup>. O segundo, o episódio presente no prólogo, em que Ângelo Clareno subitamente aprende grego por um milagre divino, o que o eleva da posição de segregativo e excomungado, a uma posição venerável. Georg Voit (1889, v. II, p. 99-[?])<sup>128</sup> alude a tal episódio quando trata da tradução latina de obras gregas por Ângelo Clareno: "Angelo da Cingoli, che «ricevette in dono speciale da Dio la lingua greca»...". Parece razoável supor que o citado evento sobrenatural fez parte do ramo italiano da tradição pela estratégia de valorização do autor da versão latina da qual se serviu Gentile da Foligno, e conjecturar uma relação entre a tradição italiana e portuguesa, pela presença do episódio em ambas<sup>129</sup>. E, por último, corrobora o fato de o franciscano Álvaro Pais – outrora da mesma ordem de Clareno<sup>130</sup> na Itália e com quem se correspondeu – passou algum tempo em 1344 no Mosteiro de Alcobaça<sup>131</sup>.

Em contraposição, nas obras de referência consultadas para o presente estudo<sup>132</sup>, não se encontrou menção ao "episódio maravilhoso" da tradução de Clareno, nem nos manuscritos italianos trecentistas (de Gentile da Foligno) supérstites na região da Toscana, dos quais se teve notícia<sup>133</sup>, nem está na edição italiana de 1492<sup>134</sup>, do mesmo ramo. Contudo, seguindo-se o texto da edição de 1492, há notável semelhança com o texto alcobacense (alc. 213), tendo-se em conta o fato de ambos serem traduções<sup>135</sup>. Como no texto medieval-português, encontra-se a invocação divina identificação da autoria da obra, o título alternativo "como auemo<<s>> de fugir do mudo", algumas informações sobre a obra e o sumário dos capítulos que, como no testemunho

<sup>126</sup> <http://www.encyclopediacatolica.com/f/fraticelli.htm>.

<sup>127</sup> Trecho de exemplo: "À Biblioteca de Alcobaça iam parar livros sem conta, cheios de temas comuns a toda Europa, [...] grande multidão de códices, com obras nascidas em desvairadas gentes e remotos lugares e tempos."

<sup>128</sup> <http://www.hellenismos.com/Articles/Voigt5.htm>.

<sup>129</sup> Para essa conjectura, corrobora o fato de Gentile da Foligno também haver traduzido a obra de Clareno *Historia septem tribulationum ordinis minorum*. Há notícia de mss. desse texto e uma edição de 1959 (Roma: Ed. A. Ghinato)

<sup>130</sup> Os já citados "espirituais" – dissidentes da Ordem dos Franciscanos que interpretavam com rigor as palavras de São Francisco (especialmente no tocante ao voto de pobreza), mesmo que desobedecessem ao papa.

<sup>131</sup> Cf. ALMEIDA, 2004, p. 266, 267.

<sup>132</sup> Dentre essas, os verbetes pertinentes nas enciclopédias católicas. A ENCICLOPEDIA Cattolica (Città del Vaticano: Enciclopedia Cattolica e per il Libro Cattolico, 1948, v. 1, colunas 1769-1770) cita as traduções de três textos gregos por Clareno, mas não menciona o suposto evento sobrenatural. Contudo, afirma que, apesar de insubordinado, foi venerado como um santo por seu caráter íntegro e altos ideais.

<sup>133</sup> Cf. acervo eletrônico da Biblioteca em Livorno, Biblioteca dei Cappuccini Pr.7.12 XIV.2, (fóls. 1r-84v, mutilado) e Lucca, Biblioteca Statale - 1282 - XIV terzo quarto (fóls. 1r-146v). Disponível em: <http://www.cultura.toscana.it/biblioteche/tutela/progetti/codex/catalogo.shtml>. Acesso em 21 ago. 2006.

<sup>134</sup> Cf. fac-símile em documento eletrônico da Biblioteca Nacional da França. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/>.

<sup>135</sup> Convém lembrar que não é intenção do presente trabalho fazer um cotejo entre testemunhos, mas, quando assim se procede, objetiva-se primordialmente a inteligência do texto medieval-português.

português, por vezes, não coincide com as rubricas internas. Além desses fatos, há coincidência de trechos entre os testemunhos que reforçam a hipótese mencionada, por exemplo, no capítulo 27 a permanência de expressão "Verbi gracia" e citações em latim do Salmo 103 (vd. ANEXO C). Se o testemunho medievo-português do cód. 213 fosse tradução do testemunho latino do cód. 387, ambos alcobacenses, não haveria explicação para essa coincidência com o testemunho italiano, posto que o pretense objetivo de ambos era por a obra em 'língua vulgar'.

Ainda no prólogo, há outro erro curioso, que, se o parentesco com a tradição italiana for real, estará explicado. Entre as linhas 87-88, o copista alcobacense afirma que, dos trinta degraus, "Oprimeiro he da fe e da speranza e da caridade de uína". Na obra de Clímaco, no entanto, é "do fugir do mundo e das cousas terreaãs" (linhas 94-95). Se não for por confusão com outra *Scala coeli*, de São Jerônimo, da qual há cópias quatrocentistas em castelhano<sup>136</sup>, também em 30 degraus, em que o primeiro degrau é a fé, poderá ser um salto-bordão feito pelo copista português, o que se pode perceber quando se compara com o mesmo trecho na tradução italiana:

Versão alcobacense (linhas 86-88)	Versão italiana (1492)
Onde se <i>conteem</i> ã este <i>liuro trinta graaõs</i> Oprimeiro he da fe e da speranza e da caridade de uína	Onde cõtine questo libro trẽta gradi. El primo sie del renuntiamer to del mondo. El trigesimo sie della fe de speranza & charita diuina.

Quadro 1: comparação entre excertos da versão portuguesa e da versão italiana

Acerca do sumário da obra, a versão alcobacense o apresenta no fól. 4v, e os títulos dos capítulos diferem das rubricas, pelo uso de paráfrase nestas ou naqueles, ou ainda por alternar a referência à virtude a ser buscada com o vício antagônico, como se pode conferir nos seguintes exemplos:

Grau / Capítulo	Sumário	Rubrica
3º	Da perfeita peregrinação [...]	De como o homem deve ser peregrino e fugir da sua terra [...]
9º	Do esquecimento das injúrias recebidas [...]	[...] de como o homem deve haver em ódio a malícia e o rancor [...]
10º	De fugir a julgar a outrem, que é cousa muito louvável	Da detração, quanto é má
11º	Do silêncio da boca [...]	Do muito falar
14º	Do jejum e da abstinência [...]	Da gargantoice

Quadro 2 - Títulos de capítulos no sumário e nas rubricas (transcrição modernizada)

Ao comparar o sumário do testemunho português com o da tradução italiana de Gentile da Foligno (edição quatrocentista)<sup>137</sup>, nota-se coincidência da ordem dos títulos listados e grande semelhança dos respectivos comentários. A edição italiana de Trevisan (1941), derivada de outro

<sup>136</sup> Biblioteca do Monasterio San Lorenzo de El Escorial, sob a cota L.II.10; Madrid, Academia de la Historia, códice 101.

<sup>137</sup> Cf. ANEXO B do presente trabalho.

ramo da tradição (tradução feita a partir da versão grega de Radero - séc. XVII), também apresenta os capítulos na mesma ordem. Entretanto, na edição portuguesa de Almeida Junior (1902), derivada da tradução espanhola quinhentista filiada à latina de Ambrósio Camaldulense (séc. XIV), a ordem dos capítulos 17º ao 23º não coincidem.

#### 1.4.2 Capitulação e divisão de assuntos

Uma vez que o sumário da obra acima comentado também constitui parte da edição apresentada neste trabalho, torna-se desnecessário pormenorizar a capitulação. Nesta seção, serão feitos apenas apontamentos relacionados à organização dos assuntos com vistas à progressão temática, à assimetria relativa ao tamanho dos capítulos e às falhas na numeração.

Uma vista d'olhos sobre os assuntos dos capítulos permite perceber que os 23 primeiros capítulos ressaltam a necessidade de refrear os desejos – ou 'vícios' – da natureza humana como condição para alcançar as virtudes apresentadas nos 7 últimos capítulos. O autor afirma no fól. 45r: "Todos llos outros viçios epecados • se destruen / cada hũ perlla virtude *contraíra*" (EC, linhas 6409-6411).

Trevisan (1941, p. 26-27) propõe uma divisão da *Escada* em três partes: i) afastamento do mundo e dos interesses terrenos, e entrada na religião (cap. 1º ao 3º); ii) fundamento e desenvolvimento da vida ascética (cap. 4º ao 26º); iii) a mais alta etapa da vida ascética - a iluminação divina (cap. 27º ao 30º).

Há uma disparidade de tamanho entre os capítulos. Os capítulos 4º, 15º, 25º, 26º e 27º são bastante extensos, ocupando, cada um, entre 31 e 73 colunas, enquanto outros ocupam, individualmente, entre 3 e 23 colunas aproximadamente.

Acerca das falhas de numeração dos capítulos nas rubricas, há dois fatos que convém apontar: i) dois capítulos recebem a numeração "xxiiiij<sup>mo</sup>", fazendo com que a próxima numeração saltasse para "xxvj"; ii) dois capítulos foram subdivididos – o 23º (duas partes) e o 26º (três partes) –, o que fez com que o número de capítulos não coincidisse com o número de capitulares (33, já excetuadas as duas do prólogo e sumário). A falha na numeração dos capítulos não compromete a seqüência do texto, porque ao final de cada capítulo uma parte da rubrica seguinte é adiantada.

#### 1.4.3 Relação entre o título e conteúdo doutrinário

A obra *Escada Celestial*, que rendeu ao autor seu segundo nome – Clímaco –, é designada no prólogo do testemunho medievo-português por três nomes significativos: "como auemo<<s>> de fugir do mundo" (EC, rubrica, linhas 65-67), "tauoas *spirituães*" (EC, linha 75) e "santa

escaada" (EC, linha 78). O primeiro desses nomes a identifica com vários tratados ascéticos, pelo tema comum – *contemptu mundi*, ou desprezo e renunciamiento do mundo –, presente, entre outras obras, no Livro de Isaac de Nínive (séc. VII), do qual uma parte circulou em latim sob o título *Liber de Contemptu Mundi* (cf. CAMBRAIA, 2000, p. 22, 37)<sup>138</sup>. O segundo nome, "tauoas spirituãães", identifica a síntese doutrinária que essa obra apresenta às tábuas da 'aliança' ou do 'testemunho' que, segundo a tradição judaico-cristã, Moisés recebeu de Deus no Sinai<sup>139</sup> – região onde Clímaco compôs sua obra também. Tal analogia foi feita pelo próprio abade de Raytu, que encomendou a obra ao autor (fól. 125v)<sup>140</sup>. O último nome, "santa escaada", recorda o sonho de Jacó (Gênesis, cap. 28, vers. 12); seus trinta degraus, os trinta anos da vida oculta de Jesus, que precederam aos três anos de vida pública. Essa relação está explícita nas passagens abaixo:

As santas virtudes / som asemelhadas / aa esca<<a>>da que viu Jaco<<b>>  
(EC - Linhas 5787-5789 - fól. 40v)

qua eu soon veudo a aprender • como Jacob • veerte acostada • e firmada • sobre a sancta escaada • Rogote • que digas amj̄ amador // qual he <{aquesta}> figura desancta carreira /• de tornar ao ceo • comuẽ assaber da escaada  
(EC - Linhas 16175 a 16180, fól. 115v, no diálogo do autor com a Caridade)

qua nẽ hũũ estado de homẽ perffeito nõ he na mj̄dida da ydade do comprimẽto de christo /• oqual na ydade vísiujl dos xxx<sup>ta</sup> annos foj (/) baptizado En aquesta Intellectual escaada sobre o mais alto grao dos trinta  
(EC - Linhas 16238-16243, fól.116r)

A escada é por excelência o símbolo do esforço gradual para ascender à perfeição, presente nas mais diversas culturas. É possivelmente por essa razão que, dos três nomes designadores da obra em estudo, *Escada Celestial* foi o que se fixou.

#### 1.4.4 Tema universal, intertextualidade vs. originalidade

A união de terra e céu por meio escalonado ocorre na narrativa bíblica mesmo antes do mencionado sonho de Jacó e remonta aos tempos pré-babilônicos. No episódio da construção da torre de Babel, narrado em Gênesis 11, encontra-se: "edifiquemos para nós [...] uma torre cujo topo chegue até aos céus" (vers. 4). A edificação de zigurates era costume entre os sumérios, para fins religiosos e para observação dos astros<sup>141</sup>. O próprio nome *Babel*, do hebraico *Bābhel*, significa 'portão de deus'<sup>142</sup>.

<sup>138</sup> Com o título *De Contemptu Mundi* encontram-se obras de Petrarca (séc. XIV), Bernardo de Morlaix (séc. XII), Erasmo de Rotterdam (séc. XVI), Papa Inocêncio III (séc. XIII).

<sup>139</sup> Cf. Êxodo 31:18 e 34:28,29.

<sup>140</sup> No referido fólho, está: "que mãe a nos yd<<i>>oatas algũũ bem e doutrina daquello que en deus as visto e cõtenprado • qua assy como en este meesmo monte pelo teu passado vyo moyses contẽprador adeus • e nouas tauoas de deus ouue escriptas pera saluaçõ do poboo".

<sup>141</sup> Cf. ZIGURATE. In: Houaiss, 2002.

<sup>142</sup> Esse nome se tornou sinônimo de 'confusão' ou 'mistura', pela etimologia popular baseada numa raiz hebraica similar, *bālal*, com tal acepção (Cf. DOUGLAS, J.D. (org.), *O novo dicionário da Bíblia*, v. 1, p. 177).

Chevalier *et al.* (2003)<sup>143</sup> apresentam diferentes aspectos do simbolismo da escada que merecem atenção; dentre os quais, está o de símbolo das permutas e das idas e vindas entre o céu e a terra, a noção de um contato primordial entre essas dimensões que teria sido posteriormente interrompido, além de suporte imaginário para ascensão espiritual como transcendência da natureza humana. Assim, como permuta, tem-se no *Paraíso* de Dante: "vi em seu centro uma escada de ouro que se elevava tão alto que a mais atilada vista não lhe poderia perceber o fim. Pelos degraus dessa escada desciam tantos lumes brilhantes que fui levado a pensar que ali se houvessem concentrado todas as luzes do Céu"<sup>144</sup>. Como exemplo das idas e vindas entre céu e terra, tem-se na escada do sonho de Jacó, narrada no capítulo 28 de Gênesis, anjos subindo e descendo e o próprio Deus se pondo próximo a Jacó para proferir-lhe uma bênção, pelo que Jacó, despertado, exclama: "Quão temível é este lugar. É a casa de Deus, a porta dos céus" (vers. 17). Tal narrativa tipifica, na interpretação de muitos cristãos, a própria vinda messiânica, corroborada pelas palavras de Jesus no evangelho de João: "em verdade vos digo que vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem" (cap. 1, vers. 51). O próprio Padre Vieira usa dessa interpretação, no Sermão do Mandato: "Revelou Deus a Jacó que naquela escada era significado o mistério altíssimo da Encarnação do Verbo, e que para ele, Jacó, [e] os outros homens poderem subir ao céu, ele, Deus, havia de descer do céu à terra"<sup>145</sup>. E, por fim, como símbolo ascensional, tem-se a escada em vários textos patrísticos, como o de Isaac, o Sírio – "A escada deste reino está escondida dentro de ti, na tua alma. Lava-te, pois, do pecado, e descobrirás os degraus por onde subir"<sup>146</sup>–, e especialmente o texto de João Clímaco, em que se manifesta como um gradativo desapego dos vícios e apelos da natureza humana, rumo ao ápice da elevação espiritual pelo cultivar das virtudes (vd. EC - cap. 30).

Dada a sua força simbólica, a *escada mística* é um tema recorrente na literatura cristã evocado por vários autores, além de Isaac e João Clímaco. Via de regra, é apresentada como meio que possibilita ao homem aproximar-se da perfeição espiritual pelo domínio dos desejos humanos e o exercício constante das virtudes, até seu encontro com Deus. Excetuando numerosos sermões baseados fundamentalmente na *escada de Jacó*, dentre os quais os de Gregório Magno (*ca.* 540-604) e Isidoro de Sevilha (560-636), encontra-se a *escada espiritual* em textos anteriores ao de Clímaco, como a de dez degraus proposta por Cassiano (*ca.* 360-435); a de doze degraus, da regra de São Bento<sup>147</sup> (*ca.* 480-547); a de trinta degraus, de São Jerônimo (*ca.* 342-420) – já mencionada; a *Scale Paradisi* de Santo Agostinho (354-430). De Agostinho, há um sermão em

<sup>143</sup> CHEVALIER, Jean *et al.*, 18ª ed., 2003, p. 378-382 *passim*.

<sup>144</sup> DANTE. Divina Comédia - Paraíso, canto XXI (para a citação foi usada uma versão em prosa, pelo que não se mencionam aqui os versos, como fizeram CHEVALIER & GHEERBRANT *et al.* (*op. cit.*, p. 378)).

<sup>145</sup> <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000001.pdf>. Nas edições digitais consultadas, não havia a conjunção <e>, acrescentada à citação, com base na edição portuguesa das obras completas do autor: VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1959. v. II, p. 397.

<sup>146</sup> *Apud* CHEVALIER *et al.*, 2003, p. 379 (não se encontrou o trecho correspondente na versão medieval portuguesa do Livro de Isaac, cód. 50.2.15 (BNB). Possivelmente, sua fonte seja o livro clássico da Igreja Oriental, *Pequena Filocalia*, um florilégio de sentenças e explicações dos santos padres antigos do Oriente. Há no dicionário de CHEVALIER *et al* referência à edição francesa (PHILIPPE, Robert. *La petit philocalie de la prière du coeur*. Trad. de Jean Gouillard. Paris, 1953).

<sup>147</sup> No cap. 7, da Humildade, há uma comparação explícita com a 'escada de Jacó', para ilustrar o duplo movimento: "pela exaltação se desce e pela humildade se sobe."

que comenta a escada da visão de Santa Perpétua, à hora de seu martírio (†203), afirmando que a cabeça do dragão forma o primeiro degrau da escada, isto é, não se começa a ascensão sem primeiramente esmagar aos pés o dragão (AGOSTINHO, Sermão, 280, 1)<sup>148</sup>.

A propósito da citada visão, há um paralelo curioso entre a cena descrita por Santa Perpétua e a iconografia, muito posterior, que tradicionalmente ilustra a *Escada Celestial* de João Clímaco, como se pode ver abaixo:

"Eu vejo [...] uma escada de bronze de uma espantosa grandeza, chegando até o céu e tão estreita que só uma pessoa de cada vez pode subi-la: sobre os montantes da escada, toda espécie de ferros estão cravados; há espadas, lanças, ganchos pontiagudos, gládios; de tal maneira que, se alguém subisse descuidadamente, e sem fixar sua atenção no alto, seria dilacerado [...]. E havia, deitado na escada, um dragão de tamanho impressionante, que armava emboscadas àqueles que subiam, amedrontando-os para impedi-los de continuar a escalada. Quanto a mim, quando pisei o primeiro degrau, esmaguei-lhe a cabeça."<sup>149</sup>



Fig. 1 - Ícone da *Escada Celestial* - frontispício de um ms. grego - Mosteiro de Santa Catarina do Monte Sinai<sup>150</sup>

Além da semelhança entre a cena descrita e a representada icônicamente, ainda outro paralelo entre a visão de Santa Perpétua e a doutrina presente na obra de Clímaco pode ser traçado, a partir de dois pontos: sobe-se a *escada celestial* individualmente, e com os olhos fixos no topo: "Eassy como he ã possiujll [...] • em hũu esguardamento • guardar cõhũu olho ã no çeẽõ e cõ outro na terra /(•) Assy he empossuijl de nõ morre(r) / quanto • aalma Todo aquelle que dos seus parentes e dos outros nõ se faz perfectamente peregrin" (EC, fól. 10v, linhas 1142-1148). Após fugir do mundo (1º degrau) e se desapegar das coisas terrenas (2º degrau), aquele que sobe a *escada celestial* abandona voluntariamente sua terra (3º degrau), para não dar ocasião à tentação, "Porque apoma que o homẽ nõ uee nõ he tanto desejada" (EC, fól. 9v, linhas 986-987). Assim, para Clímaco, a meta do monge é a contemplação de Deus. A preocupação primordial do monge deve ser aperfeiçoar a si mesmo, e isso implica quiescência e vida solitária. Não há, na doutrina desse autor, incentivo ao apostolado (cf. J. MATTOSO, 1969, p. 860), o que só veio a mudar com a perseguição iconoclasta, no séc. X.

<sup>148</sup> Apud CHEVALIER et al., loc. cit.

<sup>149</sup> Cf. *Passio S. Perpetuae*, n. 4, apud CHEVALIER et al., 2003, p. 379.

<sup>150</sup> Cf. <http://www.serfes.org/orthodox/divine.htm>.



O próprio Clímaco sugere que sua *Escada* guarda semelhanças com textos doutrinários anteriores (vd. EC, linhas 8192-8204; 8443-8450; 8947-8949; 10365-10422; 11190-11198; 14679-14686), e, na carta responsiva ao abade João de Raytu, roga ao futuro leitor que se alguma coisa achasse proveitosa nas suas palavras, que imputasse o crédito àquele abade (cód. alc. 213, fól. 126v). Os "divinos e santos costumes e doutrinas espirituais" (fól. 126v) por ele arrolados não se pretendem originais; ao contrário, em textos dogmáticos como o seu, a originalidade é tida como perigosa, na medida em que o respaldo da tradição é desejável. A importância da idéia de autoria na Idade Média difere da atual, visto que a imitação dos bons modelos se sobreponha à busca da originalidade.

Os temas tratados na *Escada Celestial* não a particularizam dentre as obras cristãs, nem às cristãs dentre outras obras, sejam islâmicas, budistas, hindus etc. A escalada ascensional pela fuga do mundo e dos apelos terrenos, o deserto como lugar de exílio voluntário que favorece a quietude, o silêncio e a escuta necessários para o autoconhecimento, a transcendência, a consciência da efemeridade da vida pela memória da morte, o abandono dos vícios e o cultivo das virtudes fazem parte de um temário comum a diversas culturas e religiões.

João Clímaco lançou mão desses "já-ditos"<sup>151</sup>, ora explicitando a intertextualidade, ora não, como fizeram outros autores que o sucederam, a partir de sua obra, idéias, exemplo, ou do mesmo tema. Para ilustrar tais apropriações, pode-se citar o conto filosófico de Kierkegaard – *Johannes Climacus ou É preciso Duvidar de Tudo* –, em que, além de seu nome, traços de sua personalidade supostamente introspectiva e o hábito de construir suas reflexões como uma escada que conduz um pensamento rudimentar a um mais elaborado, caracterizam o protagonista:

Seu prazer consistia em começar por um pensamento particular, a partir dele seguia o caminho da consequência, escalando degrau por degrau até um pensamento mais alto, pois a consequência era a seus olhos uma *scala paradisi* [escala do paraíso], e a sua beatitude lhe parecia maior até que a dos anjos.<sup>152</sup>

De igual modo, pode-se citar São Bernardo e suas duas escadas: a da humildade, com 12 degraus que conduzem à caridade e à verdade; e a da soberba, com 12 degraus que conduzem à degradação<sup>153</sup>.

O que particulariza a *Escada Celestial* de João Clímaco é seu estilo de argumentação, caracterizado por uma espécie de 'psicologia empírica', pela compreensão que demonstra do comportamento e da condição humana e seus conflitos. O autor doutrina por meio de numerosas definições, curtos aforismos, muitas histórias que lhe servem de alegoria para seus preceitos, e, peculiarmente, pela personificação das virtudes e vícios. São numerosas as citações bíblicas, diretas e indiretas, além das menções a santos, ascetas e filósofos. Contudo, se toda sua argumentação e orientações práticas tivessem de ser ilustradas por apenas um versículo, este seria o de Mateus 11:12: "o reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam

<sup>151</sup> Entenda-se *repertório*.

<sup>152</sup> KIERKEGAARD, 2003, p. 7.

<sup>153</sup> Cf. LEMOS, 2004, p. 479 (nota 9).

dele", contrapondo-se à idéia de Orígenes – a quem Clímaco qualifica de 'sandeu' – de que pela infinita bondade de Deus todas as almas se salvam (cf. EC, fól. 30v).

## CAPÍTULO 2

### EDIÇÃO PALEOGRÁFICA DE *ESCALADA CELESTIAL* (CÓD. ALC. 213)<sup>154</sup>

#### 2.1 - O CÓD. ALC. 213

##### 2.1.1 Identificação, datação e autoria da cópia

O único testemunho medieval de *Escada Celestial* em português, de que há notícia, encontra-se no códice que pertenceu à livraria manuscrita do mosteiro cisterciense de Santa Maria de Alcobaça sob o nº CCLXXIVa (cf. SILVA NETO, 1956, p. 79)<sup>155</sup>, e hoje se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa, sob a cota ALC 213.

O códice alc. 213 tem sua data estimada na segunda metade do século XV (cf. LEMOS; 2004, p. 478; MARTINS, 1956, p. 403; SILVA NETO, *loc. cit.*; ASKINS, FAULHABER, e SHARRER, 2006<sup>156</sup>).

A autoria da cópia é desconhecida, pois não há identificação do copista em nenhuma parte do códice, e não há presença de colofão. Amos (1989, p.113) sugere que o códice inteiro tenha sido copiado por três mãos, sendo que a parte em que se encontra a *Escada Celestial* apresenta a escrita de um único punho.

##### 2.1.2 Descrição codicológica

A descrição feita a seguir baseia-se nas informações apresentadas por Silva Neto (1956, p. 79), Amos (1988, p. 113-114), Almeida (2001, p. 112-123), Lemos (2004, p. 478), e no que se pôde observar a partir de cópia microfilmada<sup>157</sup>, por não ter sido possível o exame do manuscrito original, o qual se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa.

---

<sup>154</sup> A semelhança de 'molde' com o trabalho de Cambraia (2000) não é apenas consciente, como também propositada e com anuência desse autor, dada a intenção de propiciar aos estudos diacrônicos fontes de dados distintas feitas sob critérios semelhantes.

<sup>155</sup> No microfilme do ms. é visível a numeração em algarismos arábicos (274) no plano anterior da capa, e não em algarismos romanos, como dá a entender descrições prévias, como a de SILVA NETO (*loc. cit.*), por exemplo.

<sup>156</sup> <http://sunsite.berkeley.edu/Philobiblon/BITAGAP/1029.html>.

<sup>157</sup> A reprodução fac-similar do ms. e a edição paleográfica apresentadas neste trabalho foram feitas a partir do microfilme do cód. alc. 213, adquirido pelo Prof. Dr. César Nardelli Cambraia em 11.07.2001 junto à Biblioteca Nacional de Lisboa, e cedido para este fim.

### 2.1.2.1 Matéria subjetiva<sup>158</sup>

O cód. alc. 213 é composto de 143 fólhos de papel. A dimensão dos fólhos é de 278 x 204 mm.

Considerando o número total de fólhos, pode-se dizer que a maioria encontra-se em bom estado, embora vários borrões dificultem ou até impeçam a leitura de alguns trechos, como nos fólhos: 5r; 8v; 11r a 12r; 20r; 20v; 22r a 23v; 25r a 26v; 29r a 32v; 47r a 49v; 59r a 60v; 73v; 115v; 116r; 126v; 137r; 139r; 139v; 142v a 143r. Menos numerosos são danos como rasgos e furos: no fólho 65 há uma mancha ou rasgo no canto inferior direito, e no fólho 94 parece haver um furo na parte interna da margem inferior<sup>159</sup>.

Antecedendo aos fólhos do códice, há uma folha de rosto (vd. ANEXO D) - de papel, possivelmente colocada no séc. XVIII, como foi também nos demais códices alcobacenses (Cf. ANSELMO 1926, p. 20, *apud* CAMBRAIA, 2000, p. 65)<sup>160</sup>, a qual sumariza o conteúdo. Essa síntese omite o que se encontra antes da obra *Escada Celestial* nos fólhos. 1r-3v, que, segundo Amos (1988, p. 113), Silva Neto (1956, p. 79) e Lemos (2004, p. 478), são fragmentos extraídos das *Colaões* de João Cassiano. Tais fragmentos são retomados nos fólhos. 141v a 143v, como indicou o copista no fólho. 3v que se faria (nota na margem inferior): "Vayte ao cabo d(e)st<e> liuro atal sinal † h(i) acharas oque mjngua d(e)sta colacom". A lista das obras também omite que o texto entre os fólhos. 126v a 141r seja excerto do *Livro das Confissões* de Martins Perez, e sugere que esse extrato talvez pertença à epístola de João Clímaco, a qual o antecede (fólho. 126r-126v). Tal excerto não tem capitulares, mas as letras de espera (13) são visíveis.

No plano anterior da capa está escrito "Cod. 274" (identificação original), na parte superior, em alinhamento centralizado. Pelo que se vê no microfilme, é possível discernir três nervuras verticais em sua extensão. No plano posterior está escrito com outro material "XV", em mesma posição e alinhamento.

### 2.1.2.2 Matéria aparente<sup>161</sup>

Duas cores de tintas foram utilizadas no códice: a vermelha, apenas para as iniciais e rubricas, e a preta para o corpo do texto (cf. SILVA NETO, 1956, p. 79; LEMOS, 2004, p. 478). Pode-se presumir que as assinaturas também fossem em vermelho, pelo que afirma Almeida (2001, p. 123).

<sup>158</sup> Expressão tomada aqui, como em CAMBRAIA (2005, p. 65), como equivalente a 'suporte material'.

<sup>159</sup> Convém esclarecer que a mancha que ocorre sistematicamente na 2ª coluna de todos os versos dos fólhos do fac-símile utilizado neste trabalho é devida a uma falha do processo de digitalização do microfilme, e em sua maioria não coincidem com danos no ms. Para contornar esse problema, foram feitas correções na edição a partir do microfilme.

<sup>160</sup> ANSELMO, António Joaquim. *Os códices alcobacenses da Biblioteca Nacional*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1926.

<sup>161</sup> Expressão aqui equivalente à 'tinta' (cf. CAMBRAIA, 2005, p. 68).

### 2.1.2.3 Encadernação

Os 143 fólhos do códice alc. 213, distribuídos, ao que parece, em 13 cadernos em formato *in-fólio*, não apresentam reclamos. Não há assinaturas entre os 03 fólhos iniciais, nem entre os 29 fólhos finais. Há assinatura no princípio de cada caderno (exceto nos correspondentes aos fólhos citados), ora em algarismos romanos, ora em abreviatura. O último caderno assinado é o 11º, que começa no fólho 114r. Presume-se, então, que compõem 3 quínios finais os fólhos entre 114 e 143. A composição dos 13 cadernos seria de 05 sênios (I-V<sup>12</sup>), 08 quínios (VI-XIII<sup>10</sup>), e 03 fólhos avulsos (ou 01 fólho avulso e um bínio, do início do códice), que possivelmente fariam parte de um caderno com o texto de João Cassiano, do qual faltam os primeiros fólhos. Pelo número total de fólhos e localização das assinaturas, a composição dos cadernos completos pode ser assim exposta:

	Cadernos	Fólho inicial	Fólho final	Total de fólhos
Sênios	I	4r	15v	12
	II	16r	27v	12
	III	28r	39v	12
	IV	40r	51v	12
	V	52r	63v	12
Quínios	VI	64r	73v	10
	VII	74r	83v	10
	VIII	84r	93v	10
	IX	94r	103v	10
	X	104r	113v	10
	XI	114r	123v	10
	XII	124r*	133v	10
	XIII	134r*	143v	10

Quadro 3 - Composição dos cadernos  
(\* ) Cadernos sem assinatura.

O códice parece ter sido feito em pelo menos dois momentos distintos e reencadernado, pois pode-se ver assinaturas riscadas dos cadernos 6º ao 11º, cuja numeração anterior era do 1º ao 6º respectivamente. Para essa hipótese, corrobora o fato de o 5º caderno terminar no meio da 2ª coluna, preenchendo o espaço restante com o esboço de uma figura humana, curiosamente num códice sem iluminuras e com o aproveitamento total da mancha nos demais fólhos.

### 2.1.2.4 Foliação

Há cinco numerações em algarismos arábicos no códice alc. 213<sup>162</sup>, todas na margem superior do *recto* dos fólhos, à direita, feitas por dois punhos distintos. Um punho numera do

<sup>162</sup> Há registro de 03 algarismos romanos, como exceção, os quais serão citados adiante.

início ao fim do códice (1-143). O outro punho numera de **1 a 60** a partir do prólogo da obra até o fim do cap. 21 (fim do 5º caderno, no fólio 63v da numeração contínua do códice); de **1 a 63**, iniciando no cap. 22 (início do 6º caderno, no fól. 64r da numeração contínua do códice) e terminando no fólio único da carta responsiva de João Clímaco à João, abade de Raytu (fól. 126r da numeração contínua do códice); de **1 a 12**, a partir do 3º fólio dos excertos do livro de Martins Perez (iniciados após a citada carta responsiva, da qual se separa apenas por pontuação correspondente a ponto final <.:>, no fól. 126v da numeração contínua), encerrando no fól. 139r da numeração contínua, dois fólhos antes do término dos referidos excertos (essa numeração alterna algarismos arábicos com romanos – nomeadamente, vj, x e xj); **1 a 4**, iniciando no penúltimo fólio dos excertos do livro de Martins Perez e encerrando após o término da primeira colação de Cassiano interrompida no começo do códice (fól. 3v da numeração contínua), seguida de alguns versos de louvor à Virgem Maria, que misturam latim e português.

Por meio da comparação da escrita dos punhos que fizeram a foliação e do que fez o índice da folha de rosto, é possível crer que: i) o mesmo punho que fez o índice da folha de rosto (séc. XVIII) numerou de forma contínua os fólhos do códice; ii) as numerações feitas pelo outro punho são, possivelmente, contemporâneas da cópia (séc. XV)<sup>163</sup>. Os fatos que levam a essas conclusões são os seguintes:

- a) A diferença entre o primeiro e o segundo punho a trabalhar na foliação é facilmente perceptível. Veja-se, no exemplo do fól. 43, a escrita do nº 4: < <sup>43</sup>40 >.
- b) A diferença de material de escrita das duas numerações é evidente ao exame e é, de certa forma, explicitada no índice da folha de rosto: < <sup>Fol. 4 [consp. a lapis]</sup> > (o primeiro vocábulo é de leitura duvidosa, mas a expressão "a lapis", em seguida, é inteligível).
- c) Há considerável semelhança entre a escrita dos algarismos na folha de rosto e na numeração contínua dos fólhos. Vejam-se, para exemplificação, alguns casos: < <sup>h</sup> > (folha de rosto) e < <sup>4</sup> > (fól. 141); < <sup>25</sup> > (folha de rosto) e < <sup>25</sup> > (fól. 25); < <sup>116</sup> > (folha de rosto) e < <sup>16</sup> > (fól. 16).

As evidências acima mostram que a inclinação da escrita e a maneira de se traçar alguns algarismos distinguem os dois punhos que fazem a foliação do códice e identificam um deles ao punho responsável pelo índice da folha de rosto.

<sup>163</sup> Ao identificar o punho que escreveu a folha de rosto ao que numerou o códice de forma contínua, a primeira hipótese contraria a afirmação feita em Amos (1988, p.113), de que essa numeração seria atual (séc. XX). A segunda hipótese, de que a numeração que começa no primeiro fólio do texto *Escada Celestial* seria do séc. XV, é corroborada por Amos (*loc. cit.*).

#### 2.1.2.5 Pautado e margens.

A dimensão da mancha de 216 x 152 mm. O texto é disposto em duas colunas, cuja composição varia de 36 a 48 linhas / coluna. Cada face de fólio tem em média 90 linhas.

Os traços que delineiam a pauta e as margens são visíveis em alguns fólhos. A margem de cabeça dos fólhos 5r a 125r apresenta o número e/ou título abreviado do capítulo, no caso da obra *Escada Celestial*, ou título da obra, no caso dos dois textos seguintes. Segundo Almeida (2001, p.123), repetir o fundamental das rubricas a toda largura do verso e recto dos fólhos subseqüentes é uma estratégia de agilização de consulta, pela simples abertura do códice. Pode-se dizer que essa prática também compensa, em certa medida, a falta de reclamos.

#### 2.1.2.6 Marcas de carimbo

Com base no fac-símile, pode-se dizer que há apenas uma marca de carimbo no códice, nomeadamente a da Livraria de Alcobça, presente nos fólhos 1r e 4r<sup>164</sup>. Cambraia (2000, p. 76), ao descrever essa marca também presente no cód. alc. 461, afirma que suas dimensões são de 26 x 23mm. Ao redor de um emblema não distinguível no microfilme (o qual Cambraia (*ibid*) supõe ser um escudo do Reino de Portugal), está escrito "LIVRARIA DE ALCOBAÇA".



Figura 2 - Reprodução da marca de carimbo do cód. alc. 213

#### 2.1.2.7 Marcas d'água

Segundo Almeida (2001, p.122), Anselmo (1930)<sup>165</sup> identificou e assinalou quatro marcas-d'água nos fólhos onde se encontra a *Escada Celestial*. Uma vez que tais marcas só são visualizadas quando se consulta o original contra a luz, não se pode dizer aqui em que fólhos se encontram.

<sup>164</sup> Estranhamente, não aparece nenhuma marca de carimbo da Biblioteca Nacional (Lisboa), atual guardadora do códice, na cópia microfilmada adquirida em 2001. O carimbo dessa instituição aparece no códice alc. 461, também sob sua guarda.

<sup>165</sup> ANSELMO, António Joaquim. *Inventário dos códices alcobacenses*. Lisboa: Biblioca Nacional, 1930.

### 2.1.3 - Apontamentos paleográficos

#### 2.1.3.1 - Classificação da escrita

Descrições anteriores classificam a letra do cód. alc. 213 genericamente como gótica, ou gótica híbrida<sup>166</sup>. Esta última parece ser mais compatível com o que se observa da escrita nesse códice, pois é freqüente o uso de letras unciais ao lado das góticas, especialmente os grafemas <a> e <m>.

#### 2.1.3.2 - Comentários gerais



Os apêndices A e B deste trabalho apresentam, respectivamente, os quadros dos grafemas apresentados no ms. e das abreviaturas mais freqüentes. A descrição da morfologia de cada sinal gráfico distinto é, portanto, desnecessária nesta seção. São apresentados, a seguir, apenas os fatos dignos de comentários ou que constituíram pontos de tensão na etapa de transcrição do ms.

##### 2.1.3.2.1 Capitulares

O códice apresenta 35 capitulares. O rubricador não fez as capitulares nos fólhos 130r, 131v, 132r, 134r, 135r, 135v, 137v, 138v, 139v, 140v e 143v. Nos fólhos 141v, 142r e 142v há presença de capitulares, sem a ornamentação das anteriores e em menor módulo – altura de 03 linhas, enquanto as anteriores alcançavam freqüentemente de 04 linhas a 06 linhas, chegando até a 9 linhas (3º capítulo).

##### 2.1.3.2.2 Alógrafos

Alguns grafemas apresentam formas distintas, dependendo da posição em que ocorrem no vocábulo. No ms. alc. 213, podem ser elencados os seguintes alógrafos contextuais:

- a) <R>/ <r> – Em posição inicial, o <ison>, fól. 13v, linha 1617), salvo em raros casos (p. ex. <ison>, fól. 36r, linha 5125;

<sup>166</sup> Cf. AMOS, 1989, p.113 (*littera gothica hybrida*); ASKINS, FAULHABER, & SHARRER, 2006 (MANID 1029); LEMOS, 2004, p. 478; SILVA NETO, 1956, p. 79.



- <Ryctonca>, fólio 30v, linha 4264 (vd. tb. linhas 5359, 5872, 7281, 7495, 9615). Em posição medial, especialmente quando a consoante é dobrada, é mais habitual a ocorrência de um <r> 'longo', como em <errado> (fólio 13v, linha 1566). Em posição final, encontram-se as variações do tipo <andar> (fólio 8v, linha 744), e <andar> (fólio 8v, linha 785), embora ambas variantes gráficas também possam ocorrer, mais raramente, em posição medial, como em <correptos> (fólio 63r, linha 8973. Vd. tb. linhas 1972 e 9028). A variante gráfica <z> pode, ainda, ocorrer sobrescrita em final de palavra e especialmente em final de linha (p. ex., <senho<sup>z</sup>>, fólio 63r, linha 8971).
- b) <s> longo e de dupla curva – Via de regra, o <ſ> ocorre em posição inicial e medial, como em <ſifo> (fól. 9r, linha 857). O <ſ> é mais freqüente em posição final, como em <os> (fól. 8v, linha 775), mas eventualmente ocorre em posição inicial, na maioria das vezes com módulo de maiúscula (p. ex.: <ſanta>, fólio 8v, linhas 771).
- c) <m> simples e <m> caudal – O <m> finalizado à altura da linha de base, denominado aqui como simples, ocorre em posição inicial e medial, como em <mesinos> (fól. 5r, linha 193). Ocorre como minúscula, salvo em raras exceções, em posição inicial, quando é usado como maiúscula, em lugar do <M> uncial, p. ex., em <mas>, fól. 51v, linha 7301 (demais ocorrências: linhas 7355, fól. 52r; 7388 e 7414, fól. 52v; 8438, fól. 59v; 9413, fól. 66v). O <m> finalizado abaixo da linha de base, aqui denominado caudal, ocorre habitualmente no final de vocábulo, como em <ſam> (linha 59, fól. 4r). Excepcionalmente encontram-se ocorrências desses alógrafos deslocados de sua posição comum, como <m> simples no final dos vocábulos <dom> e <ſam> (fól. 4r, linhas 11 e 49, respectivamente), ou <m> caudal em posição medial no vocábulo <comphender> (linha 10861, fól. 77v).
- d) <n> simples e <n> caudal – Os alógrafos contextuais de <n>, aqui denominados simples e caudal pelas mesmas razões apresentadas acima relativas ao <m>, alternam-se igualmente aos alógrafos de <m>: <n> simples para posição inicial e medial, e <n> caudal para a posição final (p. ex., <nenhã> e <non>, linha 2184, fól. 17r). Eventualmente, esses alógrafos também ocorrem deslocados de suas posições habituais, como em <enueſtigar> (linha 12332, fól. 88v) e <ſon> (linha 467, fól. 6v. Vd. tb. linha 408). O <n> simples é na maioria das vezes minúsculo, embora haja poucas ocorrências em que apresenta módulo de maiúscula, como em <Non> (linha 9358, fól. 66r. Vd. tb. linha 9351).

Acerca dos demais casos de alografia, há carência de estudos que comprovem se são variações meramente gráficas ou se possuem algum valor distintivo ou posição preferencial de realização. A tomar como exemplo os pares <i>/<j> (ou <J>) e <u>/<v>, nota-se que alternam entre os valores consonantal e vocálico no ms. (fól. 7v, linha 581). Contudo, mesmo em uma

observação desprezenciosa e assistemática, percebe-se que o <i> e o <u> representam, mais freqüentemente, vogais; e o <j> e o <v>, consoantes. Em posição medial, percebe-se ainda, que o <j> corresponde preferencialmente a /i/, e o <J> preferencialmente a /ʒ/<sup>167</sup>. Em posição inicial, o <J> alterna entre /i/ e /ʒ/. Como vogal ou semivogal, o <j> (ou "<i> longo") é mais freqüente na última posição.

Embora a cedilha sozinha esteja considerada no tópico acerca dos diacríticos, preferiu-se tratar <c> e <ç> neste tópico de alografias, pois seu uso no ms. causa variância gráfica nos vocábulos pela alternância de uso da cedilha sob o <c>, independentemente de sua posição ou da vogal seguinte, o que faz com que o mesmo vocábulo apresente <c> ou <ç> (p. ex. <distipulo>, fól. 14v, linha 1775, e <distipulos>, fól. 15v, linha 1964; <toruou>, fól. 9v, linha 910, e <toruou>, fól. 11r, linha 1213). Por essa razão, não é possível averiguar no ms. a hipótese de que no português arcaico o <ç> representaria o som de africada alveolar surda /ts/ e não de /s/, como é atualmente (cf. Houaiss, 2002).

As questões relativas à alografia de <M> e <A> unciais serão tratadas adiante, ao se discutir módulo e forma de maiúsculas.

#### 2.1.3.2.3 Sinais de pontuação

A tradução latina fizera perpetuar diferentes sistemas antigos de pontuação (SPINA, 1994, p. 46; MACHADO FILHO, p. 2002, 12). No ms. em estudo há ocorrências de:

- a) Sinais freqüentes → *ponto* <•>, à altura da base das letras em todo o texto, eventualmente em posição medial (em relação ao corpo da letra), antes de <h>, <q>, <e>, <J>, <v>, <P>, <R>, <d> e <a>; *barra* </> ou <†>, conforme Machado Filho (1999) e Lima (2004), denominada vírgula suspensiva. Contudo, seu emprego difere do atual uso de vírgula <,>.
- b) Sinais eventuais → *parágrafo*, em raras ocorrências, representado nos fóls. 49r (linha 6944), 63v (linha 9043) e 101r (linha 14078) por uma figura semelhante ao ponto de interrogação deitado, seguido aos três pontos em forma de triângulo, que correspondem ao ponto final<sup>168</sup>, e no fól. 11r (linha 1171), marcado por um traço vertical com o ápice curvo e um ponto em sua concavidade; *dois pontos horizontais* <••> (fóls. 14r (linha 1657), 35r (linha 4975) e 36r (linha 5111)); *dois pontos perpendiculares* <:> (fóls. 6r (linha 390), 26v (linha 3602), 35v (linha 5048), 44v (linha 6332), 116r (linha 16249)); *três pontos em triângulo* <•••> (dentre os sinais por pontos, o único com função clara: fól. 49r (linha 6944); fól. 63v (linha 9043); fól. 101r (linha 14078)).

<sup>167</sup> Constitui uma exceção interessante o vocábulo <AJnda>, freqüentemente grafado com <J> em posição medial.

<sup>168</sup> Acerca de ponto final e paragrafação, comenta-se adiante.

No ms. há variação de sobreposição e espaçamento entre a barra e ponto, ligamento entre o ponto e os grafemas próximos, especialmente a nota tironiana (dificuldade em discernir se é realmente pontuação ou detalhe do grafema), variação da altura do ponto na pauta (posição inferior e medial) e espessura do ponto. Em decorrência dessas variações, há dificuldade em determinar quantos tipos de sinais de pontuação de fato existem no ms.

Pode-se considerar que há ponto <•>, barra </> e uma variante da barra </̣>, e o restante como combinação desses três, ou um inventário relativamente extenso de sinais, como em Machado Filho (1999). Uma vez que a subjetividade é algo inescapável também no discernimento da pontuação, na transcrição do ms. apresentada neste trabalho preferiu-se transcrever como </̣> a ocorrência de ponto <•> muito próximo ou sobreposto a uma barra, e entre parênteses redondos as demais ocorrências de interpretação dúbia.

O exame da pontuação no fac-símile e não no original é outro obstáculo significativo à transcrição, pela falta de nitidez e pela possibilidade de confundir danos no suporte e acidentes de escrita com sinais de pontuação.

Lima (2004), em seu estudo sobre o emprego da pontuação medieval e os possíveis critérios que a regem – sintático, semântico, morfológico e prosódico –, afirma que a falta de edições que mantenham as características originais dos manuscritos constitui um dos obstáculos ao estudo do sistema de pontuação antiga, que só é contornado se o pesquisador obtiver cópias mecânicas dos próprios manuscritos. Espera-se, então, que a edição apresentada neste trabalho, ladeada pela cópia fac-similar, sirva também a esse interesse, pois a razão primordial de sua realização foi a constituição de *corpus* para estudos diacrônicos de diversas naturezas.

#### 2.1.3.2.4 Sinais diacríticos

Os sinais diacríticos presentes no ms. são:

- a) Plica → de forma correspondente ao acento agudo <´>, ocorre freqüentemente sobre <i> e <j>, e sobre vogais que constituem hiato – orais ou nasais. Por exemplo: <ijúe> (fól. 5v, linha 249); <diáta> e <vúur> (fól. 6r, linhas 378 e 383); <teer> (fól. 58r, linha 8232); <Jmaáos> (fól. 59r, linha 8394); <maáo> (<mááo>, fól. 61v, linha 8709); <amjgãa> (fól. 7r, linha 502).
- b) Ponto → ocorre apenas sobre o <y>. Conforme Cambraia (2000, p. 92-93), seu uso possivelmente servia para diferenciar o <y> da seqüência <ij> (que freqüentemente apresentava plicas). Por exemplo: <foý> (fól. 4r, linha 16).
- c) Traço reto horizontal → ocorre sobre grafemas que representam vogais nasais (representado na transcrição por <~>, inclusive sobre o <y> e o <j>, como no fól. 23r, linhas 3100 e 3116),

e peculiarmente sobre grafemas que representam vogais orais que constituem hiato (representado na transcrição por <˘>). Como marcador de nasalidade, Cambraia (2002, p. 95-97; 2005, p. 122-123), explica que originalmente esse traço correspondia ao sinal abreviativo para abreviatura por sinal geral (*titulus*). Em função da síncope da consoante nasal /n/ intervocálica, fenômeno que ocorreu na evolução do latim para o português, esse sinal passou a marcar a nasalização da vogal anterior à referida consoante. No presente trabalho, contudo, constatou-se seu uso sobre vogais orais que constituem hiato – função que compartilha com a plica duplicada. Por exemplo: <terenaēs> (fól. 4v, linha 95); <irmaiōs> (fól. 15r, linha 1880); <maão> (<maão>, fól. 9v, linha 942); <aiūgos> (fól. 7r, linha 497); <irmaeēs> (fól. 7v, linha 603). Assim sendo, conclui-se que tanto a plica como o traço reto horizontal podem assinalar hiato oral ou nasal decorrido de síncope de consoantes intervocálicas. Em relação à extensão, quando o traço reto horizontal recobre mais de uma vogal, total ou parcialmente, na transcrição preferiu-se posicioná-lo sobre todas as vogais envolvidas, repetindo o <˘> ou o <˘>, conforme o caso. Por exemplo: <hīa> (fól. 4v, linha 96).

- d) Traço ondulado → com uma forma próxima a <~>, transcrito por <˘>, ocorre apenas cinco vezes no ms., sendo quatro sobre numeral ordinal: <xl> (numeral cardinal, fól. 36r, linha 5108); <vj>, duas vezes <ix> (fól. 45r, linhas 6395 e 6400); <vbi> (fól. 58r, linha 8190).
- e) Cedilha → ocorre apenas – mas não sempre – sobre o <c> com valor fricativo /s/ (ou africada alveolar surda /ts/, hipoteticamente). Essa oscilação foi comentada e ilustrada anteriormente.

#### 2.1.3.2.5 Abreviaturas

O uso de abreviaturas vem desde a época do Império Romano (Cf. CAPELLI, 1949, p. XI; BERWANGER e LEAL, 1995, p. 63; SPINA, 1994, p. 49). O sistema braquigráfico latino se difundiu em documentos romances, o que se pode facilmente verificar em mss. medievais, como os do cód. alc. 213. Encontra-se no APÊNDICE B deste trabalho a relação das abreviaturas mais freqüentes no ms. medieval-português *Escada Celestial*.

A classificação de tipos de abreviatura não varia significativamente nas obras que tratam do assunto, exceto quanto à terminologia. Para a exposição sumária de alguns exemplos, adota-se a seguir a proposta de Cruz (1987, p. 81-101, *apud* CAMBRAIA, 2005, p. 118-119):

- a) Por sinal geral – Um traço sobreposto assinala a supressão de letras: i) no interior da palavra, por contração ou síncope (p. ex., <uq̄lts>, fól. 5v, linha 298); ii) no fim da palavra, por apócope (p. ex., <h>, fól. 5v, linha 293; <temb>, fól. 8r, linha 709<sup>169</sup>); iii) no interior e no

<sup>169</sup> Vd. tb. linhas 707, 14002.

fim da palavra, num tipo de abreviatura mista em que ocorre contração e apócope (p. ex., <conturiosam̄>, fól. 5v, linha 245).

- b) Por sinal especial – Um sinal de significação especial que especifica quais letras estão suprimidas. Esse sinal pode ter: i) significado próprio e absoluto, por referir-se sempre às mesmas letras (p. ex., a nota tironiana <ꝛ>, em textos latinos correspondente à conjunção <et>, é usada no lugar da conjunção <e> em todo o texto, com exceção de duas ocorrências não abreviadas da conjunção, nas linhas 4517 e 10075); significado relativo, por referir-se a diferentes letras, dependendo da posição em que ocorrem (p. ex., fól. 5v, <sbate>, linha 262; <scg>, linha 299).
- c) Por letra(s) sobrescrita(s) – Letras (uma ou duas) da seqüência suprimida são escritas acima da palavra, próximo ao lugar onde ocorreriam (p. ex., <out<sup>o</sup>>, linha 243, fól. 5v).
- d) *Nomina sacra* – Trata-se de um tipo especial de abreviaturas, transmitidas de textos gregos cristãos para traduções latinas e suas derivadas. No cód. alc. 213, representa a totalidade das ocorrências de <Jhesu Christo>, ou apenas <Christo>, nas formas <Ꝛꝛ̄> e <Ꝛ̄> (linha 293, fól. 5v), consecutivas ou não. A primeira é uma variação do monograma de Jesus em grego, e a segunda é uma variação do *Chrismon*, símbolo cristão mais antigo que a própria cruz, inicialmente composto pela sobreposição das duas iniciais gregas de *Christo*, o <χ> (chi) e o <ρ> (rô) – esta, na abreviatura acima, talvez tenha perdido a haste ou sido substituída por um <o> sobrescrito<sup>170</sup>. No ms. alc. 213, esse símbolo também aparece na forma <Ꝛ̄̄> (fól. 8v, linha 773). A abreviatura <Ꝛꝛ̄̄>, de *Christão* (fól. 5v, linha 252), deriva dessa variação do *Chrismon*.

#### 2.1.3.2.6 Separação nter- e intravocabular

Acerca da segmentação dos vocábulos (assim como no caso da maiusculidade), difícil haver três opiniões iguais sobre os casos dúbios, o que ocasiona certa instabilidade inevitável nesse aspecto da transcrição. Tal problema é comum em textos anteriores às primeiras obras normativas de ortografia e gramática portuguesas, e mesmo hoje ainda ocorre junção ou separação involuntária como acidentes comuns no ato de manuscruver. No ms., a própria condição da escrita manual faz com que os espaços inter- e intravocabular variem ao ponto de caber a quem edita o julgamento de separar ou não na transcrição. Há casos em que, apesar de não haver espaço regular entre dois vocábulos, fica claro que estes eram percebidos separadamente, pois o próprio copista/revisor usa barra vertical para separar vocábulos que

<sup>170</sup> Sobre monogramas e símbolos cristãos medievais, vide KOCH, [s.d], p. 28-40.

poderiam causar uma leitura errônea, se juntos. Outro sinal escribal que denota um certo critério de composição do vocábulo é o de translineação (representado por um hífen na edição apresentada a seguir), frequentemente utilizado para junção de partes de palavras separadas na mudança de linha.

Nos casos duvidosos de espaçamento intervocabular, como o das notas tironianas correspondentes a <e> e <con> (o que restou de um sistema taquigráfico antigo), e o da expressão <porque>, optou-se por separar. Na separação intravocabular considerou-se a distância entre o corpo das letras, na base e no ápice destas. Uma vez que essas interpretações têm caráter subjetivo, tentou-se manter na transcrição a oscilação que apresenta o ms, com vistas a proporcionar ao leitor o julgamento da questão, por meio da consulta ao fac-símile, na reprodução justalinear.

#### 2.1.3.2.7 Paragrafação

No ms. em estudo, não há sinais de paragrafação, seja por recuo do texto ou por sinal de parágrafo, como o *caldeirão*<sup>171</sup>, ou a figura semelhante ao ponto de interrogação deitado<sup>172</sup> – ambos análogos a um <C>, em que uma das extremidades se alonga mais que a outra<sup>173</sup> – exceto nos fôls. 49r (linha 6944), 63v (linha 9043) e 101r (linha 14078), em que ocorre um sinal semelhante, seguido aos três pontos em forma de triângulo, que correspondem ao ponto final<sup>174</sup>. Pela sobreposição do sinal ao último ponto, a ocorrência no fôl 49r se assemelha ao que Machado Filho (1999, p. 63 e 82) denomina "positura", < : ~>, para marcar final de parágrafo ou de texto. Há, ainda, no fôl. 11r (linha 1171), um traço vertical com o ápice curvo que parece marcar o início de um parágrafo<sup>175</sup>.

#### 2.1.3.2.8 Erros de cópia

Na edição apresentada neste trabalho, os erros de cópia, conforme sua natureza, são apontados em nota ou sofrem retificação, devidamente assinalada. A título de ilustração, citam-se alguns erros escribais presentes no ms., de acordo com a categorização em quatro tipos proposta por Blecua (1990, p. 20-30, *apud* CAMBRAIA, 2005, p. 81, 82):

<sup>171</sup> Cf. CAMBRAIA 2005, p. 125.

<sup>172</sup> Cf. SPINA, 1994, p. 46; BERWANGER e LEAL, 1995, p. 65.

<sup>173</sup> Cf. MACHADO FILHO, 1999, p. 60.

<sup>174</sup> Cf. BERWANGER e LEAL, *ibid.*

<sup>175</sup> Há registro desse sinal como marcador de parágrafo em CAPELLI (1949, p. 412). Um sinal similar é mencionado por NÚNES CONTRERAS (1994, p. 62, *apud* VENÂNCIO, 1999, p. 38), como representação de parágrafo que evoluiu posteriormente para o *caldeirão*.

- a) Por adição – <manensyme> (<mane[[ne]]yras> fól. 11140, fól. 79v); <caiõ> (<caiõ[[iõ]]> fól. 92v, linha 12859);
- b) Por omissão – <Selhor> e <Riças> (<Se<n>hor> e <R<i>quizas>, fól. 7v, linhas 625 e 638 respectivamente);
- c) Alteração da ordem – <tepmatado> (<tepmatado>, fól. 31r, linha 4354); <suadaujl> (<suadaujl> fól. 113v, linha 15882);
- d) Substituição – <clanno> (<clanno>, fól. 4r, linha 18, em vez de <clarino>); <contente> (<contente>, fól. 35v, linha 5032, em vez de <contem ã>).

#### 2.1.3.2.9 Sinais de correção, seleção e destaque

Os sinais escribais de correção mais comuns no ms. são os de supressão, adição, reordenação da sentença e segmentação de vocábulos.

Para suprimir, foram usados freqüentemente a riscagem do trecho, o subpontilhado ou a combinação dos dois. Por exemplo, <del> (fól. 8v, linha 773); <del> (fól. 8v, linha 801); <del> (fól. 10v, linha 1111). Há casos em que não se sabe se a letra borratada se deu por acidente de escrita ou se para suprimi-la (p. ex., <no<del>>, fól. 4v, linha 145).



Para adicionar, foram utilizadas inserções nas entrelinhas e nas margens. A maioria das inserções nas entrelinhas estão na parte superior, havendo apenas duas ocorrências de inserção na entrelinha inferior (fól. 18r, linha 2292; fól. 64r, linha 9054). Os locais de inserção estão geralmente marcados com o sinal <^>, esporadicamente por um sinal de cruz ou <x><sup>176</sup>, e uma vez por asterisco<sup>177</sup>. Esses dois últimos marcam especialmente inserções nas margens.

Para reorganização da sentença, empregaram-se as letras <a>, <b> e <c> sobrescritas às palavras que devem ser deslocadas na leitura nessa ordem, para intelecção do trecho. São numerosas as ocorrências desse tipo, pelo que se citam apenas algumas a seguir, como amostra: linhas 1591 (fól. 13v), 3342 (fól. 24v), 3424 (fól. 25r), 4094 (fól. 29v), 4242 (fól. 30v), 4605 e 4607 (fól. 33r), 6224 (fól. 44r), 6680 (fól. 47r), 6864 (fól. 48v), 7273 (fól. 51v), 7314 (fól. 52r), 7544 (fól. 53v), 7747 (fól. 55r), 7916 (fól. 56r).

Para separar alguns vocábulos que incidentalmente se juntaram na escrita e, em alguns casos, poderiam suscitar leitura errônea, o copista ou revisor se utilizou de um traço reto vertical, como em <no<del>> (fól. 5r, linha 183), <outres> (fól. 8r, linha 694 (vd. tb. linha 714)) e <que<del>> (fól. 8v, linha 741).















<sup>176</sup> Fólios 24r (2ª col.); 27r (2ª col.); 45r (2ª col.); 50v (1ª col.); 59v (2ª col.); 81v (2ª col.); 91r (2ª col.).

<sup>177</sup> Fól. 24r (2ª col.).

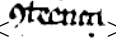
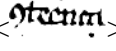
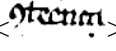
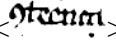
Para seleção e destaque de trechos da obra, utilizaram-se nas margens o serpentinado (uma linha vertical ondulada, como no fól. 51r) , a manchete (p. ex., , fól. 65r), ou a combinação de ambos (p. ex., fól.108v). No ms. há duas ocorrências, na margem junto à seleção, do vocábulo <nota> (fóls. 18r e 65r). Frequentemente percebe-se, ainda, a presença de um <  > (que lembra um dedo em riste, como uma manchete estilizada), cujo significado se desconhece, mas que parece operar uma seleção ou marcar a leitura (p. ex., fól. 72v). Esse sinal aparece ladeando uma nota marginal explicativa no fól. 30v, em que o copista ou revisor afirma: "achey sãta •e pos *Sentença*".

### 2.1.3.3 - Pontos de maior dificuldade de leitura e transcrição

#### 2.1.3.3.1 - Caractere antecedido ou não de pontuação

Dada a característica angulosa da letra gótica, há o que pode ser uma sobreposição da pontuação ao traçado da letra ou apenas o prolongamento ou remate de um dos ângulos, não sendo possível decidir objetivamente por uma dessas possibilidades ao transcrever, como nos exemplos seguintes, retirados das linhas apontadas entre parênteses: < > (14698), < > (14681) e < > (14676); < > (14669), < > (14695) e < > (14683); < > (14674), < > (14672) e < > (14673); < > (14679), < > (13823) e < > (14245); < > (14772) e < > (14748).

#### 2.1.3.3.2 Abreviaturas alógrafas

Para a seqüência <con> há três possibilidades de abreviatura por sinal especial, como nos seguintes exemplos: < > (linha 14677); < > (linha 14684); < > (linha 14716). Esta última tem significado relativo, dependendo da posição em que ocorre, como em < > (linha 14762), em que representa a seqüência <-us>.



### 2.1.3.3.3 Numeração: abreviatura vs. ideograma

Decidir sobre a forma de transcrever os algarismos romanos seguidos da seqüência sobreposta <mo>, como em <<sup>mo</sup>xxvii> (fól. 104v), representou outro impasse: representar a seqüência <mo> entre parênteses uncinados duplos seria admitir que se trata de uma abreviatura por letra sobreposta, o que não seria o caso, já que os algarismos não constituem item lexical, embora estejam agregados a letras que remetem a um vocábulo fonético. A questão está na transcrição de uma representação gráfica híbrida, composta de caracteres numéricos (algarismos) e alfabéticos. A solução adotada veio de Câmara Junior (1964, p. 248-249): "A relação entre os nomes numerais da língua e a arte de contar condiciona, na língua escrita, o uso de números em vez das palavras correspondentes [...]. Assim, os numerais passam a ser indicados na língua escrita por ideogramas". Assim entendendo, optou-se por transcrever os algarismos seguidos da seqüência <mo> sobrescrita, tal como está no ms. Berwanger e Leal (1995, p. 54) corroboram essa interpretação, ao informar que possivelmente a origem dos números romanos esteja ligada à semelhança da mão<sup>178</sup>, o que os identifica com ideogramas (cf. tb. MENDES, 1953, p. 22), isto é, símbolo não fonético que representa a idéia de ordem, posição de um elemento em relação ao conjunto a que pertence.

Historicamente é sabido que a partir do "décimo" os numerais ordinais passam a cardinais na linguagem informal, prática que às vezes se legitima na língua de cultura (p. ex.: Papa Pio XII (doze) x Dom João VI (sexto)). Coutinho (1967, p. 245-250) diz que quase não foram usados na língua popular romana (exceto quadragésima > quaresma), e não se modificaram em nossa língua, porque foram introduzidos por via erudita. Assim sendo, não faria sentido considerar como abreviaturas as seqüências híbridas acima supracitadas, como também não se consideraram como palavras as três ocorrências de algarismos arábicos (nomeadamente, os que numeram os capítulos 28, 29 e 30), e as ocorrências da representação de numerais ordinais <xxx<sup>ta</sup>> (fól. 79r, linha 11052; fól. 116r, linhas 16241 e 16251) e viij<sup>to</sup> (fól. 85r, linha 11848).

### 2.1.3.3.4 Sobreposição de fatos

Constituiu dificuldade de transcrição a sobreposição de fatos que, se ocorridos separadamente, deveriam ser assinalados segundo as normas; mas, estando sobrepostos, tiveram de ser em parte apontados em nota, para não desrespeitar a translineação original. Por exemplo, no fól. 27r: trecho riscado, com correção na entrelinha borrada e riscada, por fim suprimido totalmente e substituído por trecho inserido na margem inferior.

<sup>178</sup> Os números 1, 2, 3 e 4 reproduziriam a figura dos dedos; o 5 seria a mão com 4 dedos fechados e o polegar separado, formando V; o 10 (X), duas mãos sobrepostas invertidamente, duplicando assim a figura citada para o 5 (V).

### 2.1.3.3.5 Oposição entre alógrafos maiúsculo e minúsculo

Uma vez que o módulo não definiu indubitavelmente o uso de caracteres maiúsculos ou minúsculos na transcrição, optou-se por conciliar módulo e forma, sempre que possível, ou buscar um traço diferenciador recorrente em um dos alógrafos, como no caso do <j>: quando não há serifa rematando o terminal superior da haste, transcreveu-se como minúsculo; quando há presença de serifa ou traço diferenciador próprio de maiúscula, julga-se pelo módulo. Por exemplo: <mu<sup>o</sup>to> (<mujto>, fól. 4v, linha 147); <a<sup>o</sup>Jnda> (<aJnda>, fól. 105r, linha 14662); <a<sup>o</sup>Judoíro. do Jujz> (<aJudoíro • do Jujz>, fól. 109v, linha 15268).

Um caso de especial dificuldade de decisão é o da transcrição do <A> e do <M>, pois freqüentemente o ms. os apresenta como unciais de módulo e posição variáveis, como nas seguintes ocorrências: <Abuar Routem> (fól. 9v, linha 940), <ademander aqle> (fól. 12v, linha 1459), <elle eleffant> (fól. 111r, 15481); <as onyrtas> (fól. 26r, linha 3532), <Mas maye> (fól. 85v, linha 11891).

Spina (1994, p. 38), W. Martins (2002, p. 54) e Mendes (1953, p. 27) declaram que as unciais são maiúsculas. Há, contudo, em manuais de paleografia e ecdótica, registros dos grafemas em questão classificados como góticos<sup>179</sup>. Ao se optar pela primeira afirmação, a transcrição se basearia apenas na forma. Ao se optar pela segunda interpretação, a maiusculização dependeria do módulo. Decidiu-se, então, por se basear primordialmente na forma, embora haja ocorrências de <a> uncial de módulo menor que outros grafemas minúsculos próximos a espera de melhor juízo. Com isso não há prejuízo de informação fonética, como asseverou Meyer (1973, p.182): "Quanto à maiúscula, é limitada a sua importância como sinal fonético em grafias antigas, nula nos sistemas modernos: não há diferença de pronúncia [...]. Não admira, portanto, que o tema [...] tenha feito verter pouca tinta".

Quanto à informação lingüística, a distinção de maiúsculas em textos medievais em prosa seria relevante se seu emprego estivesse comprovadamente associado à pontuação, servindo à estruturação sintática ou à função semântica individualizadora – no caso dos nomes próprios ou de divindades (vd. MEYER, *ibidem*, p. 183). No entanto, no ms. editado neste trabalho, a pontuação ocorre tanto antes de minúsculas como de maiúsculas, como se pode averiguar em qualquer parte do fac-símile que acompanha a edição, e não particulariza nomes próprios e de divindades, como em <pa<sup>o</sup>ullo> (linha 13) e <S> (linha 14).

Segundo Meyer (*loc. cit.*), na edição crítica de textos antigos, a tradição não se opõe à modernização da grafia relativamente ao emprego de maiúsculas e minúsculas. Contudo, como a

<sup>179</sup> Entre estes estão também SPINA (1994, p. 44) e MENDES (1953, p. 30). Os outros consultados foram BROWN (1993, p. 88-91, 100-105, 124-125) e OSLEY ([ed.]1966, *passim*)

edição que ora se apresenta não é crítica, e sim paleográfica<sup>180</sup>, buscou-se manter na transcrição o que o ms. apresenta, sem modernização que não seja apenas a de caracteres góticos para caracteres redondos.

#### 2.1.3.3.6 Problemas clássicos de transcrição

Silva Neto (1956, p. 27-36) aponta vários erros comumente observados na leitura de manuscritos medievais, dentre eles os devidos à má compreensão das letras <c> e <t>, <r> e <n>, <u> e <n>, e desconhecimento de abreviaturas, o que é bem verdade, como se pôde constatar já no prólogo do ms., fól. 4r: <finã<sup>u</sup>> (linha 8) e <clanno> (linha 18).

O primeiro caso acima citado (linha 8) fez com que Amos (1988, p. 114) propusesse a leitura "Segim do sanctade de santiago" onde de fato é "Segundo *sentença* de santiago", por ter interpretado a seqüência <-un-> como <-im-> no primeiro vocábulo, e a seqüência <-ça> como <-ta-> na abreviatura por contração do segundo vocábulo. O desdobramento da abreviatura em questão já havia sido motivo de correção pelo copista, o que se sabe pela declaração em nota marginal no fól. 30v ("achey sãta •e pos *Sentença*"). No presente trabalho, apenas a maior familiaridade com a língua do texto e com os hábitos de escrita do copista favoreceu à uma leitura que fizesse mais sentido, pois o traçado dos grafemas no ms. não possibilita uma leitura isenta de dúvidas, razão pela qual usou-se os parênteses redondos. É o que aconteceu no segundo caso anteriormente citado (linha 18), em que não se pôde propor outra leitura que não fosse <clanno>, mesmo sabendo-se que o vocábulo era <clarino> (de 'Chiarino', gentílico italiano incorporado ao nome do frade Ângelo, tradutor da obra para o latim<sup>181</sup>), fato apontado em nota, por entender que se tratava de um erro do copista.

#### 2.1.3.4 - Rubricação e decoração

As rubricas, que correspondem aos títulos dos capítulos, com letras de módulo maior que as usadas no corpo do texto, são em tinta vermelha (cf. SILVA NETO, 1956, p. 79; LEMOS, 2004, p. 478), assim como as capitulares e as assinaturas, como já foi mencionado. Além de traços decorativos das capitulares, não há nenhuma ornamentação no códice alc. 213.

<sup>180</sup> Entenda-se, "aquela que reproduz fielmente o texto, obedecendo a ortografia e pontuação" (Houaiss, 2002), assinalando as alterações segundo normas explicitadas previamente. As referidas alterações, como desdobramento de abreviaturas, não são medidas modernizadoras, uma vez que vêm assinaladas, mas visam a favorecer a leitura.

<sup>181</sup> Outra expressão freqüentemente associada ao nome desse tradutor é 'da Cingoli' (locução adjetiva gentílica).

## 2.2 - O MANUSCRITO: EDIÇÃO

### 2.2.1 - Tipo de edição adotado

A primeira decisão a tomar quando se resolve editar um texto está relacionada à escolha do tipo de edição adequado ao público-alvo imaginado e aos objetivos a que se destina. Essa escolha determina o grau de conservadorismo dos critérios de edição adotados. Diz Emiliano (2001, p. 2):

De acordo com os objectivos específicos do editor, que se definem em função de aspectos como o(s) público(s) a que se destina a edição, a mediação editorial poderá afastar em maior ou menor grau o texto medieval na sua versão impressa do seu modo de existir no suporte original manuscrito. Se para determinado tipo de edição esse afastamento pode ser vantajoso, por garantir, por exemplo, a facilidade de acesso ao conteúdo do texto, para uma edição destinada a estudos linguísticos esse afastamento pode, de facto, impedir a realização da análise linguística a partir do texto publicado.

Acerca de edições monotestemunhais, Cambraia (2005, p. 91 a 98) faz distinção de quatro tipos, com base no *grau de mediação* realizada pelo editor na fixação do texto: i) *grau zero de mediação*, correspondente à edição fac-similar, em que apenas se reproduz a imagem do testemunho; ii) *grau baixo de mediação*, correspondente à edição diplomática, em que se reproduz o máximo de características do modelo, como abreviaturas, pontuação, separação vocabular etc.; iii) *grau médio de mediação*, correspondente à edição paleográfica (também chamada de semidiplomática ou diplomático-interpretativa), em que são feitas intervenções na forma do texto, para torná-lo inteligível a um público que não seria capaz de decodificar certas características originais – como abreviaturas – e retificar falhas óbvias no processo de cópia, como repetições ou supressões de letras; iv) *grau máximo de mediação admissível*, correspondente à edição interpretativa, em que há uma uniformização gráfica e conjecturas que vão além da reparação de falhas óbvias, sem comprometer a preservação de variantes lingüísticas fonológicas, morfológicas, sintáticas, lexicais (diferentemente do que ocorre em edições modernizadas).

Para que uma edição constitua fonte de dados para os estudos lingüísticos, é necessário que se escolha o tipo de edição adequado para esse fim e que se sigam normas rigorosas de edição. Segundo Cambraia (1999, 2001) a validade de um estudo diacrônico está diretamente relacionada à fidedignidade da fonte utilizada para a coleta de dados. Por razões como essas, optou-se aqui por editar sob normas paleográficas conservadoras. Ainda assim, o grau de conservadorismo de uma edição paleográfica também é variável, pois dependerá do julgamento do editor sobre o que é ou não relevante conservar na transcrição. Por conseguinte, tem-se edições paleográficas ditas conservadoras cujos critérios não são unívocos. Emiliano (2001, p. 3) afirma:

Se é hoje pacífico que uma edição de um texto medieval para estudos linguísticos deve ser de tipo conservador, não é absolutamente clara a forma como se define e estabelece na prática esse conservadorismo.

Por exemplo, para a generalidade dos editores de textos medievais portugueses, sejam linguistas ou paleógrafos, a separação de palavras que o manuscrito apresenta, por ser distinta da noção moderna de palavra gráfica (que é de ordem lexical), deve ser alterada de forma a conformar-se com os critérios hoje vigentes de segmentação das unidades lexicais na escrita. Também a distinção entre determinados caracteres que os manuscritos apresentam, quer se trate de letras, quer se trate de sinais abreviativos, parece ser despendida para a generalidade dos editores modernos.

A título de ilustração, comparam-se abaixo alguns aspectos em trabalhos de edição, cujas normas de transcrição os autores afirmam ser conservadoras, bastante rigorosas ou minimamente modernizadoras, para se adequarem a estudos de natureza lingüística.

ASPECTOS	ALMEIDA (2001, 2005)	CAMBRAIA (2000)	LEMS (2002, 2003, 2004)	MACHADO FILHO (1999)
SEPARAÇÃO INTERVOCABULAR	modernizada (2001); parcialmente modernizada (2005)	conservada	parcialmente modernizada	conservada
PONTUAÇÃO	modificada	conservada	modificada	conservada
CONSOANTES GEMINADAS INICIAIS	simplificadas	conservadas	conservadas	conservadas
USO DE MAIÚSCULAS E MINÚSCULAS	modernizado	conservado	parcialmente modernizado	conservado
OSCILAÇÕES NO USO DE <I> E <J> E <U> E <V> COM VALORES CONSONANTAL E VOCÁLICO NOS VOCÁBULOS	uniformizadas à moderna.	conservadas	conservadas	conservadas
OSCILAÇÃO ENTRE <C> E <Ç>	uniformizada à moderna.	conservada	conservada	conservada
DESENVOLVIMENTO DE ABREVIATURAS	não italicizado	italicizado	italicizado	italicizado
TRANSLINEAÇÃO, FOLIAÇÃO	(?)	conservadas	translineação modificada; foliação informada.	conservadas
ACRÉSCIMOS, SUPRESSÕES E CORREÇÕES DO COPISTA	(?)	sinalizados	apontados em nota	suprimidos e apontados em nota.
CONJECTURAS E DÚVIDAS DO EDITOR	parcialmente sinalizadas	sinalizadas	sinalizadas	apontadas em nota

Quadro 4 - Comparação de critérios aplicados em edições de cunho conservador

A diversidade de critérios de transcrição em edições que supostamente têm objetivos e público comuns é um problema ainda sem solução. O incômodo que essa situação causa pode ser sentido em alguns trabalhos recentes, nas palavras de seus autores:

[...] o principal objetivo desta edição semidiplomática é o de oferecer um corpus rigorosamente estabelecido para que lingüistas possam realizar análises dos mais diversos níveis da linguagem do texto [...]. Em função disso, impõe-se a adoção de normas bastante rigorosas.

Determinar, entretanto, como devem ser essas normas não é tarefa fácil, o que se pode verificar através de diferentes interpretações que vários editores têm dado sobre os aspectos que devem ser mantidos em transcrições com essa finalidade. (CAMBRAIA, 2000, p. 153)

A consulta a textos antigos é necessária para a realização de diferentes investigações lingüísticas. Porém, revela-se um empreendimento difícil, uma vez que as edições geralmente trazem modificações do texto registrado nos códices, visando a facilitar a sua compreensão por leitores modernos. As alterações registradas em tais edições impedem o estudo de alguns aspectos lingüísticos, como, por exemplo, o da pontuação. (LIMA, 2004, p. 7)

Embora desejável que os trabalhos de edição de textos antigos portugueses fossem “executados segundo critérios uniformes e de geral aceitação”, conforme muito bem propugnam Castro e Ramos (1986:99), com vistas a uma padronização que objetivasse

facilitar a produção de trabalhos comparativos no âmbito dos estudos lingüísticos, por vezes os objetivos de quem os edita e as limitações que se interpõem no processo fazem com que sejam adotadas normas de transcrição um pouco diferentes das comumente propostas. (MACHADO FILHO, 1999, p. 108)

A edição de um texto medieval resulta sempre de um programa editorial, o qual pressupõe uma perspectiva ou interpretação dos dados textuais. Com efeito, a edição de um texto é um processo de mediação que afasta sempre o texto do seu modo original de representação, de acordo com a perspectiva interpretativa do editor; assim sendo, não há edições definitivas ou absolutamente objectivas [...] (EMILIANO, 2001, p. 2).

Se de um lado há edições que modernizam o texto para facilitar a leitura, como aponta Lima (*loc. cit.*), no extremo oposto há edições de difícil leitura até mesmo para um lingüista, pelo alto grau de conservadorismo de suas normas de transcrição. Como exemplo dessas últimas, citam-se os trabalhos de Emiliano (2001, 2002, 2003), que propõem três tipos de edição paleográfica, de graus de conservadorismo distintos, sendo duas com fontes imitativas dos caracteres medievais (literais, diacríticos e abreviativos), além de pontuação, e ainda sinalizações específicas para todas as intervenções escribais e editoriais (p. ex., doze sinais de correção escribal distintos para correção por anulação e substituição por emenda, sobreposição, e substituição; sete sinais distintos para interpolação escribal, dependendo de sua localização; diversos sinais de intervenção editorial para inserção, omissão, indicação de leitura duvidosa, abreviaturas, espaços em branco, espaço devido a danos no suporte, indicação de sinais escribais diversos, etc.).

Acerca dessas divergências, no presente trabalho parte-se do pressuposto de que o equilíbrio está entre os extremos. Por essa razão, para a edição paleográfica de *Escada Celestial* (cód. alc. 213) observaram-se os princípios que devem reger a constituição de um conjunto de normas adequado, sugeridos por Cambraia (2005, p. 109-110) – *normas apropriadas ao tipo de edição e à sua finalidade, internamente coerentes, explícitas e rigorosamente aplicadas* –, assim como a maioria dos critérios de edição propostos em seus trabalhos (cf. CAMBRAIA, 1999, 2000, 2005), que, em linhas gerais, podem assim ser condensados e justificados:

- a) Manter o máximo possível de características do manuscrito (regra geral), para possibilitar uma análise do texto nos níveis grafemático, fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico e lexical;
- b) Desenvolver as abreviaturas e assinalá-las devidamente (uso de itálico para as letras acrescentadas), para viabilizar a leitura, sem deixar de alertar o leitor para o fato de se tratar de interpretação do editor;
- c) Assinalar as correções efetuadas pelo copista com sinais especiais, para possibilitar a detecção de casos de forma espontânea substituída por forma menos espontânea (p. ex., ausência de concordância, posteriormente reparada), e também a investigação de processos de cópia/composição do texto através de escolhas;
- d) Marcar as intervenções feitas pelo editor com sinais especiais, a fim de alertar o leitor para possíveis acidentes típicos do processo de transmissão manuscrita, deixando bastante claro tratar-se de interpretação do editor;

- e) Assinalar trechos de leitura duvidosa, a fim de alertar o leitor para o fato de que, embora tenha proposto uma leitura para um dado trecho, o editor não tem absoluta certeza dela, podendo haver outras leituras;
- f) Assinalar trechos danificados, mas cuja leitura for reconstituível, e diferentemente trechos danificados ou de leitura impossível;
- g) Manter a translineação original e numerar as linhas do texto de 5 em 5 de maneira contínua, para facilitar a localização de trechos no texto.

Pelo entendimento de que "toda a edição resulta de um acto interpretativo" (EMILIANO, 2002, p. 34)<sup>182</sup>, decidiu-se por uma edição paleográfica justalinear, posicionando à esquerda de quem lê o fac-símile da face do fólio editado, o que, espera-se, facilitará futuros estudos paleográficos e incitará novos julgamentos e propostas de leitura. Notas explicativas de vocábulos desconhecidos, estropiados ou de significação especial colaborarão para a boa leitura.

## 2.2.2 - Normas de transcrição

A fim de que a presente edição do tratado ascético medieval *Escada Celestial* o torne acessível não apenas aos interessados em literatura portuguesa medieval, história, religião etc., mas sobretudo adequado para estudos lingüísticos, adotam-se as normas a seguir.

### 2.2.2.1 Caracteres alfabéticos

g) A transcrição é feita com caracteres romanos redondos, sem se assinalarem os casos de alografia contextual, uniformizando-se, desta maneira, as variantes (minúsculas) dos grafemas <r> , <s>, <m>, <n>; mas não no caso dos grafemas <u> e <v>/<i> e <j>.

Mantém-se o emprego de maiúsculas e minúsculas tal como são interpretadas no modelo. Desconsideram-se, porém, as variações gráficas decorrentes de ornamentação, como a existente entre as maiúsculas de início de capítulo (que são assinaladas em nota) e as de interior de capítulo. A distinção entre maiúsculas e minúsculas é feita preferencialmente pela forma, sendo as maiúsculas de módulo menor e as minúsculas de módulo maior transcritas, respectivamente, como maiúsculas e minúsculas, com exceção das unciais <M> e <A> e do <J>, em que o módulo tem precedência.

---

<sup>182</sup> Para relativizar essa subjetividade, convém esclarecer que interpretações e conjecturas formuladas com rigor são uma aproximação relativa da verdade, fato comum mesmo às ciências e técnicas exatas e experimentais, como afirma HOUAISS (1967, v.1, p. 210).

### 2.2.2.2 Diacríticos

Mantém-se na transcrição os cinco tipos presentes no manuscrito: a *cedilha*, cuja ocorrência se dá sempre sob a letra <c>; o *ponto* (ou pingo), freqüentemente presente sobre o <y>; a *plica* (traço oblíquo virado para a direita, transcrito como <´>); o *traço horizontal* (transcrito como <~>, quando marcar nasalidade, e como <^->, quando marcar hiato); o *traço ondulado horizontal* (somente sobre algarismos romanos, transcrito como <^^>).

Os grafemas <i> e <j> são sempre transcritos com pingo (na ausência de algum dos diacríticos possíveis, acima assinalados), embora ocorram sem ele no original.

Na medida em que, em razão do processo de escrita manual, o posicionamento do traço horizontal sobre as vogais no manuscrito não é totalmente claro, seguem-se os seguintes critérios neste caso: (i) mantém-se o seu uso tal como no manuscrito, respeitando, assim, as suas variações de posição na palavra; (ii) quando o diacrítico for extenso a ponto de cobrir mais de uma vogal, todas as vogais envolvidas recebem o diacrítico na transcrição; (iii) nos poucos casos em que o diacrítico está sob uma consoante por deslocamento resultante do processo manual de escrita, é transcrito sob a vogal pertinente (com base em critério etimológico).

### 2.2.2.3 Abreviaturas

Desenvolvem-se as abreviaturas, indicando em itálico as letras acrescentadas. No desenvolvimento das abreviaturas por sinal geral, tomam-se como referência as formas desenvolvidas existentes no manuscrito, mas, quando houver mais de uma forma desenvolvida, adota-se aquela mais freqüente; e, no de abreviaturas por sinal de significação especial e por letra sobrescrita, segue-se o que estabelece a tradição. Nos casos de abreviatura por letra sobreposta, aparecem em itálico a letra acrescida e a seqüência sobreposta. A nota tironiana que representa a conjunção aditiva é substituída por <e>. As abreviaturas de desenvolvimento duvidoso aparecem em itálico entre parênteses redondos simples (assim como as letras mal-traçadas). Abreviaturas redundantes são parcialmente desenvolvidas.

### 2.2.2.4 Pontuação

Mantêm-se na transcrição os sinais de pontuação presentes no manuscrito (exceto o sinal de parágrafo, que é apontado em nota): *ponto* (representado por <•>); *vírgula suspensiva* (representada por </>, ou por uma variante gráfica, com um ponto sobreposto no meio <†>); *três*



*pontos em triângulo* (representado por <.:>, correspondente ao ponto final); *dois pontos horizontais* (representado por <••>); *dois pontos perpendiculares* (representado por <:>).

#### 2.2.2.5 Paragrafação, separação vocabular, foliação e translineação

São mantidos como no original a foliação, translineação, paragrafação e segmentação dos vocábulos.

#### 2.2.2.6 Correções do copista e rubricas

Assinalam-se todas as correções no manuscrito feitas pelo copista. No caso de inserções, as seqüências que aparecem nas entrelinhas são colocadas entre parênteses angulados duplos no ponto assinalado pelo próprio copista no original, e com chaves entre parênteses angulados nos casos de inserções nas margens; no caso de supressões, as seqüências suprimidas aparecem entre chaves duplas (quando não forem legíveis, os pontos representarão as seqüências entre chaves duplas). Os títulos dos capítulos e as letras capitulares, de vermelho no original, vêm em negrito.

#### 2.2.2.7 Intervenções editoriais

As inserções por conjectura, isto é, exigidas pelo contexto, aparecem entre parênteses angulados simples.

As supressões por conjectura são colocadas entre chaves simples, e as supressões homeotelêuticas entre colchetes duplos.

As passagens de leitura duvidosa aparecem entre parênteses redondos. As passagens de leitura impossível por letras mal traçadas ou ininteligíveis, rasuras, borrões, tinta fraca são marcadas por pontos entre parênteses redondos, correspondentes ao número aproximado de caracteres ilegíveis. As passagens de leitura impossível por dano no suporte (rasgão, furo) são marcadas por pontos entre colchetes simples, antecidos por uma cruz <†>, sendo o número de pontos correspondente ao número de caracteres perdidos, aproximadamente.

### 2.2.2.8 Numeração dos fólhos e das linhas

Há cinco diferentes numerações em todo o códice, o que faz existir duas numerações distintas em cada fólho (geralmente em algarismos arábicos). A numeração dos fólhos nesta edição é feita com base na numeração contínua que se inicia após a folha de rosto e segue até o final do códice, e aparece na margem de cabeça ao centro de cada fólho editado entre colchetes simples, com a indicação da face (*r = recto* e *v = verso*). A fim de facilitar a localização de palavras e passagens, faz-se a numeração contínua de linhas (de 5 em 5).

### 2.2.3 **Legenda**

Com vistas a agilizar a consulta aos recursos utilizados nesta edição para assinalar as intervenções editoriais, apresenta-se o quadro abaixo:

Sinais	Valor
<i>Itálico</i>	Desenvolvimento de abreviatura
<b>Negrito</b>	Rubrica no ms.
[ ]	Emenda (suporte destruído)
< >	Inserção por conjectura
{ }	Supressão por conjectura
[[ ]]	Supressão homeotelética
†[...]	Trecho ilegível por destruição do suporte (rasgão, furo). O número de pontos corresponde ao número estimado de letras perdidas.
( )	Trecho de leitura duvidosa, em virtude de borrão, tinta fraca, letra mal traçada, abreviatura de desenvolvimento duvidoso.
(...)	Trecho de leitura impossível, em virtude de borrão, tinta fraca, letra mal traçada ou ininteligível. O número de pontos corresponde ao número estimado de letras ininteligíveis.
<< >>	Inserção escribal de texto na entrelinha
<{ }>	Inserção escribal de texto na margem
{{ }}	Supressão escribal de trecho escrito

Quadro 5 - Legenda de sinais utilizados na transcrição paleográfica

In nomine dñi nri ihu x̄i et  
uicinis marie q̄m̄tis. Cony  
crasse o p̄lego d̄ frade q̄ tr̄ns la  
dou este l̄m̄ de h̄m̄ q̄m̄ en la

**S**anha q̄ out̄ h̄  
de san johā t̄m̄  
q̄ d̄s ē st̄ada  
egund̄a s̄m̄a de  
de santiaga q̄ d̄s  
q̄ toda couisa h̄a  
r̄ todo dom̄ p̄f̄m̄  
h̄ d̄aco de s̄m̄u r̄ ēscende d̄o p̄d̄  
do lume. E aq̄lla p̄aullo d̄s  
polla m̄ta de d̄s p̄o aq̄lla q̄ p̄o  
ē q̄nd̄a sob̄re p̄on r̄ d̄s aq̄ta  
de d̄s ē m̄ uo f̄ay ē m̄ uaz̄ia  
Coni m̄udo h̄o m̄uy hom̄ado r̄  
l̄icioso f̄r̄ade angeo ē clango  
da or̄den̄ h̄o f̄r̄ades moores ēll̄  
auēdo recebiū noticia da l̄m̄  
ḡa q̄ta polla q̄m̄ de d̄s ḡciosant̄  
nos q̄s f̄re d̄aquei d̄oy f̄izer q̄ ē  
h̄s f̄ezera. E p̄ois s̄c̄ndo f̄rey l̄m̄do  
seu p̄d̄ s̄p̄ual os q̄ees er̄am̄ nas  
p̄tes de romania ē h̄ua h̄m̄da  
dos ḡgos. Aueo asy q̄ anote de  
natal er̄am̄ na d̄m̄ h̄m̄da. of̄m̄e  
angeo. ē of̄m̄e l̄m̄do nas mati  
nas. res̄m̄do h̄o of̄m̄e. ē os q̄ees  
er̄am̄ ducentos r̄ oytenta h̄m̄i  
taēds ḡreos r̄ l̄adinhos. Aueo  
asy q̄ os f̄r̄ades ḡgos d̄izendo as  
l̄icōes ē h̄ua h̄oy r̄ ē h̄ua s̄ub̄  
to sentio f̄rey angeo na sua alma  
p̄lla ḡra de d̄o a cl̄aridade de lingua  
ḡga. E logo and̄u ao seu p̄dre f̄o  
l̄m̄ r̄ado r̄ dem̄adoulhe l̄ec̄nca  
p̄a l̄eō. ē h̄ua l̄eō ē aq̄lla ḡna  
t̄ion d̄ells̄. da q̄ll̄ couisa m̄aym̄  
h̄m̄d̄ose f̄rey l̄m̄p̄do m̄uito po  
q̄s̄p̄ua a sua santidade r̄ outo  
ḡoulho. E asy l̄eō aq̄lla l̄m̄on  
como se fosse n̄acido r̄ s̄ens̄ q̄q̄  
ado ē aq̄lla lingua. r̄ d̄aly a

dante soube p̄ f̄ertant̄ falax o grego  
Onde n̄o q̄rendo el q̄ aq̄lla q̄a fosse ē  
uaāo bustou ant̄ os seḡ l̄m̄s r̄ um̄ q̄  
er̄a at̄odidos uo gl̄ad̄m̄os p̄ p̄o p̄so  
os tr̄allad̄m̄os. E h̄m̄o l̄m̄o h̄ de san  
basilio r̄ este h̄ am̄an̄e da r̄at̄  
o p̄do h̄ t̄m̄o ēll̄ r̄m̄os s̄a johā  
escolast̄ro alt̄ude de h̄m̄ moest̄ro de  
monte s̄m̄ay. San johā d̄uto ēpos d̄o  
l̄m̄os. ē h̄m̄ da m̄ta aut̄na. r̄ out̄  
da c̄m̄platiua. mas aq̄el da ḡta  
platiua. ē h̄y q̄ er̄a t̄ito alto ē sa  
l̄ed̄na. q̄ n̄o me ē h̄y atr̄aglad̄o  
mas tr̄allad̄y aq̄ste da m̄ta aut̄na  
ē t̄ro f̄oy de san macario ē nos q̄es  
l̄m̄s se ar̄ba toda p̄f̄er̄om̄ r̄ remedio  
cont̄ todo p̄p̄do. E aq̄ste tr̄allad̄y  
ant̄ r̄ d̄ ḡra diliḡnca. E m̄ na er̄a  
do s̄ub̄os. ē il r̄uy annos ē n̄q̄ p̄o  
p̄p̄a bonifacio. l̄m̄ de san johā

**A**queste l̄m̄ compos h̄m̄ dos  
santos p̄d̄es antigos oq̄l  
ouie nome joh̄ane alt̄ude de  
monte s̄m̄ay oq̄l l̄m̄ des̄p̄o aq̄p̄m̄  
de s̄a johā alt̄ude de moest̄ro de m̄tu  
r̄ dos seḡ disc̄p̄los. Aqueste santo l̄m̄  
ha dos nomes. h̄m̄ dos seḡ nomes h̄ as  
taucas s̄p̄uaes. p̄o p̄q̄ ē el se ḡtey  
ab̄riaxad̄m̄. todas p̄r̄nas n̄e  
de s̄m̄ay aq̄nda s̄p̄ual. E out̄ no  
me se th̄ama aq̄nta. ē s̄c̄da p̄r̄  
q̄ ē el se ḡtem̄ todos los ḡraos p̄  
l̄os q̄ees a alma s̄ob̄ h̄al̄za d̄y  
da p̄f̄er̄o s̄p̄ual. h̄of̄enac̄m̄  
ēnd̄ h̄m̄ go s̄ob̄ out̄ a m̄ria de s̄m̄  
ēda. com̄c̄nd̄ d̄is couisas mas l̄m̄  
as r̄ s̄ob̄m̄do s̄ens̄ aas m̄ays at̄as. a  
t̄m̄ tanto q̄ uen̄ha aa cap̄ade d̄os  
ēnde se ḡteem̄ ē este l̄m̄ t̄m̄ ḡas  
ēp̄m̄o h̄ da se r̄da p̄anca r̄ da m̄  
dade de uina. E p̄o p̄so ha aq̄ste no  
me s̄c̄ada q̄ este santo q̄ s̄c̄u a  
q̄ste l̄m̄ h̄ r̄ham̄ado johā er̄m̄os q̄  
q̄ d̄s joh̄ane da s̄c̄ada. p̄o q̄



Jn nomine domini nostri Jhesu christi et uirginis marie eius matris. Com-  
eçasse o prolego do frade • que trasla  
dou este liuro de l'ngua grega em la  
5 dinha E outrossy  
de san Johã crimaco  
que diz escaada  
Segundo<sup>183</sup> {{.}}<sup>184</sup> s(ente)nça de  
[[de]] s(a)ntiago que diz  
10 que toda cousa boa  
e todo dom perfectio  
he (d)ado de susu e desçende do padre  
do lume<sup>185</sup> Eo apostollo paullo diz  
polla graça de deus soo aquell(o) que soo<sup>186</sup>  
15 (E) aJnda sobre p(o)n e diz agraçã  
de deus ã m̃j ão foy ã mij uazia<sup>187</sup> •  
Co(n)sirando ho muy homrado re-  
ligioso frade angeo de clanno<sup>188</sup>  
da orden (d)os frades meores oquall  
20 auêdo recebudo noticia da lín  
g<<u>>a grega polla gracia de deus graciosamente  
(no)s quis parte daquel don fazer que deus  
lhe fezera E pois seendo frey líurado  
seu padre spiritual os quaees eram nas  
25 partes de romanía ã hũã hermida  
dos gregos • Aueo asy que anocte de  
natal eran na dicta hermida • o frade  
angeo • cõ o frade líurado (a)as matí  
nas (•) rezando ho offiçio • cõ os quaees  
30 eran duçentos e oytenta hermi  
taães gregos e ladinhos Aueo  
asy que os frades gregos dizendo as  
liçoões ã hũã hora e ã hũã subí-  
to sentio frey angeo na sua alma  
35 pella graça de deus a claridade de língua  
grega / E logo andou ao seu padre f(re)y  
líurado e demãdoulhe leçença  
pera leer {{h}}<sup>189</sup> hũã liço ã aquella grama  
tica delles (d)ã quall cousa marauí -  
40 lhãdose frey líurado muito pero  
consiraua asua santidade e outo-  
rgoulho / E asy leeo aquella liçon  
como se fose naçido e senpre crí-  
ado ã aquella língua • e dalý a-

45

45 diante soube per feitamente falar o grego  
Onde ão querendo el que aque(st)a graça fosse ã  
uaão buscou antre os seus líuros e uiu que  
erã ascõdidos aos ladinhos e por ysso  
os tralladou (/) (o)primeiro líuro he de sam  
50 basilío e este he amaneira da regra  
O segundo he crim(i)co oquall cõpos sã Johã  
escolastico abbade de hũã moesteiro de  
monte sinay Sam Johã dicto cõpos dous  
líuros • ohũã da uída aut(i)ua • e outro  
55 da cõtenplatíua • Mais aquel da conten-  
platíua • achey que era tão alto de sa-  
bedoria que ão me atreuy atraslad(a)rlllo  
mais trasladey aqueste da uída actíua  
Oterçeiro foy de sam macario ã nos quaees  
60 líuros se acha toda perfeiçom (•) e remedio  
contra todo peccado • Eaqueste trasladey / cha-  
amente e cõ grande diligênçia • / Em na era  
do senhor • Mil e iij<sup>c190</sup> annos ã no tempo do  
ppapa bonifaçio • **líuro de sam Johã**  
65 **crimaco como aue**  
**mo<<s>> de fugir do**  
**mũdo**  
Aqueste<sup>191</sup> líuro compos hũã dos  
santos padres antíjgos oqual  
70 ouue nome Johãne abbade de  
monte sinay oquall líuro despos aapitiçon  
de sã Johã abbade do moesteiro de raytu  
e dos seus disçipolos Aqueste santo líuro  
ha dous nomes • hũã dos seus nomes he as  
75 tauoas spirituaães • po{{.}}<sup>192</sup>rque ã el se conten  
abríauadamente • todas doutrinas ne-  
çessarias aaujda spiritual / (O) outro no-  
me se chama asanta escaada por  
que ã el se contem todollos graaos po-  
80 llos quaees aalma sobe <{açim<a>}<<a>>aalteza {{da per}}<sup>193</sup>  
da perfeiço spiritual • hordenadamente (po)  
endo hũã grao sobre o outro a maneira de sca-  
ada • comecando das cousas mais baix-  
as e sobindo senpre aas maýs altas • a  
85 taa tanto que uenha aa caridade dedeus  
Onde se conteem ã este líuro trinta graaõs  
Oprimeiro he da fe e da speranza e da cari-  
dade de uína / (E)por ysso ha aqueste no  
me scaada qua este santo que screueu a-  
90 queste liuro he chamado Johã crímjco que  
quer dizer Johãne da scaada • por que cri-

<sup>183</sup> <S> capitular.<sup>184</sup> Letra riscada e ilegível.<sup>185</sup> Ref. bíblica: Tiago 1:17.<sup>186</sup> Ref. bíblica: I Coríntios 15:10.<sup>187</sup> Ref. bíblica: I Coríntios 15:10.<sup>188</sup> Possivelmente o copista leu <nn-> onde era <rin->, pois o frade a que se refere é historicamente conhecido como Angelo Clareno (no caso, poderia estar grafado 'clarino').<sup>189</sup> Borrado.<sup>190</sup> O <c> sobrescrito significa “cento”.<sup>191</sup> <A> capitular.<sup>192</sup> Letra borrada e ilegível.<sup>193</sup> Riscado.

maco h lingua pura e na uosa lingua  
 ladimba qj. dez vno estrada  
 opnie gnauo tala do fugir do mudo  
 r das couas tencaes  
 qj deno muez amo ane hua coua  
 miosant  
 Ouy da pfecto pignao aqll nos le  
 ua ados r dos semhos. Guu da som  
 obediencia aqll sege a xpo  
 Ex de pcedencia aqll pcedencia  
 aalma to es. Ex de memoria da  
 morte donde nate othors  
 Ex de uadso choro e qll laua  
 aalma. Ex de uotade de no  
 mize. aqll coua f forte de ganhi  
 Ex de escauanto das pnuas  
 recebudis. aqll coua pda os pe  
 cados. Ex de fugir afulgar aou  
 trem q h coua muto lom uauit  
 Ex de silencio da boca. o ill h  
 gra aalma. Ex de ptra ptra  
 mit do munt. Ex de lucom  
 da auadia. Ex de ieiunij  
 r da estea fteita. e da famosi  
 lina. Ex de gulla. Ex de ca  
 fidade aqll da nob cheio no con  
 fiteito de ds. Ex de uitoria da  
 auageza aqll h pcollata  
 Ex de sra pbdade ou probza  
 aqll h punitio o domo dos reos  
 Ex de lucom da maa iusse  
 nabilidade. Ex de psalmada  
 dos moefms. Ex de uigiaz aqll  
 alumca amete. Ex de luco do  
 medo emunil ou molharigo  
 Ex de fugir da uaa gloria p  
 multas manas. Ex de luua  
 id da seberua demonuhada  
 Ex de innocencia r simpzidade

casinada de xpo. Adon titollos q  
 se sege so e este gao. Ex de da  
 santa r p fira humilidade  
 Ex de lume da diseta di secon  
 Ex de folgar do ceo alon  
 gada dis curis daqste mudo  
 Ex de oraco angeli qll r no  
 material. Ex de santa trm  
 formaco e ds.  
 Ex de se ptra ptra r da  
 capdade. Ex de foriz do m  
 Ex de pmo do yudo  
 fagit do mudo  
**D**o loo r sob loo. Et do  
 loo es no pso. Ex fa  
 canis o comeco do no  
 no falaz ptra coua muto fimo  
 sa r quinhauil h erando falaz aq  
 suos de ds. faze o comeco en ds  
 aqll h cidr de todas as couas  
 r das creaturas mzoauces. e a qes  
 elle he honradas de dignidade de  
 luue aludro. Dos qas alguis  
 som rhamados seg amigos. e  
 quus son estranhos r alonga  
 ds del. Alguis so seg aduira  
 ins. ponham q qd el ue hua  
 coua pda. Alguis son seg no  
 nobres puidores. Alguis som  
 suos sem pueito. Os amigos p  
 puit som os santos angeos  
 Segundo q diz o nosp semhor Jhu  
 e no nro euagelho. salado do ho  
 me q ama achada aouelha puda  
 q diz q aluau os amigos r os  
 uizinhos aalegre r os elles. Ediz  
 q era os pntos amigos aqstes anj  
 gos r uizinhos. Alongados r are  
 cados de ds som aqlls q no som

- maco he lingua *grega e* ã na nosa lingua  
ladinha *quer dizer* como escaada  
Oprimeiro graao fala do fugir do mudo  
95 e das cousas terreaãs  
O ij° de nõ auer amor anẽ hũa cousa  
uiçiosamente  
Oij da perfeita *perigrinaçõ* aquall nos le-  
ua *adeus e* dos sonhos / (O)iiiij° da *sancta*  
100 obediência aquall sege a *christo*  
O v da peendencia aquall recõcília (•)  
aalma cõ *deus* / O vj° da memória da  
morte donde nace o choro  
O vij° do uerdadeiro choro o *quall* laua  
105 aalma O viij° da uõõtade de nõ  
Jrarse • aquall *cousa* he forte de ganhar  
O ix° dos esc(e)ecimento das Jniurias  
reçebudas • aquall *cousa* perdoa os pe-  
cados Ox° de fugir aJulgar aou-  
110 trem *que* he *cousa* mujto louuaujl<sup>194</sup>  
Oxj° do silêncio da boca • o *quall* he  
*guarda* daalma O xij° de çecar *perfecta* -  
*mente* do mjntir Oxiiij° da *liuraçom*  
da *aucidia* Oxiiiij° do Jeium  
115 e da estêêça *streita* E da famosi  
ssima Reynha gulla Oxv° da ca-  
stidade aquall da *nobre* cheiro no con-  
speito de *deus* Oxvj° da uitoria da  
auareza aquall he *Jdollatria*  
120 Oxvij° da *sancta* pobridade ou probeza  
aaquall he *promítido* o Reyño dos çeẽõs  
O xviiij° da *liuraçom* da maa Jnsse  
nssibillidade Oxviiiij° da psalmodia  
dos moesteiros Oxx° do uígiar oqual  
125 alumea amête Oxxj° da *liuraçõ* do  
medo feminil ou molharigo  
Oxxij° do fugir da uãa gloria *per*  
muítas maneiras Oxxiiij° da *líura*-  
cõ da soberua demoninhada  
130 Oxxiiiij° da Jnoçência e sinprizidade
- ensínada de *christo* / (E)dous titollos *que*  
se segẽ sõ ã este graao Ox(x)v<sup>195</sup> da  
santa e *perfecta* humildade  
Oxxvj° do lume da discreta *discriçõ*  
135 Oxxvij° da folgãça do çeeo alon-  
gada das curas daqueste mundo  
Oxxviiij° da oraçõ *angeliqua* e nõ  
matereal Oxxix° da santa tran<sup>s</sup>-  
formaçõ ã *deus*  
140 Oxxx° da fe e da sperãça e da  
caridade *Capitollo* do fogir do m-<<undo>>  
**Capitollo primeiro do**  
**fogir do mundo**  
Do<sup>195</sup> boo e sobre boo Etodo  
145 boo *deus* no{.}sso<sup>196</sup> Rey fá-  
camos o começo do no-  
sso falar • *porque* *cousa* mujto fremo-  
sa e *conuinha*jl he *querendo* falar aos  
*seruos* de *deus* • fazer o comeco en *deus*  
150 Oquall he *criador* de todas as *cousas*  
*edas* *creaturas* razoaees (/) (A)s *quae*ẽs  
elle ha honrradas de dignidade de  
*liure* aluidro / Dos *quae*es algũs  
som chamados *seus* amjgos / A(l)  
155 gũs son *estranhos* e *alonga*-  
dos del / Alguũs sõ *seus* *aduersa*-  
iros • *ponhamos* *que* *contra* el nõ hũa  
*cousa* podem / Alguũs son *seus* no-  
[[no]]bres *seru*idores Alguũs som  
160 *seruos* sem *proue*ito Os amjgos *pro*-  
*priamente* som os santos angeos  
Segundo *que* diz o nosso senhor *Jhesu*  
*christo* no *sancto* euãgelho • falãdo do ho-  
mẽ *que* auia achada a ouelha *perduda*  
165 *que* diz *que* aJũtou os amjgos e os  
uízinhos *aalegrarsse* cõ elles / E diz  
*que* erã os santos angeos *aquestes* amj-  
gos e uízinhos<sup>197</sup> • *Alongados* e *are*-  
dados de *deus* som *aquelles* *que* nõ som

<sup>194</sup> Há um traço reto horizontal que corta o <ll>.

<sup>195</sup> <D> capitular.

<sup>196</sup> Borrado.

<sup>197</sup> Ref. bíblica: Lucas 15:3-7.

baptizados. ou q̄ n̄o hã afe pura e  
 dita. Enmigos e aũ furos de d̄s.  
 so aq̄lles os q̄ees tã soom̄ se p̄te  
 de obedecer aos mandamentos de d̄s  
 mais ainda son q̄tuyos aq̄lles  
 q̄ ob̄n. e fazẽ auocade de d̄s q̄to  
 etts podem. Es nobes huĩdores son  
 aq̄lles. os q̄ees. a sua muy santa uo-  
 tade fazẽ sen n̄o hua p̄gria ou ne-  
 gligẽcia. Es suos Inutiles q̄ q̄  
 diz son pueito. son todos aq̄lles.  
 os q̄ees de ha furos dignos do santo  
 labtismo. mais aq̄llo q̄ no santu  
 labtismo n̄o q̄ am amorosante  
 Chã de cada huĩ. destes estados fofo  
 mestres de sp̄itua p̄po falamto a  
 nos q̄ nom sonios sabedores. n̄o se  
 quem de todo falaz. mais sonite  
 q̄renos falaz do q̄to frado. q̄to h̄  
 dos dileitos muito amados e nob-  
 res suos de d̄s. os q̄ees sãtamit  
 se effozca aq̄te. os q̄es mandados  
 e plo amor e fe q̄ h̄ hã. fazẽ  
 forza assy meesmos. Ca fallaz da  
 q̄stas cousas. fala daq̄lle m̄ogres  
 do q̄ de d̄xta. os q̄ees tã muytos  
 rogos e tã muyto afirada peticom  
 o q̄ mouerõ a estreuez aq̄te lui. q̄  
 esp̄ nos estenderõ amaãõ p̄ nossa  
 obediencia. aq̄l n̄o soth se aq̄llo.  
 q̄ h̄ h̄ mandado h̄ possiuel ou n̄o  
 Comaremos apena da palau. q̄  
 mo se molha. q̄ diz. a ardidez.  
 do falaz. polo effozco q̄ etts n̄o.  
 fazẽ. molhando esta ardidez da  
 palau. como se molha apena na

tinta na chorosa e resp̄adente  
 humidade. Abonidade h̄ dicta ch-  
 orosa. pola q̄tinuada e santu este-  
 za q̄ ella mote na alma por q̄tin-  
 uada. q̄siraõ da p̄pa misia ou me-  
 sandade. Outy h̄ dicta resp̄adente  
 plo conhecimto q̄ da aas p̄poad  
 tã as q̄ees usa do sp̄u sãõ q̄ h̄ e ella  
 n̄o q̄endo ella seer conhuĩda de n̄e  
 huĩ. Ainda h̄ dicta resp̄adente  
 p̄llo lume da sabedoria de d̄s. q̄ h̄  
 e ella. Garhegendo e pouzando  
 aq̄sta pena do falameo sob os le-  
 gitimos e claros se q̄ corações. assy  
 como e curti. ou e tãmas sp̄u. us  
 p̄ntaremõ falamtos sacõs. ou di-  
 xerõ legitimos corações p̄la ho-  
 mildosa obediencia. q̄ se claros  
 porla uerdadã m̄udicia ou lin-  
 peza e tãmas pla ferineza. Ainda  
 digo semetes. q̄to diz p̄q̄ninas fi-  
 guras e exemplos santos e cousas  
 santas. q̄ q̄endo daq̄ste estado fa-  
 laz. comecamos assy. Atodos aq̄-  
 lles. os q̄ees pla deliõõõ do seu p̄-  
 po aluido enlegerõ de q̄rez amar-  
 adõ. por q̄ esse d̄s h̄ a sua uida e a  
 sua saude. ou fices. ou n̄o fices. q̄  
 seã justos ou n̄o justos. santos ou  
 crues. Utuosos ou sey vtudes  
 s̄onges ou n̄o s̄agres. sãtos ou n̄o  
 sãtos. saãõs ou efermos. m̄ãtos  
 ou uelhos. Como huĩ lume e huĩ  
 aspeito. ou acitãmto do sol. h̄ m̄-  
 uidoõ do aar e das oras pa siugõ  
 de todos assy h̄ d̄s comuu atodos

- 170 babtizados • ou *que* nõ hã afe pura e<sup>198</sup>  
 d<i>reita (/) Enmíjgos e auersairos de *deus* •  
 sõ aquelles os *quaees* tã soamente se partẽ  
 de obedecer aos mãdamentos de *deus*  
 Mais aJnda son *contrairos* aaquelles
- 175 *que* obram e fazẽ a uõõtade de *deus* quanto  
 elles podem Os nobres *seruídores* son  
 aquelles • os *quaees* • asua muy santa uõ-  
 tade fazẽ • sen nõ hũã *prigiça* ou ne-  
 gligẽçia • / Os *seruos* Jnuitiles *que quer*
- 180 dizer sen *proueito* • son todos aquelles •  
 os *quaees* *deus* ha *fectos* dignos do santo  
 babtismo • Mais {{receberõ}}<sup>199</sup> *aquello* *que* no santo  
 babtismo <<receberõ>> nono<sup>200</sup> *guardam* amorosamẽte  
 (E) bẽ <<que>> de cada hũũ destes estados fose
- 185 mester de spícial e *proprio* falamento A-  
 nos *que* nom somos sabedores • nõ se  
*conuem* de todo <<o>> falar Mais soamente  
*queremos* falar do *quarto* stado (/) Esto he  
 dos dileítos muíto amados e nob-
- 190 res *seruos* de *deus* • os *quaees* sãtamente  
 se esforçã *aconprir* os seus mãdados  
 e *perlo* amor e fe *que* lhe hã • fazẽ  
 força asy meesmos Eafallar da-  
*questas* cousas fala *daquelle*<<s>> mõges
- 195 do *Moesteiro* de Raytu • os *quaees* cõ muytos  
 rogos e cõ mujto aficada petiçom  
 o *commouerõ* aescreuer *aqueste* líuro Epor  
 esso nos estendeu a mãã *per* nossa  
 obediẽçia • *aquall* nõ scolhe *se* *aquello*
- 200 *que* lhe he mandado • he possíuel ou nõ  
 Tomaremos apena da *palaura* {{co-  
 mo se molha}}<sup>201</sup> • *quer* dizer • *aardideza*  
 do falar • polo esforço *que* elles nõ  
 fazẽ • molhando esta ardidizada
- 205 *palaura* • como se molha apena na
- tínta na chorosa e resprandeçente  
 humildade<sup>202</sup> Ahomíldade he dicta ch-  
 orosa • pola *contínuada* e santa *triste-*  
*za* *que* ella mete na alma por <<a>> *contín-*  
 210 uada *consiraçõ* da *propria* *miseria* ou me-  
*squindade* / *Outrosy* he dicta resprandeçẽte  
*perlo* *conheçimento* *que* da aas *perssoas*  
 cõ as *quaees* usa do *spiritu* *sancto* *que* he ã ella  
 nõ *querendo* ella {{s}}seer<sup>203</sup> *conhicjda* de nõ
- 215 hũũ Ainda he dícta resprandeçẽte  
 pello lume da *sabedoria* de *deus* *que* he  
 ã ella Eachegando e pousando  
*aquesta* pena do *falamento* sobre os le-  
 gítimos e claros seus *coraçõẽs* / *assy*
- 220 como ã carta • ou ã tauoas *spirituaes*  
*pintaremos* *falamentos* *sanctos* / • Ou dí-  
 x{{z}}e<sup>204</sup> *legítimos* *coraçõẽs* *perlla* (•) ho -  
 mildosa obediẽçia / disse claros  
*porla* *uerdadeira* mũdicia ou lín-
- 225 *peza* / e tauoas *perla* *ferineza* AJnda  
 digo semẽtes • *quero* dizer *pequininas* *fi-*  
*guras* e *exenplos* *santos* e *cousas*  
*santas* (/•) *Equerendo* *daqueste* estado fa-  
 lar • *Começamos* *assy* • *Atodos* *aque-*
- 230 *lles* • os *quaees* *perla* *deliuracon* do seu *pro-*  
*prio* *aluidro* *enlegerõ* de *querer* *amar*  
 a *deus* • *por* *que* esse *deus* he *asua* *uida* e a  
 sua *saude* • ou *fiees* • ou nõ *fiees* • *que*  
 seJã *Justos* • ou nõ *Justos* • *santos* ou
- 235 *cruees* • *virtuosos* ou sen *virtudes*  
*Monges* ou {{nõ}}<sup>205</sup> *sagraeẽs* • *saibos* ou (nõ)  
*saibos* • *saãõs* ou *ẽfermos* • *mãçebos*  
 ou *uelhos* • Como hũũ lume e h(ũũ)  
*aspeito* • ou *acatamento* do sol • he (..)
- 240 *udaçõ* do aar e das oras • *pera* *seruiço*  
 de todos • *Assy* he *deus* *comuu* at(....)

<sup>198</sup> Na margem de cabeça está escrito: "Capitollo  
 premeiro do fugir do mudo".

<sup>199</sup> Riscado na entrelinha superior.

<sup>200</sup> Um traço vertical separa <non> e <o>.

<sup>201</sup> Trecho subpontilhado.

<sup>202</sup> À esquerda, uma manchete aponta para esta linha.

<sup>203</sup> <s> borrado.

<sup>204</sup> Riscado e subpontilhado.

<sup>205</sup> Subpontilhado.



aq̄ts q̄o q̄rē . r̄ n̄o h̄ desp̄zador de n̄e  
 h̄ua pessoa . q̄ h̄ua q̄em r̄ o out̄ n̄o q̄e  
 iza . ouel h̄ aq̄l . q̄ p̄o naturalēza ra  
 z̄onuit r̄ mortal . uontariosam̄ fuge  
 aayda r̄ ao seu p̄po fizedor p̄durauit  
 r̄ p̄ensa se seex alḡua causa q̄aliguo  
 h̄ aq̄l . oq̄ll̄ auento aloḡ de d̄s . Eten  
 da . r̄ c̄enda uue iuḡm̄ . q̄ . d̄izer  
 muy mal . conhos̄c̄o r̄ q̄rendo o q̄ti  
 ro daq̄llo q̄ d̄s q̄r . r̄ auidase q̄uez en  
 d̄s . p̄p̄iao h̄ aq̄l . q̄ h̄ seguidor de  
 ih̄u x̄ . q̄to h̄ possiūil ē palau r̄ en  
 ob̄ r̄ ē ent̄c̄ō c̄endo p̄f̄it̄m̄t̄ ē d̄s  
 r̄ ē na sua t̄ndade . Amador de d̄s  
 h̄ aq̄l . q̄ tod̄is as causas usa r̄ p̄tici  
 pa seu p̄c̄ado r̄ seḡuid̄o asua d̄t̄dade n̄o  
 h̄ p̄ḡoso a n̄o h̄uū l̄e f̄as . Esteinte  
 r̄ ot̄uēte h̄ aq̄l . oq̄ll̄ est̄ando na  
 m̄l̄ido meat̄de das tentac̄ōes r̄ dos  
 laios r̄ das t̄p̄estades do m̄l̄ido . est̄u  
 da r̄ ḡbate c̄o toda asua forza . pa auē  
 as man̄as r̄ os costumes liures das  
 t̄p̄estades do m̄l̄ido . Monge h̄ h̄uū  
 est̄ado r̄ h̄ua orden̄ de sust̄ancia seu cor  
 po . q̄r̄ d̄iz̄ ḡnao de angeo . h̄ math̄euid̄  
 en cor̄po mortal r̄ ruio . Monge h̄ aq̄l . q̄ so  
 oit̄ as causas de d̄s . ob̄ r̄ensa r̄ falaz̄ h̄ bi  
 uio ou iuntado c̄o . ē t̄oda . r̄ ē todo lo  
 ḡar r̄ ē todo . f̄eyto . Monge h̄ aq̄l . q̄ faz  
 ot̄uēda am̄c̄st̄ac̄ō asua naturalēza  
 r̄ ot̄uēda forza . r̄ ḡda nos ses semidos  
 Monge h̄ aq̄l . q̄ ha o cor̄po s̄at̄ificado r̄  
 aboca p̄ḡada r̄ am̄ete alumeada . Monge  
 h̄ aq̄l . q̄ semp̄ esta ē d̄o r̄ ē r̄hozo r̄ semp̄  
 se exercita na mem̄oria da morte . Eue  
 laido ou cor̄m̄ndo . o desp̄z̄am̄to do m̄l̄ido  
 r̄ oleixam̄to . h̄a ensy . r̄ ha ē odio todo  
 louuoz humano . ou dos hom̄es . r̄ t̄odo  
 delecto natural . Caq̄sto pa guañhar

as causas q̄ son sob̄ nat̄u . Enyo to  
 dos aq̄ts q̄ leix̄u as causas do m̄l̄i  
 do . r̄ daq̄sta p̄sente uida . deuen  
 o leix̄ar . p̄ h̄ua destas t̄s ē t̄empo  
 es . ou pa guañhar o r̄x̄ano dos  
 ceos . ou p̄o medo q̄ h̄a d̄is pen  
 as do inferno q̄ h̄a n̄ocid̄is p̄o  
 los mustos p̄c̄ados . seu p̄o lu c̄m̄da  
 de de d̄s . q̄ h̄es . ha . ja p̄ongido o cor̄o  
 c̄o . Mas q̄ q̄r̄ . q̄ se alḡua destas  
 tres ent̄c̄ōes se p̄te . seu p̄t̄into  
 n̄o h̄ r̄izonuel p̄ro q̄l seu q̄ seu a  
 cabim̄to salz̄loa . ih̄u x̄ . oq̄ll̄ h̄ da  
 dor de todos los p̄c̄ados . r̄ n̄o  
 h̄ desp̄zador de n̄e h̄uū l̄em̄ p̄ois  
 leix̄aste om̄ido pa f̄is p̄c̄ade  
 uca dos t̄os p̄c̄ados . t̄oua p̄o e  
 x̄emplo aq̄l̄s q̄ stan̄ aq̄ar d̄as se  
 pulturas . arborit̄ . os seu mox  
 tos r̄ n̄o cesses de esp̄alhar as fer  
 uetas . r̄ afogadas liḡmas . r̄ da  
 choros r̄ ch̄atos . de com̄to s̄ē n̄e  
 h̄ua uoz . Ama tanto q̄ tu uejas  
 uuy . at̄y . ih̄u x̄ . q̄ t̄ipe ap̄eda da  
 rigida de teu cor̄aço . Caq̄sto . co  
 mo ref̄us̄cyon lazaro . Caq̄sto . f̄esuf  
 cite dos p̄c̄ados at̄ua m̄ete . r̄ u .  
 m̄ade nos angeos seu am̄in̄st̄ades  
 r̄ digalhes . de flez̄udeos . do sp̄ca  
 dos r̄ das t̄bulac̄ōes r̄ leix̄adeo  
 h̄ir . ao l̄ē auēt̄m̄do rep̄uso da  
 ot̄emplar̄ . se tu n̄o f̄izes ass̄p̄m̄o  
 andaȳi aduante o teu fr̄o . p̄p̄os to  
 dos nos q̄ q̄rem̄ f̄az̄ do egypto pa  
 fugir das maãos de p̄hario . sem̄  
 todo h̄ m̄estoz . canoz h̄uū moyses f̄  
 yss̄o h̄ h̄uū medeand̄ q̄ est̄enda as  
 maãos . at̄ p̄o r̄ios . p̄o r̄ yss̄o . q̄ n̄o  
 o seu gouernam̄to . p̄pass̄emos o m̄a  
 dos p̄c̄ados r̄ aq̄am̄ uitoria de a

aquelles *que* o *querê* • e nã he desprezador de nẽ<sup>206</sup>  
 hũã pessoa • *que* hũã *queira* e o outro nã *que-*  
 245 *ira* • Cruel he *aquel que* por natureza ra-  
 zoauil<sup>207</sup> e mortal (•) voontariosamente fuge  
*aaujda* e ao seu *proprio* fazedor *perdurauil*  
*e* pensa se seer algũa cousa Maligno  
*he aquell* • *oquall* auendo aley de *deus* *creen-*  
*do* • e *creendo* uĩue Jníquamente • *quer* dizer  
 250 *muỹ mal* • *conhoscẽdo* e *querendo* o *contraí-*  
*ro* *daquello que* *deus quer* • e *cuidase* creer en  
*deus* • / • *Christãão* he *aquell* • *que* he seguidor de  
*Jhesu christo* • *quanto* he *possiuĩl* ã *palaura* e en  
*obra* e ã entẽçõ *creendo* *perf(e)ctamente* ã *deus*  
 255 e ã na sua *trindade* • *Amador* de *deus*  
*he* *aquel* • *que* todas as *cousas* usa e *partiçi-*  
*pa* sen *peccado* e *segũdo* asua *võõtade* nã  
*he* *prĩgiçoso* a nẽ hũũ *bẽ* *fazer* • Este<<e>>nte  
*e* *contĩnẽte* he *aquel* • *oquall* estando na<sup>208</sup>  
 260 { {mũdo} }<sup>209</sup> *meatade* das *tentaçõdes* e dos  
*laços* e das *tẽpestades* do *mũdo* • *estu*  
*da* e *combate* cõ toda asua *força* • *pera* *auer*  
*as maneiras* e os *custumes* líures das  
*tẽpestades* do *mũdo* • *Monge* he hũũ  
 265 *estado* e hũã *orden* de *sustançia* sem *cor-*  
*po* • *quer* *dizer* *graa*o de *angeo* • he *mãtheudo*  
*en* *corpo* mortal e *çuio* *Monge* he *aquel* • *que* *so-*  
*omente* as *cousas* de *deus* • *obra* • *pensa* • e *fala* e he *vĩj-*  
*(n)do* ou *Juntado* cõ *christo* ã *todo* • e ã *todo* *lo-*  
 270 *gar* e ã *todo* *feỹto* • *Monge* he *aquel* • *que* *faz*  
*contĩnuada* *amoestaçõ* asua *naturaleza*  
*e* *contĩnuada* *força* • e *guarda* (•) aos *seus* *sentidos*  
*Monge* he *aquẽle que* ha *ocorpo* *sãtificado* (•) e  
*aboca* *p(ur)gada*<sup>210</sup> e *amẽte* *alumeada* *Monge*  
 275 *he* *aquel que* *senpre* *esta* ã *door* e ã *choro* e *senpre*  
*se* *exercita* na *memoria* da *morte* *Eue-*  
*lando* ou *dormjndo* • o *desprezamento* do *mũdo*  
*e* *oleixamento* • ha *ensỹ* • e ha ã *hodio* *todo*  
*louuor* humano • ou dos *homẽes* • e *todo*  
 280 *deleito* natural • *Eaquesto* *pera* *guaanhar*

as *cousas que* son *sobre natura* • *Enpero* to  
 dos *aqueles que* *leixã* as *cousas* do *mũ*  
*do* • e *daquesta* *presente* *uida* • *deuen*  
 o *leixar* • *pera* hũã *destas tres* *ẽtençoo*  
 285 *ẽs* / ou *pera* *guanhar* o *Reỹno* dos  
*ceẽos* / ou por *medo que* hã das *pen-*  
*as* do *Inferno que* hã *mereçidas* por  
 los *mujtos* *peccados* / ou por la *carída-*  
*de* de *deus que* *lhes* ha *Ja* *pongido* o *cora-*  
 290 *çõ* *Mais qual quer que* *s(ẽ)* algũa *destas*  
*tres* *entẽçõdes* *se parte* • *oseu* *partimento*  
*nã* he *razoauel* / *pero qual* *sera* *oseu* *a-*  
*cabamento* *saberloa* *Jhesu christo* • *oqual* he *da-*  
*dor* de *todolos* *boos* *stados* • e nã  
 295 *he* *desprezador* de nẽ hũũ *bem* / *Pois*  
*que* *leixaste* *omũdo* *pera* *fazer* *peende*  
*nça* dos *teus* *peccados* • *toma* por e  
*xemplo* *aquelles que* *stan* *apar* das *se*  
*pulturas* • *achorar* os *seus* *mor-*  
 300 *tos* e nã *çesses* de *espalhar* as *fer*  
*uẽtes* • *eafogadas* *lagrimas* • e *da*  
*choros* e *chãtos* de *coraçõ* *sẽ* nẽ  
*hũã* *uoz* • *Ataa* *tanto que* tu *ue* *Jas*  
*uijnr* atỹ *Jhesu christo* / *que* *tire* *apedra* da  
 305 *çigidade* do *teu* *coraçõ* • *Eassy* *co*  
*mo* *resusçitou* *lazarõ*<sup>211</sup> • *Assỹ* *Resus-*  
*cite* dos *peccados* *atua* *mẽte* e (de)  
*mãde* aos *angos* *seus* *amjñstradores*  
*e* *digalhes* • *deslegadeos* dos *peca-*  
 310 *dos* e das *tribulações* e *leixadeo*  
*hir* ao *bẽ* *auẽturado* *repouso* da  
*contenplaçõ* / *Ese* tu nã *fazes* *assy* / • nã  
*andara* *adiante* *oteu* *fecto* / *Poỹs* to  
 dos • *nos que* *queremos* *sair* do *egipto* *pera*  
 315 *fugir* das *maãos* de *pharao*<sup>212</sup> / *em*  
*todo* he *mester* • *dauer* hũũ *moỹses* /  
*ysso* he hũũ *medeaneiro* *que* *estenda* as  
*maãos* *adeus* por *nos* / *Por* *ysso* / *que* *juso*  
 o *seu* *gouernamento* (/) *passemos* o *mar*  
 320 *dos* *peccados* e *a* *Jamos* *uĩtoria* de *a-*

<sup>206</sup> Na margem de cabeça está escrito: "Primeiro de como".

<sup>207</sup> <l> cortado por um traço reto horizontal.

<sup>208</sup> <o> transformado em <a>.

<sup>209</sup> Subpontilhado.

<sup>210</sup> O sinal abreviativo usado corresponde, habitualmente, às seqüências <ar>, <ra>, <ua> ou <uar>, o que produziria um vocábulo do qual não se encontrou registro e que não tem sentido na frase. É provável que seu uso se deva a um erro do copista, pois o vocábulo <purgado> aparece posteriormente, com o sinal abreviativo correspondente a <-ur-> ou <-ru-> (p. ex., vd. linhas 4894, 5682, 6319). Na trad. de TREVISAN (1941, v. 1, p. 46) e de ALMEIDA JUNIOR (1902, p. 4), os vocábulos correspondentes são <pura> e <limpa> respectivamente.

<sup>211</sup> Ref. bíblica: João 11:38-45

<sup>212</sup> Ref. bíblica: Êxodo 13:3

amelech q̄r dis d̄is uostas t̄tarnes &  
 por esso forō enuauados aq̄lts q̄ ofiarō  
 d̄ossy meefinos. n̄o se t̄endo inuer meste  
 de n̄e h̄uu por rege dor. q̄ os rege  
 sem plo amjulo de es. Perordeno  
 nos nos como aq̄lts q̄ sayrō do egypto  
 omi q̄d moyses. r aq̄lts q̄ fugerō  
 de sedona omi q̄d oango por guida  
 Os p̄rios son semelhanes. aq̄lts q̄  
 son l̄uões das t̄tarnes sp̄uaes. y  
 so h̄ soberua. uaa glla. enueia r fri  
 za r t̄teza y la ḡra r p̄lla ob̄cos  
 f̄sias sp̄uaes. Os p̄dos son aq̄lts q̄ se  
 effozcan desaz dos v̄cios arnaes. cu  
 tendesse. gula. luxuria r auareza  
 q̄d yssō ha mestez de h̄uu auidad̄  
 q̄ seia assy como h̄uu angō. q̄ o m̄  
 eta amuio estreta dieta. por esso  
 q̄ h̄o q̄ as chagas son mayz podres  
 r mayres assy ha mestez de fisico mais  
 salador. V̄d̄arunt en enos mester.  
 físicos muy saladores de ḡnd̄ forza  
 r de otinuos t̄balhos r d̄ozes de pe  
 ndencia. aq̄lts q̄ r̄o o corpo. q̄ em cu  
 t̄ar no ceo. yssō h̄ q̄ q̄e o corpo l̄uxo  
 rioso r goloso aduzlo acaustidade r est  
 cencia. r mayzunt no p̄ncipio do say  
 m̄o de m̄udo. atia t̄to q̄ amete r ho  
 roquō seia posto no diuino amor r̄ua  
 santificad̄. plo choro otinuado. q̄ acta  
 angustia. V̄d̄arunt r muita n̄o v̄st  
 ul amigura seia aq̄lts q̄ uiuē r usay  
 negligēterūt. atia t̄to q̄o am/ q̄r dir  
 zer anossā m̄ete corvutu. aq̄l f̄ca nas  
 auidades de gula r de luxia assy  
 como f̄ize o cam q̄ ama as ruinas q̄r.  
 as r os manjares n̄o l̄uxos. seia le  
 uada destas cousas. Conuem a sabre  
 p̄ inueta simpzidade r pla p̄ funda  
 humilidade. r pla diligente ḡra. a  
 ueyemg feita amadori de v̄sti  
 de r de estrena r toda pena tot

nada en dilecto q̄ ais entanto nos se  
 itude. anossa infir p̄dide. r pouca po  
 tenna ou p̄deno q̄essemos. r cō nossa  
 maão ap̄nhamos dante h̄a f̄ abu r̄a  
 do r despezando sem̄ nos meefinos no  
 p̄fundo da humilidade. r ē todo recete  
 reinos. o seu auidio. muyto mais que  
 n̄o h̄ anossa necessidade poris todos a  
 aq̄lts q̄ q̄ren andar aq̄sta batalha  
 bella r f̄rita r dura r ligeira r f̄alta  
 q̄ elts. v̄a a p̄bater cō o fogo. yssō  
 h̄ cō astetacōis de carne r de dia  
 loo r de m̄udo. por esso cōuē seay de  
 uer o fogo jumatend. ē sy meefinos  
 q̄r dis o f̄er uer da boa uōdade. q̄  
 sta batalha h̄ dita estreta pello l̄uxo  
 m̄os. dos antigos r maados cu f̄uues  
 dura pla p̄fca abnegad̄ da p̄a  
 uōdade. ligeira pla r̄fignia q̄ ha  
 en y p̄lo dom de sua ḡra. q̄ q̄r q̄  
 v̄yar a esta batalha. q̄ h̄ afua na  
 taleza r r̄ as potencias j̄uuisims p̄uē  
 sy meefinos r comā d̄q̄ste p̄m̄ cō alta  
 ras aq̄s mesturado. esto h̄ cō amoch  
 f̄icad̄ da sua carne. r abnegad̄ da p̄a  
 uōdade. Estera d̄q̄ste calez cō os v̄cios  
 p̄ios r deestros. r cō as r̄gonhas r cō as  
 lagmas. por esso q̄ n̄o tomē a batalha na  
 sua d̄denad̄ q̄ seia. ē seu j̄uzo r p̄guo. ē  
 t̄ra ē batalha r a n̄o obata f̄uētent cō  
 toda sua forza r cō as armas da p̄fca ofi  
 anca. da itude de f̄. assy como q̄ q̄ bonie  
 q̄ he baptizado n̄o se salua se p̄o ḡra cō m̄  
 andm̄os de es. aq̄llo q̄ se d̄q̄ segue aila  
 rey. b̄em assy q̄ q̄ bonie q̄ toma auid  
 de mouge. n̄o h̄ mouge se n̄o ḡra aq̄lts  
 causas q̄ se p̄tece a sua p̄fcom. q̄o a  
 q̄lts q̄ desl̄am f̄er bo f̄urad̄m̄s en no  
 f̄uzo de es. de p̄lo p̄ncipio. toda tou

amelech<sup>213</sup> *quer dizer das nossas têtacoões* E<sup>214</sup>  
 por esso forõ enganados aquelles *que confiaron*  
 dessy meesmos • nõ se *creendo* auer mester  
 de nõ hũu por regedor • *que os rege*  
 325 sem perlo camjinho de *deus* • Recordemo-  
 nos [[nos]] como aquelles *que sayrõ* do egipto  
 ouuerõ moyses • *e aquelles que fugirom*  
 de sodoma ouuerõ oango por guiador<sup>215</sup>  
 Os *primeiros* son semelhantes • aquelles *que*  
 330 som liurados das têtacoões *spirituaaes* • y-  
 sso he soberua • uãã gloria • enueia e fri  
 eza e tristeza perla guarda e perlla obra dos b(o)os  
 fisicos *spirituaaes* • Os *segundos* son aquelles *que se*  
 esforcam de sair dos viçios carnaaes • en-  
 335 tendesse • gula • luxuria e auareza  
 Epur yssso ha mester de hũu aJudador  
*que seia assy* como hũu ango • *que os m-*  
 eta amujto estreita dieta • por esso  
*que segundo que as chagas som* mays podres  
 340 e mayores assy ha mester de fjsico mais  
 sabedor (•) *verdadeiramente* auemos mester •  
 fjsicos muy sabedores de grande força  
 e de *continuos* trabalhos • e doores de pee-  
 ndença / Aquelles *que cõ o (/) corpo* *querem en-*  
 345 *trar*<sup>216</sup> no ceo • yssso he *que querẽ* o corpo luxu-  
 rioso e goloso aduzerlo aacastidade e est  
 (e)ença • e *mayormente* no prinçipio do say-  
 mento do mũdo • ataa tãto *que amẽte* e ho  
 coraçõ seia posto no diuíno amor e na  
 350 santificaçõ • perlo choro *contínuado* • M(ui)ta  
 angustia • *verdadeiramente* e muíta nõ visi-  
 uil *amargura* sera aquelles *que uiuẽ* e usan  
 negligẽtamente • ataa tãto *que o cam / quer di {r}*<sup>217</sup>  
 zer anossa mẽte corruta • *aqual* fica nas  
 355 cuidações da gula e da luxuria Assy  
 como faze o cam *que ama* as carneceri-  
 as e os manJares nõ línpos • seia le  
 uada destas cousas • C(õ)uem a saber  
 per muyta sínplizidade e perla per funda  
 360 humildade • e perla diligente guarda (•) a  
 ueremos feita amadoira de Casti-  
 [d]ade e de esteenca e toda pena tor-

{{.}}nada<sup>218</sup> en dileyto Maís entanto nos sê-  
 uirtude • a nossa Jnfir(m)idade • e pouca po  
 365 tençia ou poderio (*conf*)essemos • e cõ nossa  
 mão aponhamos dante Jhesu *christo* • abaixã-  
 do e desprezando senpre nos meesmos no  
 profundo da humjldade e ã todo reçebe-  
 remos oseu aJudoiro • mujto mais que  
 370 nõ he anossa neçessidade Pois todos a-  
 [[a]]quelles *que* *querem* andar aaquesta batalha  
 bella e streita e dura e ligeira / saibã  
*que elles* • vãã a *combater* cõ o fogo • yssso  
 he cõ astêtaçoens da carne e do dia-  
 375 boo e do mũdo • por esso cõuẽ senpre aa-  
 uer o fogo Jnmaterial ã sy meesmos  
*quer dizer* o feruor da boa uõõtade Aque-  
 sta batalha he dicta estreita pello leixa  
 mento {{s}}<sup>219</sup> dos antigos e maaõs costumes  
 380 Edura perla *perfecta* abnegaçõ da *propria*  
 uõõtade • ligeira perla cõfiança *que* ha  
 em *christo*<sup>220</sup> e perlo dom da sua *graca* Eaqueste<<s>> *que* *queren*  
 víjnr aesta batalha • *que he contra* asua na-  
 turaleza e *contra* as potêcias Jnuisuijjs prouẽ  
 385 sy meesmos e comã daqueste pam cõ alfa-  
 ças *agras* mesturado / esto he cõ amorti-  
 ficaçõ da sua carne e abnegaçõ da *propria*  
 uõõtade Ebeuã daqueste calez cõ os vítu-  
 perios e doestos • e cõ as uergonhas e cõ as  
 390 *lagrimas* (: ) por esso *que* nõ tomẽ a batalha na  
 sua *condẽnaçõ* qua seeria ã seu Juizo e perigoo • ã  
 trar ã batalha ea nõ *combater* feruẽtamente cõ  
 toda sua força e cõ as armas da *perfecta* confi-  
 ança da uirtude de *christo* Assy como *qual* *quer* homẽ  
 395 *que* he babtizado nõ se salua • se nõ *guarda* os m-  
 andamentos de *deus* • aquello *que* se *daqui* segue cala-  
 rey (•) / bem assy *qual* *quer* homẽ *que* toma aujto  
 de monge • nõ he monge se nõ *guarda* aquellas  
 cousas *que* se perteeçẽ aasua perfeicom Epero a-  
 400 *quelles* *que* deseiam fazer boo fundamento em no  
 seruýço de *deus* • desdelo prinçipio • toda cou-

<sup>213</sup> Ref. bíblica: Êxodo 17:8-13.

<sup>214</sup> Na margem de cabeça está escrito: "deuẽ fogir do mũdo".

<sup>215</sup> Ref. bíblica: Gênesis 19:1-3,12-17.

<sup>216</sup> Sobre o <r> há um sinal abreviativo redundante.

<sup>217</sup> Apagado.

<sup>218</sup> Apagado, subpontilhado.

<sup>219</sup> Subpontilhada.

<sup>220</sup> Há uma manchete à esquerda.

in defraam - trada coufa remouera p deitam de  
 lly a catm e. aqsta coufa de pti di de tres mo  
 rales fhemofant fmeda sobre tres amtes os  
 qees fou fundados sobre fs esteos. f. innocencia  
 abomul fauul n castidade Exr todos aqles  
 q som requinhos e. e. co aqstas tres coufas  
 en comenando tomiao exemplo dos puos innoc  
 tes. os qes estas fs coufas ha enfo por q  
 em ells no h cruza ne dureza ne fufpidade  
 W em h e ells frctum e fan. nyl. ne bag o  
 uentre ne o corpo aceso de luxuria. Hme  
 deffoye q ra tomiao apunto apouco o  
 comez potenez. o corpo crece r toma a ou  
 rom de luxuria. Eo mtem en todo aqsta  
 ficme e ofte fundamto aq q q q q catm  
 e eflu lut albr aq h na camem de es por  
 q h muto puaa coufa r deffruel eme hme  
 ua batilha r ofpreffe das armas por q da aen  
 tender q q fcez morto fmda auer fia hui  
 lco fundamto r hui firme puqno. h puertofe  
 nalma r deffoye q se ha atetencia. por  
 q aalma q comez fouretent r deffoye se leam  
 vupr en negligencia fap fca pungua. r efi  
 molada da memoria da confumaz prolo pmo  
 lco pmpio ou comeco q por aqll coufa alguis som  
 tornados na puaa agua. como faz aagua q  
 renoua as penas. Sa pto aalma enguando  
 affy meefma. pta ofecur. tem auenturado fa  
 r fob ben aueturado. fe certa aotatom plo q  
 o apudo Et contra aqta otomoz tome todo ofeu  
 deffoye r a forca r toea afua diligencia. otme  
 do ofru h meefmo. por q ub pdeca entrar p  
 ne hua out porta fe no paqlla onde fau qes  
 ocludinos q todos aqles. q renouam ad m  
 uido por meco das penas do juffeyno como  
 de fufo dno h. som fenelhatos do enfo odr fi  
 co. q. dr tem cheuute. aq da lco cheu r de  
 pois se torna e fumu por yffo q aqles ataa  
 es comez prudeterit r deffoye se leuam  
 cur e fumo de pguia. Mas aqles q renou  
 nam no mudo por apanca do qakardoz. ffo  
 affy como omoyulho q anda arede feny a  
 hua mania. Mas aqles q o renouam pua  
 caridade de de ds flogo reate. ofogo ar  
 deate r feny eretem ou feauoz affy como o  
 fogo q h motuid no renafco qe te dico  
 q som alguis q e rima da pedra faze hre

defino de le on abos fnyda outros  
 som q erge os esteos sob apum tm  
 E som alguis q andoz hui pnyoz qe  
 r deffoye q som ofortidos r efforca  
 dos os seg ueyros andam mais fir  
 teant. Aqsta h apulau e fign. r a  
 qste h ofeu entendamto falando da  
 qlls q renouam o mudo. Dos pmos  
 aqlls q deffo pua pnyoz comecam  
 ateti estado de gudes utides fou ota  
 diencia r fomutimto r por efo por q  
 ells no ham ufo das huanhosas la  
 talhas r da obediencia dos sobreuz  
 leuataem fracos r mifpnhos. Es fca  
 som aqlls os qees deffo pnyoz toma  
 anda folerua. ants q ells adam f  
 gados os deffoyes r por q ells no ha  
 fundamto de fomutimto toste caaq  
 ceuee amez. Es fca fou aqlls os  
 qees fou leuataem de folerua. toma  
 o iugo da obediencia raa reuofca and  
 ofeyo camuz da subreico r deffoye.  
 pouco apuro ofortidos da queerda  
 do ofru fca leuataem r achafse fca  
 thalho r fca ne hua frefza. Cauendo a  
 effencia q dr caate das batalluz co  
 ofanto a iudiro fou ne hui enargo  
 pallay ligeuuz ataa morte pms  
 fca do nos chamados de ds noffe. Se  
 uboz hui e fcaunos pntant r toste  
 vit. no apanco tpo por q se os noffes  
 dias fallay pouos fa yramos da qsta  
 uida fou fruyto de lras als. poyes ef  
 fortemos nos apzr. adz como os ca  
 uallaz q se efforaz de pnyoz. co fou dy  
 otatido viuamto pnyoz yffo q qd ham  
 ley otatido. adz lbes da gudes das  
 Semanos ds. como uos temos as  
 uimalias pnyoz q eu ey vifto hom  
 res q andua afurtaz. os qees nom  
 tuuaz ds. r otomido aladrido dos ca  
 ces. Logo se tornay a tras. Saffy auo  
 q o comoz das animaliaz fez e ells  
 les aqlls q no fez otomoz de ds por

sa desprecam e toda cousa remouem e deitam de<sup>221</sup>  
 ssy e entram ã aquesta cou<sup>222</sup> de partida • de tres mo-  
 radas fremosamente fundada sobre tres cantos<<•>> os  
 405 quaees son fundados sobre tres esteos • *scilicet* • Jnoçençia  
 e homil Jaiũ e castidade Epero todos aqueles  
 que som pequeninhos ã *christo* • cõ aquestas tres cousas  
 en começando tomãdo exenplo dos paruoos Jnoçẽ  
 tes / Os quaees estas tres cousas hã ensy • Porque  
 410 em elles nõ he crueza (•) nõ dureza • nõ fãlssidade  
 Nem he ã elles fartura ãsaçiaujl • nõ han o  
 uentre nõ o corpo açeso (•) de luxuria • Mais  
 despoys que vẽẽ tomando apouco apouco o  
 comer e o beuer • o corpo creçe e toma oca  
 415 iom de luxuria <<•>>Epero conuem en todo aestar  
 firme ã este fundamento aqual quer (•) que quer entrar  
 ã esta batalha • aqual he na carreira de deus (•) Por  
 que he muito prigo<<o>>sa cousa e despreziuel entrar honẽ  
 na batalha e espirsse das armas • Porque da aen  
 420 tender que quer seer morto AJnda auer factõ hũũ  
 boo fundamento e hũũ firme prinçipio • he proueitoso  
 aalma e<sup>223</sup> • despois que se ha a(t)ebeçida • Por  
 que aalma que começa feruetemente • e despois se leixa  
 vijnr en negligencia senpre sera pungida • e estĩ  
 425 molada da memoria da consciencia porlo primeiro  
 boo prinçipio ou começo • por aquall cousa algũũ son  
 tornados na primeira aguça • como faz aaguia que  
 renoua as penas • E a quando aalma enganando  
 assy meesma • perde o feruor • / bem auenturado sera  
 430 e sobre bem auẽturado • s(e) certa ocaiom perlo qual •  
 o aperdido Et contra aquela ocaiom tome todo oseu  
 desejo e a força e toda asua diligencia combatẽ-  
 do contra sy meesmo • Porque nõ podera entrar • per  
 nõ hũã outra porta se nõ per aquella onde saũ • Pero  
 435 concludimos que todos aquelles • que renũçiam ao m  
 undo por medo das penas do Jnfferno como  
 de suso dicto he • som semelhãtes ao ençẽso odorifi-  
 co • quer dizer bem cheirãte • oqual da boo cheiro e des  
 pois se torna ã fumu • por ysso que aquestes ataa-  
 440 es começã prudẽtamente edespois se leixam  
 cair ã fumo de priguíça Mais aquelles que renũ-  
 çiam ao mũdo por asperança do galardom / sõ  
 assy como omoyno que anda arredor senpre a  
 hũã maneira Mais aquelles que o renũçiam • pola  
 445 caridade {do} de deus / logo reçebe • ofogo ar-  
 dente e senpre creçem en feruor assy como o-  
 fogo que he metudo no panasco • Pero te digo  
 que som alguũs que ã cima da pedra fazẽ he

defiçio de la(d)rinhos EaJnda outros  
 450 som que ergẽ os esteos sobre apura terra  
 Eson alguũs que andom hũũ pouco (apos)  
 edespois que som confortados e esforça  
 dos os seus neruos andam mais for-  
 temente • Aquesta he apalaura ã figura • e a-  
 455 queste he oseu entendimento falando da  
 quelles que renũçiam o mũdo • Eos primeiros  
 aquelles que desdo primeiro prinçipio começam  
 ateer estado de grandes uirtudes sem obe-  
 diencia esomitimento • e por esso por que  
 460 elles nõ ham uso das h(u)mjldosas ba  
 talhas e da obediencia dos sobieitos  
 leuãtam fracos e misquinhos Os segundos  
 som aquelles • os quaees deslo prinçipio tomã  
 auida solitaria • antes que elles aJam pur-  
 465 gados os deffeytos e porque elles nõ hã  
 ffundamento de somitimento toste caen  
 euẽẽ ameos Os terçeiros son aquelles os  
 quaees sen leuãtamento de soberua • tomã  
 oJugo da obediencia e cõ reuerça andã  
 470 oseguro camjnhõ da subieicõ (•) e despois •  
 pouco apouco • confortados da queentura  
 do • Spiritu santo leuantã e achãsse sem  
 trabalho e sen nõ hũã frieza Eauendo a-  
 esperança<sup>224</sup> quer dizer aarte das batalhas cõ  
 475 o santo aJudoiro sen nõ hũũ embargo  
 passan ligeiramente ataa morte / pois  
 seendo nos chamados de deus nosso Se-  
 ñhor Jhesu christo / corramos promptamente e toste-  
 mente • nõ asperando tempo • por que se os nossos  
 480 dias fossem poucos sayriamos daquesta  
 uida sen fruyto de boas obras • Poys es  
 forçemos nos aprazer adeus • como os ca-  
 uallos que se esforçan de prazer ao seu Rey  
 combatẽdo viuamente (•) Por ysso que quando han  
 485 ben combatudo • oRey lhes da grandes dõões  
 Temamos deus • como nos te<<me>>mos as  
 animalias / Por que eu ey visto hom  
 eẽs que andauã afurtar • os quaees nom  
 timian deus • e ouvindo o ladrido dos ca-  
 490 ees • logo se tornarõ atras Eassy aueo  
 que o temor das animalias fez ã el{{..}}<sup>225</sup>  
 les aquello que nõ fez otemor de deus (Po)

<sup>221</sup> Na margem de cabeça está escrito: "Primeiro do fogir".

<sup>222</sup> Borrado e subpontilhado.

<sup>223</sup> Após esta palavra, há um espaço em branco correspondente a ± 8 caracteres.

<sup>224</sup> Sobre esta palavra, há uma emenda com ± 3 letras de leitura duvidosa. Há um <i> sobre o <p>, uma ou duas letras ilegíveis sobre a seqüência <-an-> e outro <i> sobrescrito entre o <ç> e o <a>, o que parece ser uma tentativa de transformar o vocábulo <esperança> em <esper(i)ença>.

<sup>225</sup> Borrado.

is amemos de ao meos. assy como a  
 matos os nossos amigos. q eu vy alg  
 uis q emuo of de r no curuo de re  
 conaliarse co elle. Svy q estes meos  
 os emuo of ses amigos e algua peg  
 na palau. r despois selh soy sometidos  
 co muyta diligencia. r con muyta t  
 bulaco de uentudo e arya offere  
 re adolhos muytos dres qn tfer  
 los ayua amigada. ea no p ruyro  
 do leixamto do mundo e todo co tra  
 lhos r co fortas r co conguyas olm  
 os ue utudes qora q a usanca maach  
 assy como contida e uatuleza. Mas  
 despois q p alguu tpo. auere. q fia fo  
 rra anos meosmos olmo estas ob u  
 tuosas entres. d alma ou b eaderu  
 uit aduotude no ha t heza. lo q a  
 nataliza no seia e todo sey p m r  
 a alma. Mas qro aduotue r onofe  
 mortal sabex. q d o sentimento de uo  
 sta mortal psumo. h junte r deffido  
 r poderofouit sometud da utude  
 q h da a alma. d q l he da p fia fo  
 r talleza. daly aduot olmoo as utu  
 dos co gnde aloga r arduiza r u  
 seio r foga de ruyro r chama de  
 canidade. Mas e aqro soy lomados  
 aglle q de pmo co aloga r pdeza o  
 lmy as utudes r obedeom aos ma  
 dantes de ses mayores. lo q l he p  
 rera alguias uezes causa m fami  
 r mesquba. d q lles q mon q lon  
 go tpo no uso das utudes. p uindo  
 r obedeom r co tualhos olm as  
 utudes r obedeom aos ma dantes  
 na os ajamos e odio fessy meosmo  
 no dessemos os deuigantos do  
 mudo r os qres algua uegada som  
 fros no co pso. ne co ppo. mto da

tes pensado. Mas p hui santo duntio  
 oql de da adua p asua estoesumda te  
 uiguidade. por q muitas uezes. estes  
 deuigantos assy fros. ha mellor acua  
 mto. q aglle q se fazem co gnde estudo. assy  
 como q semete q trae di maad uo laude  
 donde al no qr muitas uegadas foz milho  
 fruido. q aglle q soy semeado co gnde estu  
 do. Mas eu vy alguu q se emuo com o  
 ruy q eunha no p sua uotide. antes foga  
 pa no achase com elle. r despois se arua  
 rom r entrom no paco co elle r foz om  
 ses supidos. Mas meosmo de alguu q  
 autou ao meosmo. no p santa entcom  
 ante por algua uecessidade tporal. r despois  
 seano qphenduo da muyta saldada do a  
 llade r a pzuul r santa dillaad dos mo  
 ges receberom de de lume de qrua r uuo  
 amuy alta pfoia qois ue hui uo foue  
 escusa ano leixar ho mudo r tomar esta  
 do monastio q q. dig de monge dizendo  
 se q pla multidoes dos ses peidos no h  
 digno. por q esta atal no h humildeade. an  
 te h amor r uotide de delectas uuo  
 sa ou comuica pla q l no qr faze do  
 pado. Mas deusse fuz o firo p r q  
 aly donde som as muytas chagas gu  
 des. aly som muyto mais meosmo as  
 meozulhas pa ruyras. Este nos a  
 nos chama se hui rey tental q andu  
 fomos aelle. ardi dunt anduamos  
 nelle alexapang toda out causa r tado  
 out fia ofoys entcom q e nos mee  
 suos r duam q qro nos chama aq  
 sta uoqa ordem celestrial. esto h drey  
 dos deoy r o senhor de todos os senhores  
 r o de de todos os duces. q por p qrua  
 nos no deuigamos a sua chama com  
 qora q no aueremg escusa ue hui adu  
 te ofeu iuzo ea deuedes sabex. q ho  
 home q no h legado ao matrimonio  
 maye somit h legado a curya das  
 causas mudo. naes r q. andar da  
 vida solitaria. Este tal h semollite  
 aql q qr comex. auido as meos le  
 gadas. Mas aglle q h legado ao nu

is amemos *deus* ao meos • assy como a-<sup>226</sup>  
 mamos os nossos amjgos • *qua* eu vj alg-  
 495 ũus *que* errarõ *contra deus* e nõ curarõ de re-  
 conciliar-se cõ elle Evy *que* estes meesm-  
 os errarõ *contra seus* amjgos ã algũa peque-  
 na palaura • e despois selhe son sometidos  
 cõ muyta diligencia • e con muyta tri-  
 500 bulaçõ (•) Rendendosse ã culpa offere  
 [[re]]çedolhes muytos doðes • *pera* trager-  
 los a *primeira* amjgãça • (C)a no principio  
 do leixamento do mundo ã todo cõ traba-  
 lhos e cõ forças e cõ amarguras obram-  
 505 os as uirtudes • *porque* a usança maa • he  
 assy como cõuertida ã *natural*eza • Mais  
 despoys *que* per algũũ tempo • aueremos *fecto* fo  
 rça anos meesmos obrando estas obras uir-  
 tuosas (•) entõçes • aAlma ou *verdadeira*-  
 510 mente avõõtade nõ ha tristeza • bẽ *que* a  
*natural*eza nõ seia ã todo sen pena e  
 aalma • Mais *quando* avõõtade e o nosso  
 mortal saber • *quer* dizer (•) o sentimento da no  
 ssa mortal *presumçõ* • he • Junto e *destruido*  
 515 e poderosamente sometudo da uirtude  
*que* he dada aalma • *Aqual* lhe da *perfecta* fo-  
 rtelleza • daly adeante obramos as uirtu-  
 des cõ *grande* alegria e ardidez e de-  
 seio e fogo de coraçõ e chama de  
 520 Caridade Enpero ã *aquesto* son louuados  
*aquelles* *que* de *primeiro* cõ alegria e prodeza o-  
 bram as uirtudes e obedecem aos mã  
 damentos de *seus* mayores • (/) bẽ *que* lhes pa-  
 reça algũãs uezes cousa m<<i>>serauil  
 525 e mesquinha • (f) *Aquelles* *que* morã per lon-  
 go tempo no uso das uirtudes • *seruindo*  
 e obedesçendo e cõ trabalhos obram as  
 uirtudes e obedesçen aos mãdamentos  
 nõ os aJamõ ã odio / Eassy meesmo  
 530 nõ desprezemos os Renũçiamentos do  
 mũdo / os *quaees* algũa uegada som  
*fectos* nõ cõ p(e)so • nõ cõ *propoymento* dã

tes pensado • Mais *per* hũũ santo doamento  
 o *qual* *deus* da aalma *per*<<la>> asua esmesurada be  
 535 nignidade • *porque* muitas uezes • estes  
 Renũçiamentos assy *fectos* • hã melhor acaba-  
 mento • *que* *aquelles* *que* se fazem cõ *grande* studo • Assy  
 como a semẽte *que* caae da mãõ ao laurador  
 donde el nõ *quer* mujtas uegadas faz *milhor*  
 540 frũito • *que* *aquello* *que* foỹ semeado cõ *grande* estu-  
 do (•) *Qua* eu vj alguũs *que* se encõtrarõ com o  
 Rey *que* uinha nõ *per* sua võõtade • antes fogiã  
*pera* nõ acharse com elle • e despoys se arma  
 rom e entrarom no paaço cõ elle e forom  
 545 *seus* conujdados • Eppo meesmo • vi algũũ *que*  
 andou ao moesteiro • nõ *per* santa entẽçon  
 ante por algũa neçessidade *temporal* • e despois  
 seendo *conprehendido* da muyta sabedoria do a-  
 bbade da *praziuil* e santa *conuerssaçõ* dos mõ  
 550 ges Reçeberom de *deus* lume de graça e ueo  
 amuy alta *perf(e)icçõ* (•) Pois nõ hũũ nõ tome  
 escusa anõ leixar ho mũdo e tomar esta  
 do monástico *que* *quer* dizer de monge dizendo  
 se *que* *perla* multidoõẽ dos *seus* pecados nõ he  
 555 digno • *porque* esta atal nõ he humjldade • An-  
 te he amor e võõtade de delectaçõ uicõ-  
 sa ou corrũpuda *perla* *qual* nõ *quer* sayr do  
 peccado Mays deuesse *fazer* o *contrairo* por *que*  
 aly donde som as muytas chagas *gran-*  
 560 *des* • alỹ som muyto mais mester as  
 meezinhas *pera* curarlas • Esse {nos} a  
 nos chamase hũũ rey terreal *que* anda  
 semos aelle • ardidamente andariamos  
 aelle e leixariamos toda outra cousa e todo  
 565 outro *fecto* • Poỹs entẽdamõs ã nos mee-  
 smos e veíamos *que* *quando* nos chama *aque-*  
 sta nossa ordem çelestial / esto he o Rey  
 dos Reys • eo senhor de todollos senhores  
 e o *deus* de todollos deuses • *que* por *prigiça*  
 570 nos nõ Renũçiamõs asua chamaçom  
 / (•) Por *que* nõ aueremos escusa nõ hũũ deã-  
 te o seu Juizo (C)a deuedes saber • *que* ho  
 homẽ *que* nõ he legado ao matrimonio  
 mays soamente he legado aacura das  
 575 cousas mũdanaãs e *quer* andar aa-  
 vida solitaria • Este tal he semelhãte  
 aaquel *que* *quer* correr • Auẽdo as maaõs le-  
 gadas Mays *aquelle* *que* he legado ao ma-

<sup>226</sup> Na margem de cabeça está escrito: "do mũdo".



Emonyo b'femelheite aaglle q' ha lega  
 das as maues r' as ptes q'ys t'ffo algu  
 nis homées mudanos os q'as inuyam  
 negligentent me de mandado d'zede  
 Eanno p'deremos nos seguir uyda mo  
 niffici q' d'z de mouge inuendo com  
 as molheres r' co os cujados mudana  
 nes. Des q'ees En respondy ally q'edo  
 hem q' nos p'derdes fiz. fazedo r' no di  
 gades mal doutrem no munde. des r' no  
 fazedes no q'uades senhorax aduty  
 no ajades odio ao proximo uosso. Se  
 ede soligros ao oficio d'vno r' as p'tas  
 xpambias. de q' simant viuem. r' som fu  
 gidos as destas aptados das coufas do  
 mudo. Quece opaxom do p'ximo r' des  
 pobres. Seede otentos de uossas molheres  
 r' no colyades outras r' se uos ally feze  
 des no secedes muy longe do Reyno de d's  
 Era nos corranos ledant abatalha  
 lra r' fferosa do fuydo de d's. f'no d'vntem  
 do ne temedo os nossos camygos. por q'  
 elly q'eam en na face da ulmal. q' d'at  
 q' elly no a veiam clamat. saluo p'demo  
 f'ranctos de spuaes. r' plo seu font.  
 entendiado r' pla muytu usanca. E  
 se veem alua ep'atada p' o mudo. q'fir  
 ma muyto mayz abatalha r' muyto  
 mais cruelm't cotate. conhe q'ed os  
 p'fiosos enemygos q' nos auemos medo  
 q'oz esso nos ledant nos armemos  
 abaterado fortent otra elly. por q' d'  
 o ualere cotatedor ne huu no cotate  
 de boa mt. Cao seahoz deffenpati  
 uant aligejece as batalhas do ro  
 meradores por q' se no oppante das fortis  
 r' crués batalhas r' torné ao mudo p'por  
 aq'l coufa se alegram em d's todolos seu  
 fuos conhecedo em sy maestros aq'ffe  
 p'nuo sp'nal da candado do seu Rey. q'pla

Epxe rhannad q' ha feuta e nos.  
 inuytag uezes se nos leixa sentiz.  
 r' achax q' d' enty alguas almas  
 fortes r' esforadas aas q'ees logo  
 desdo p'cipio. ou comete d's th' p'm  
 eten fortes batalhas. q' rendus a  
 gilha comax p'nosso. Sebor id  
 no p'mete aq'lls q' f'ram no mudo  
 do q' sapla as batalhas. aq'lls q'  
 som no fuydo de d's. as q'ees bati  
 llhas. aq'lls q' p'uico conholrem  
 as reputam supossuys. q' d'z  
 q' no p'uic seer th'ays. d'aditunt  
 som p'ssuys r' lo p'uic seer p'ox  
 q' se olte as soulessem. ne huu no  
 saira do mudo p'pays da p'tante  
 r' andant r' co g'nde deligencia  
 alhu p' otalho da tua manti  
 nancia legatris na d'olhuo das  
 d'zas p' f'ras. p'ox q' q' d' os hom  
 es som uellos q'oni na p' d'allo q'  
 ha ganhado no t'p' da mancelia  
 Epxon nos m'cotos. t'ball' emos  
 f'uentant r' armamos soligantur  
 p' q' a hora da morte no t' q' d' d'  
 d'aditunt nos auemos camy  
 gos maas r' cruces r' ar'te r' os  
 r' p' d'rosos. os q'ees no d'vntem r'  
 no som mat'naaes. r' no som vi  
 ssuys. os q'ees teen ofogo na ma  
 ao pa queimar o templo de d's q' h'  
 nos p'p'ela. q' coufa ne huu ma  
 celo. no ofenta r' crea aos seg en  
 mygos os diabos q' lly estay d'z  
 do ally. q' on te destruas r' nony  
 atormentes o ar'p' r' atua car  
 ne p'ox y'p'o q' no r'ayas d' d'vntem  
 plonq'ica. E p' ad'ffo/ enganos  
 r' m' selho amalaues se acha na  
 huu d'q'ffo p'sente d' d' q' q'erra  
 huu p'uico amortificax. usua m'  
 ne ne t' r' m' lly os romeres d'olystos

trimonyo he semelhãte aaquelle *que* ha lega<sup>227</sup>  
 580 das as maaos *e* os pees Epor esso algu-  
 ùs homêes mūdanos os *quaees* (•) víujam  
 negligentemente me demãdarõ dizendo  
 Ecomo poderemos nos seguir (•) uýda mo  
 nastica • *quer* dizer de monge // víuendo com  
 585 as molheres *e* cõ os cuJdados mūdana-  
 aês • Aos *quaees* Eu respondy assy Todo  
 bem *que* uos poderdes fazer • fazedeo *e* nõ di-  
 gades mal doutrem nõ mintades *e* nõ  
 furtedes (•) nõ *queirades* senhorar aoutren  
 590 (/) nõ aJades hodío ao prouximo uosso / Se-  
 ede soliçitos ao ofiçio díuino *e* aas *sanctas*  
*conpanhias* • dos *que* santamente víuem • *e* som fu-  
 gidos aos desertos apartados das cousas do  
 mūdo Auede cõpaixom do proximo edos  
 595 pobres / Seede contentos de uossas molheres  
*e* nõ cobijçedes outras *e* se uos assy fezer  
 des nõ seeredes muy longe do Reýno de *deus*  
 (O)ra nos corramos ledamente aa batalha  
 boa *e* fremosa do seruiço de *deus* • / • nõ duujdan  
 600 do nõ temêdo os nossos enmíjgos / por *que*  
 elles *guardam* en na face da alma / • Macar<sup>228</sup>  
*que* elles nõ a veian claramente • saluo *per* demo  
 stramêtos de sýnaaês • / *e* perlo seu sutil (•)  
 entendimento *e* perla muyta usança E  
 605 se veem aalma escã(b)ada por {{.}}<sup>229</sup> medo • Afir  
 mã mujto maýs abatalha *e* mujto  
 maýs cruelmente cõbatê • / conheçêdo os  
 perfiosos enmijgos *que* nos auemos medo  
 Epor esso nos ledamente nos armemos  
 610 cõbatendo fortemente *contra* elles • por *que* *contra*  
 o ualête cõbatedor nõ hũ nõ cõbate  
 de boa mente (E)ao Senhor despensatí-  
 uamente (•) aligeireçe as batalhas dos co-  
 meçadores por *que* se nõ espantê das fortes  
 615 *e* cruees batalhas *e* tornê ao mūdo / por  
 aqual cousa se alegrem em *deus* • todolos seus  
 seruos conhecêdo em sy m(a)esmos aqieste  
 primeiro sýnal da Caridade do seu Reý • Eperla

{{Epor}}<sup>230</sup> chamaçõ *que* ha feicta ã nos •  
 620 muytas uezes se nos leixa sentir {z} •  
*e* achar • *pero* *que* euvý alguãs almas  
 fortes *e* esforçadas • aas *quaees* logo  
 desdo principio • ou começo • *deus* lhe prom-  
 eteu fortes batalhas • *querendoos* a  
 625 ginha coroar / Enosso (•) Se<n>hor *deus*  
 nõ *permite* aaquelles *que* stam no mun-  
 do *que* saybã as batalhas daquelles *que*  
 som no seruiço de *deus* / As *quaees* bata-  
 lhas • Aquelles *que* pouco conhosçem  
 630 as reputam Inpossuiýs • *quer* dizer  
*que* nõ podê seer / Mays (•) verdadeiramente  
 som possuiýs *e* bẽ poden seer • por  
*que* se elles as soubessem • nõ hũ nõ  
 saíra do mūdo / Poýs da p(rõ)tamente<sup>231</sup>  
 635 *e* ardidamente *e* cõ grande deligençia  
 aJhesu *christo* • otrabalho da tua mançi-  
 bia • *e* alegrartas na velhiçe das  
 R<i>quizas *per* fectas • por *que* quando os hom-  
 es som uelhos gouernãsse daquello *que*  
 640 hã ganhado no tempo da mançebia  
 Epor(e)n nos mãçebos trabalhemos  
*feruentamente* *e* corramos soliçitamente  
 por *que* agora da morte nõ he çerta  
 Verdadeiramente nos auemos enmij-  
 645 gos maaos *e* cruees • *e* arteiros  
*e* poderosos • os *quaees* nõ dormem *e*  
 nõ som materiaaes *e* nõ ssom ví-  
 ssiuiýs / • os *quaees* teen ofogo na ma-  
 aõ (•) *pera* queimar o tenplo de *deus* *que* he  
 650 nos / porla qual cousa nõ huã mã-  
 çebo / nõ consenta *e* crea aos seus en-  
 mijgos os diabos *que* lhe estan dizê  
 do assy • Non te destruas *e* nom  
 atormentes o corpo *e* atua car  
 655 ne / por ýsso *que* nõ cayas ã doença  
*per*longada Ep<o>r aqieste / enganoso  
 conselho amalaues se acha nen  
 hũ daquesta presente (•) vida *que* queira  
 hũ pouco amortificar asua car  
 660 ne nõ tirarlhe os comerdes deleýtosos

<sup>227</sup> Na margem de cabeça está escrito: "Primeiro do fogir".

<sup>228</sup> Possivelmente, o vocábulo é 'marca'.

<sup>229</sup> Há um pequeno borrão.

<sup>230</sup> Trecho pontilhado ao redor.

<sup>231</sup> O sinal abreviativo que deveria estar sobre o <m> aparece sobre o <e> final.

Deves saber q a extencion deste diablo  
 q nos da aqste conselho h aqsta. de faz nos  
 faz principio do nosso contumto cheo de  
 pguicia por yso qo acatanto seia muyto  
 paor. Por esso aq q paybant qe huyr  
 aq y pmanit se somete ao conselho a aa  
 obediencia dos padres hruaes nos qas  
 conhoscaes as causas puetosas pa al  
 ma. Esto h pola muyta amigaca r amo  
 ne q ham coos. Ello conselho r pla sua  
 abediencia. tomam logor r estado r  
 mania muybaul. assy lhy faz mestex po  
 yso q os grandes moestros no som puet  
 tosis atodo home p mayor m a pte h  
 muyto ledo. uacant ou golofo. Dem  
 adta os hmytozios som puetosos aque  
 h muyto esto r furoso ou yso. Por  
 esso se qe sruar. aq de stas puetosens  
 on ha de seer mouge h maye. Inclua  
 do. por q todo o estado r a dymycom  
 m. n. a. f. a. qe diz dos mouges se con  
 tem e estas ts causas germlnt. E  
 hui h h estar solitario r apartydo de  
 p. r. l. a. das gentes. O out h h estar a  
 obediencia do pad spual co hui ou  
 co dos co. m. b. e. r. y. s. O out h h de mo  
 rar no moestro co paciencia. O out  
 o estado de meo h maye. S. u. e. h. a. u. l.  
 2. muytos m. p. m. o. h maye p. y. g. o. s. o.  
 s. y. como diz a sui s. p. t. u. r. i. q. diz assy  
 ay ao soo poza se mar e acidia ou e  
 sonolencia ou e despaço. nom hi ne  
 hui q o ajude alouatar. O out onde  
 sam dog outres. a. j. u. t. a. d. o. s. no mau  
 nom a. d. i. z. o. s. e. n. h. o. r. e. u. s. e. e. r. e. p. e. m. m. e. o.  
 d. e. l. l. s. O out h aq anonge sayto r fy.  
 el aq se obediencia r fo os f. k. l. h. o. s.  
 s. p. u. a. n. e. s. o. s. e. r. u. a. o. s. e. n. f. e. r. u. o. z. s. e. m. n. e.  
 hui enfrimto r atua morte no

leiya de creter fogo a fogo r amor a amo  
 neste atal como sera fim sera cotado  
 Capitulo soo q fala de no amre.

**A**lle q conuera dade una lhu e  
 tgeudo no seu coraom. E aqll q  
 uerda qant busca p. r. i. p. a. o. d. e. r. n. o. d. o. s.  
 ceos. E aqll q euuuda hi doo dos p. e. t. a.  
 d. o. s. r. d. i. s. s. u. a. s. o. s. e. n. p. r. o. o. s. E aqll q cony.  
 b. i. a. d. e. t. r. a. g. e. n. o. t. o. r. p. e. s. t. o. n. o. d. a. m. o. r. t. e.  
 aqste d. i. l. y. a. d. i. a. n. t. n. o. a. m. a. y. a. r. a. e. n. s. e.  
 a. y. a. r. a. d. e. c. o. n. s. a. n. e. h. u. a. t. e. r. r. e. a. l. n. e. d. e.  
 d. i. s. m. e. d. e. p. o. d. e. r. e. s. n. e. m. d. e. p. a. r. e. n. t. o. s. n. e.  
 d. a. h. o. n. r. a. d. e. s. t. e. m. u. n. d. o. d. e. n. d. e. n. e. h. u. a. r. o.  
 u. s. a. q. a. a. q. s. t. o. s. e. p. r. e. n. h. a. O. u. a. y. s. t. o. d. o. o. i. s. o.  
 r. a. e. n. c. l. i. n. a. c. o. d. e. s. t. a. s. c. o. n. s. a. s. d. e. t. a. r. i. d. e. s. s. y.  
 r. a. d. u. l. a. s. e. h. o. d. i. o. r. e. a. j. u. d. a. a. s. u. a. c. a. r. n. o. r. e.  
 a. s. s. y. n. u. i. d. e. t. o. d. a. c. a. u. s. a. s. e. n. n. e. h. u. a. d. i. u. i. s. a.  
 s. i. g. u. r. a. a. x. p. o. O. u. e. n. t. a. u. e. r. a. a. e. n. t. e. n. d. o. a. o. s.  
 r. e. d. e. l. y. c. h. a. m. a. r. i. o. s. e. u. a. j. u. d. i. c. i. o.  
 s. e. g. u. i. d. o. q. d. i. z. i. a. o. s. a. n. t. o. p. p. h. a. a. d. s. q. d. i. z.  
 d. i. z. i. a. a. m. y. n. h. a. a. l. t. a. r. a. s. e. h. a. a. c. o. s. t. a. d. a. a. t. y.  
 E. s. t. o. q. d. i. z. o. u. t. p. p. h. a. a. d. s. q. d. i. z. e. S. e. n. h. o.  
 m. e. u. a. m. y. n. o. s. o. y. a. s. s. i. a. n. d. e. s. e. g. u. i. r. a. t. y. m. e. u.  
 p. a. t. h. o. z. q. e. u. n. o. d. e. s. e. g. e. y. c. o. s. o. l. a. n. o. n. e. r. e.  
 p. o. u. s. o. h. u. m. a. n. a. l. O. u. p. o. m. u. y. g. r. a. n. c. o. n. s. y.  
 f. u. s. o. n. h. r. e. p. e. r. a. a. a. d. e. s. q. l. e. i. x. a. r. o. t. o. d. a. s.  
 e. s. t. a. s. c. o. n. s. a. s. d. e. s. u. s. o. d. i. u. s. d. e. s. p. o. i. s. d. a.  
 c. h. a. m. a. c. o. a. a. q. l. o. s. h. a. c. h. a. m. a. d. o. s. d. e. s. r. u. o.  
 h. o. m. i. e. n. o. h. u. i. S. o. l. o. g. i. t. a. r. s. e. o. u. c. u. r. a. r.  
 s. e. d. e. n. e. h. u. a. o. u. t. c. o. n. s. a. a. q. l. n. o. s. e. j. a. n. e.  
 r. e. p. p. a. r. a. n. o. t. i. p. o. d. a. m. o. r. t. e. E. a. q. s. t. o. h. a. q.  
 l. l. o. q. d. i. z. e. n. o. s. s. o. S. e. n. h. o. r. n. o. e. u. a. g. e. l. l. y.  
 c. o. n. h. e. c. e. d. o. q. o. a. m. y. n. h. o. d. i. a. l. l. s. q. c. o. m. e.  
 i. a. a. a. n. d. a. z. n. o. s. u. i. u. d. d. e. d. e. r. e. t. o. n. a. a. t. i. s.  
 d. e. s. p. o. i. s. q. h. a. m. p. o. s. t. a. a. m. e. a. d. n. o. a. y. a. d. o.  
 O. n. o. s. s. o. s. e. n. h. o. r. d. i. z. e. q. e. s. t. e. s. a. t. n. a. e. s. n. o.  
 s. o. m. a. y. t. o. s. n. e. d. i. g. n. o. s. d. e. s. e. r. u. o. d. e. d. e. s.  
 o. u. d. o. s. r. e. d. o. s. s. a. l. u. a. c. o. n. h. o. s. e. n. t. u. o. n. o. g. o.

E deus saber *que* a entençon deste diaboo<sup>232</sup>  
*que* nos da *aqueste conselho* he *aquesta* • de *fazer* nos  
*fazer oprinçipio* do nosso cõuertimento cheo de  
*priguiça* • por *ýsso que* o *acabamento* seia muyto  
665 *peor* Epor *esso* *aquel que* saybamente *quer serujr*  
*achristo* • / *primeiramente* se *somete* ao cõselho e *aa*  
*obediencia* dos *padres spirituaaēs* (//) os *quaeēs*  
*conhosçen* as *cousas prouetosas* *pera* al-  
*ma* • *Eesto* he *pola* *mujta* *amjgãça* e *amo*  
670 *rio que* *ham* cõ *deus* *Eperllo* cõselho e *perla* sua  
*obediencia* • *tomam* *logar* e *estado* e  
*maneira conujnhauil* • *assy* <<segundo>> *lhes* *faz* *mester* • *Por*  
*ýsso que* os *grandes* *moesteiros* nã *som* *prouei*  
*tosos* *atodo* *homẽ* (•) / *Emayormente* *aque* he  
675 *muyto* *ledo* • *uaamente* ou *goloso* *Nem*  
*aJnda* os *hermjtorios* *son* *proueitosos* *aque*  
*he* *muyto* *triste* • e *furiOSO* ou *yroso* • *Epor*  
*esso* se *quer* *consijrar* • *aqual* *destas* *paixoens*  
*oque* *ha* de *seer* *monge* *he* *mayS* (•) *Inclina-*  
680 *do* • / *Por que* *todo* o *estado* e *a conuerssaçom*  
*monastica* • *quer* *dizer* dos *monges* se *con-*  
*tem* ã *estas tres* *cousas* *geeralmente* • *O-*  
*hũu* *sy* *he* *estar* *solitario* *eapartado* *cor-*  
*poralmente* *das* *gentes* *Ooutro* *sy* *he* *estar* *a-*  
685 *obedie(nç)ia* do *padre* *spiritual* cõ *hũu* ou (•)  
cõ *dous* cõ(p) *anheiros* *O outro* *sy* *he* de *mo-*  
*rar* no *moesteiro* cõ *paçiençia* • *Mays*  
o *estado* de *meo* *he* *mays* *conuenhauil*  
*A* *mujtos* (•) e<sup>233</sup> *oprimeiro* *he* *mayS* *perijgoso* • *A*  
690 *ssy* *como* *diz* a *sancta scriptura* / *que* *diz* *assy*  
*Ay* *ao* *soo* *porque* *se* *caae* ã *açidia* ou ã  
*sonolençia* ou ã *desperaçõ* • *nom* *h(a)* *nẽ*  
*hũu* *que* o *aJude* *aleuãtar*<sup>234</sup> *MayS* *onde*  
*seram* *dous* • *outres*<sup>235</sup> • *aJũtados* no *meu*  
695 *nome* // *diz* o *senhor* *eu* *seerey* *em* *meo*  
*delles*<sup>236</sup> *Equẽ* *he* *aquel* *monge* *saybo* e *fy*  
*el* *oqual* *so* *obediencia* e *so* os *trabalhos*  
*spirituaaēs* *conserua* *oseu* *feruor* *sem* *nẽ*  
*hũu* (e) *nfriamento* e *ataa* *morte* *nõ*

700

700 *leixa* de *creçer* *fogo* *afogo* e *amor* *aamor*  
e *este* *atal* *como* *sera* *fim* *sera* *cõtado*  
**Capitolo segundo que fala de nõ amar**  
**nen hũa cousa maliciosamente**  
*Aquelle*<sup>237</sup> *que* *conuer* {{{d}}} *dade*<sup>238</sup> *ama* <<a>> *Jhesu christo*  
705 *tragendo*<<o>> no *seu* *coraçom* • *Eaquell* *que*  
*uerdadeiramente* *busca* *participar* o *Reyno* dos  
*çeeõs* *Eaquelle* *que* *enuerdade* *ha* *door* dos *peca-*  
*dos* e *das* *suas* *ofenssooês* *Eaquelle* *que* *com*  
*verdade* *trage* no *coraçõ* *temor* da *morte*  
710 *Aqueste* *daly* *adiante* • *nõ* *amara* (•) *Nem* *se*  
*curara* de *cousa* • *nẽ* *hũa* *terreal* • *nẽ* *de-*  
*dinheiros* • *nẽ* de *poderes* *nem* de *parentes* • *nẽ*  
*da* *honra* *deste* *mũdo* • *Nem* de *nẽ* *hũa* *co-*  
*usa* *que* *aaquesto* *se* *pertenha* (•) *Mays* *todo* • *ouso*<sup>239</sup>  
715 e *a* *enclinaçõ* *destas* *cousas* *deitara* *dessy*  
e *auerlas* <<ha>> ã *hodio* • e *aJnda* *asua* *carne* / e  
*assy* *nuu* de *toda* *cousa* *sen* *nẽ* *hũa* *duujda*  
*sigujra* *achristo* • *Esenpre* *auera* a *entençõ* *aos*  
*çeeõs* • e *daly* *chamara* *oseu* *aJudoiro*  
720 *Segũdo* *que* *dizia* o *santo* *propheta* *adeus* • *quando*  
*dizia* *amjnha* *alma* *se* *ha* *acostada* *aty*<sup>240</sup>  
*Esegundo* *que* *diz* *outro* *propheta* *adeus* *que* *disse* *Senhor*  
*meu* • *amj* *nõ* *foy* *affam* de *seguir* *aty* *meu*  
*pastor* *qua* *eu* *nõ* *desegey* *cõsolaçõ* *nẽ* *re*  
725 *pouso* *humana*<sup>241</sup> • (E) *npero* *muy* *gram* *com*  
*fusom* *he* e *seera* *aaquelles* *que* *leixã* {{{rõ}}} <sup>242</sup> *todas*  
*estas* *cousas* de *suso* *dictas* • *despois* *da*  
*chamaçõ* *aaqual* os *ha* *chamados* *deus* *enõ*  
*homẽ* *nẽ* {{{.}}} <sup>243</sup> *hũu* • (S) *ologitarsse* ou *curar-*  
730 *sse* de *nẽ* *hũa* *outra* *cousa* • *aqual* *nõ* *seJa* *ne*  
*çessaria* no *tempo* da *morte* *Eaquesto* *he* *aque-*  
*llo* *que* *disse* *nosso* *Senhor* no *euãgelho*  
*conheçẽdo* *que* o *camjnho* *daquelles* *que* *come*  
*çã* *aandar* no *seruiço* de *deus* e *tornã* *atras*  
735 *despois* *que* *ham* *posta* a *maã* no *arado*  
(E) *nosso* *senhor* *disse* • *que* *estes* *ataaēs* *nõ*  
*som* *aptos* *nẽ* *dignos* do *Reyno* de *deus*  
ou dos *çeeõs*<sup>244</sup> / • *AJnda* *conhosçendo* o *nosso*

<sup>232</sup> Na margem de cabeça está escrito: "do mũdo" (1ª coluna) e "ij" (2ª coluna).

<sup>233</sup> Um traço vertical separa <e> de <oprimeiro>.

<sup>234</sup> Possível ref. bíblica: Eclesiastes 4:9-10.

<sup>235</sup> Um traço vertical separa <ou> e <tres>.

<sup>236</sup> Ref. bíblica: Mateus 18:20.

<sup>237</sup> <A> capitular.

<sup>238</sup> O primeiro <d> está riscado. O <n> apresenta um sinal acima e um abaixo, parecendo 'corrigi-lo' para um <m> ou separá-lo do vocábulo seguinte.

<sup>239</sup> Um traço vertical separa <o> e <uso>.

<sup>240</sup> Ref. bíblica: Salmo 62:9.

<sup>241</sup> Ref. bíblica: Jeremias 17:16

<sup>242</sup> O trecho final está pontilhado ao redor.

<sup>243</sup> Borrado.

<sup>244</sup> Ref. bíblica: Lucas 9:62

## ESCLARECIMENTO

Para preservar o direito autoral sobre a edição, e o direito de reprodução do fac-símile pela Biblioteca Nacional (Lisboa, Portugal), as páginas 68 a 283 foram suprimidas do arquivo eletrônico desta dissertação.

## CONCLUSÕES

A edição do testemunho em medievo-português *Escada Celestial* tanto exigiu habilidades e informações como propiciou a ampliação destas. A necessidade de compreender o texto e tudo o que o perpassa ocasionou a investigação dos mais variados aspectos – paleográficos, lingüísticos, literários, históricos etc –, e o amadurecimento necessário para lidar com as questões interpretativas que emergem desse texto, de características lingüísticas e representações ideológicas e sociais tão estranhas às atuais.

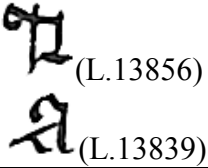
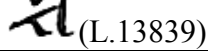
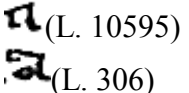
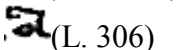
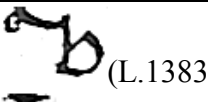
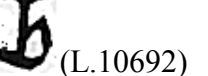
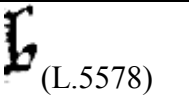
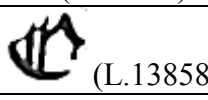
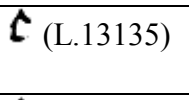
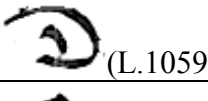
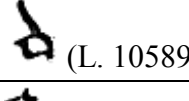
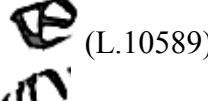
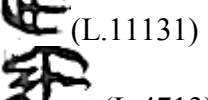
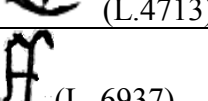
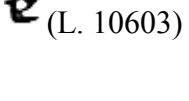
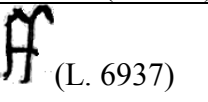
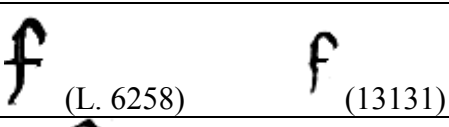
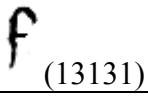
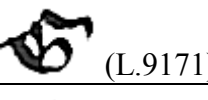
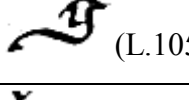
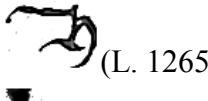
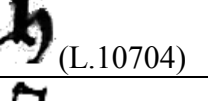
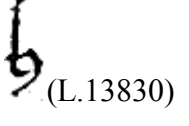
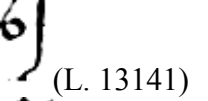
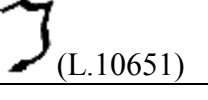
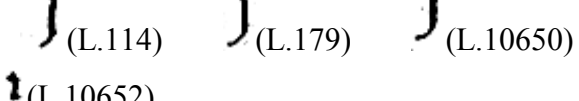
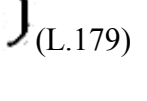
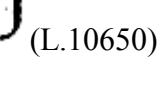
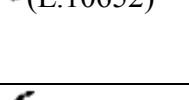
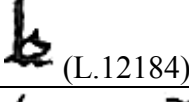
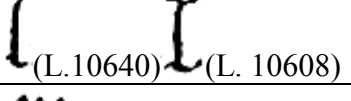
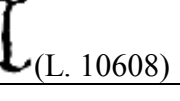
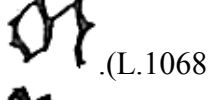
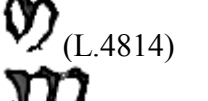
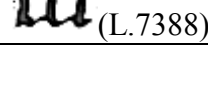
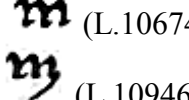
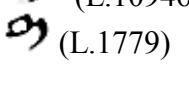
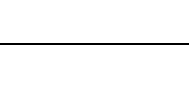
A recompensa dessa árdua empreitada constitui-se do aprendizado proporcionado e do aprazimento de trazer a lume o que laboriosamente também foi produzido e conservado, que passa, a partir das intervenções editoriais feitas, a ser contributo para outras pesquisas. Dá-se, a partir desse ponto, um outro momento, não menos difícil que o da edição: a recepção.

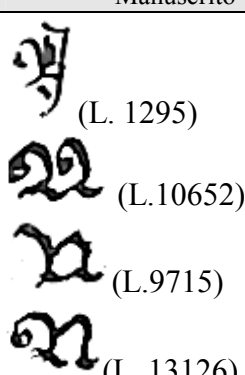
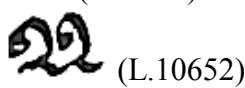
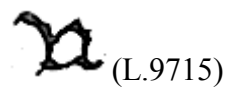
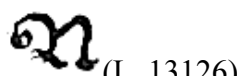
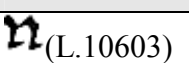
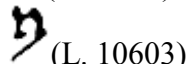
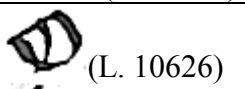
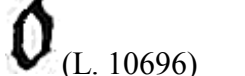
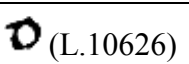
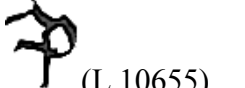
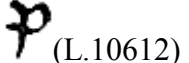

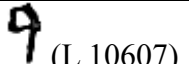
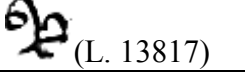
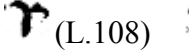

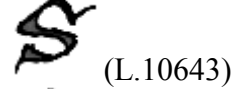
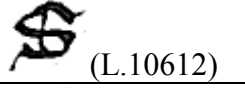
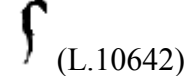
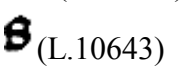
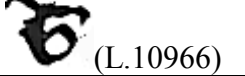
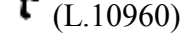

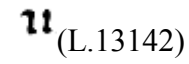
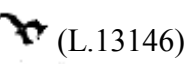
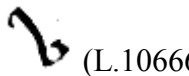
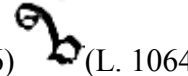
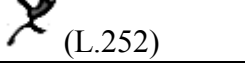
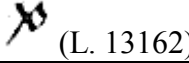
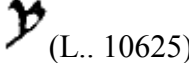
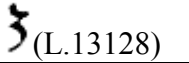
A fim de contribuir para um debate acadêmico sobre o rigor ecdótico em trabalhos de edição, discutiu-se a subjetividade do trabalho editorial e a importância da adoção, explicitação e aplicação de normas de edição coerentes com suas finalidades.

A escolha do tipo de edição está subordinada ao objetivo principal de sua realização e ao público-alvo que se deseja atingir. Tendo em vista que o objetivo primordial da edição aqui apresentada é constituir-se fonte fidedigna de dados para os estudos lingüísticos, não há como se esquivar do conservadorismo das normas de edição. O contrário – uma tendência modernizadora, para facilitação da leitura – tornaria a edição mais aceitável para um eventual leitor não lingüista, mas também a tornaria incoerente com o seu propósito. Contudo, "ainda que alguns aspirem a uma objetividade mecânica na operação" (HOUAISS, 1967, v.1, p. 205), a 'medida do rigor' desses critérios também é interpretativa, como lembram as palavras de Emiliano (2002, *passim*).

Espera-se que o trabalho de edição aqui apresentado não seja nem tão hermético em seus objetivos lingüísticos que o torne inviável a outros fins, nem tão voltado a outras demandas que o invalide para os estudos diacrônicos.

**APÊNDICE A - ALFABETO DE ESCADA CELESTIAL (CÓD. ALC 213)**

MAIÚSCULO		MINÚSCULO	
Moderno	Manuscrito	Moderno	Manuscrito
A	 (L.13856)  (L.13839)	a	 (L. 10595)  (L. 306)
B	 (L.13835)  (L.10692)	b	 (L.5578)
C	 (L.13858)	c	 (L.13135)
D	 (L.10592)	d	 (L. 10589)
E	 (L.10589)  (L.11131)  (L.4713)	e	 (L. 10603)
F	 (L. 6937)	f	 (L. 6258)  (13131)
G	 (L.9171)	g	 (L.10590)
H	 (L. 12657)  (L.10704)	h	 (L.13830)
I/J	 (L. 13141)  (L.10651)	i/j	 (L.114)  (L.179)  (L.10650)  (L.10652)
K		k	 (L.12184)
L		l	 (L.10640)  (L. 10608)
M	 (L.10680)  (L.4814)  (L.7388)	m	 (L.10674)  (L.10946)  (L.1779)

MAIÚSCULO		MINÚSCULO	
Moderno	Manuscrito	Moderno	Manuscrito
N	 (L. 1295)  (L.10652)  (L.9715)  (L. 13126)	n	 (L.10603)  (L. 10603)
O	 (L. 10626)  (L. 10696)	o	 (L.10626)
P	 (L.10655)	p	 (L.10612)
Q	 (L.10606)	q	 (L.10607)
R	 (L. 13817)	r	 (L.108)  (L.109)
S	 (L.10643)  (L.10612)	s	 (L.10642)  (L.10643)
T	 (L.10966)	t	 (L.10960)
U/V	 (L. 6250)	u/v	 (L.13142)  (L.13146)  (L.10666)  (L. 10649)
X	 (L.252)	x	 (L. 13162)
Y		y	 (L.. 10625)
Z		z	 (L.13128)

Quadro 6 - Alfabeto de Escada Celestial (cód. ALC 213)



## APÊNDICE B - ABREVIATURAS E SINAIS ABREVIATIVOS FREQUENTES

Abreviaturas / sinais (ms.)	Desdobramentos (edição)
	<i>con-</i> (L. 391)
	<i>pro-</i> (L. 3)
	<i>per-</i> (L.11); <i>par-</i> (L. 256)
	<i>he</i> (L. 12)
	<i>-uar-</i> (L. 112); <i>-ua-</i> (L. 4); <i>-ra-</i> (L. 38); <i>-ar-</i> (L. 25)
	<i>-er-</i> (L. 25); <i>-re-</i> (L. 12); <i>-eir-</i> (L. 50)
	<i>-ur-</i> (L. 11335), <i>-ru-</i> (L. 11486), <i>-ar-</i> (L.7595).
	sinal abreviativo ( <i>titulus</i> ) para supressão de letras no interior do vocábulo e/ou fim do vocábulo (L. 21).
	<i>que</i> (L. 3)
	<i>ser-</i> (L.10761)
	<i>segundo</i> (L. 51)
	<i>seruos</i> (L. 149)
	<i>quando</i> (L. 428)
	<i>quanto</i> (L. 1145)
	<i>deus</i> (L. 16)
	<i>spiritu</i> (L. 213)
	<i>Jhesu</i> (L. 162)
	<i>christo</i> (Ls. 163 e 131, respectivamente)
	<i>sancta</i> (12664)
	<i>sentença</i> (L. 8)
	<i>moesteiro</i> (L.195)
	<i>prophetas</i> (L. 10587)
	<i>-us</i> , (L. 47); <i>-os</i> (L. 146); <i>con-</i> (L. 41)
	<i>mjsericordia</i> (L.10953)
	<i>e &lt; et</i> (nota tironiana. L. 12)
	<i>dauid</i> (L. 6325)

Quadro 7 - Abreviaturas e sinais abreviativos frequentes - EC (Cód. alc. 213)

ANEXO A - FAC-SÍMILE DO FÓL. 1R - PRÓLOGO E PARTE DO ÍNDICE DE *SCALA PARADISI* (TRAD. ITALIANA DE GENTILE DA FOLIGNO; SÉC. XIV)

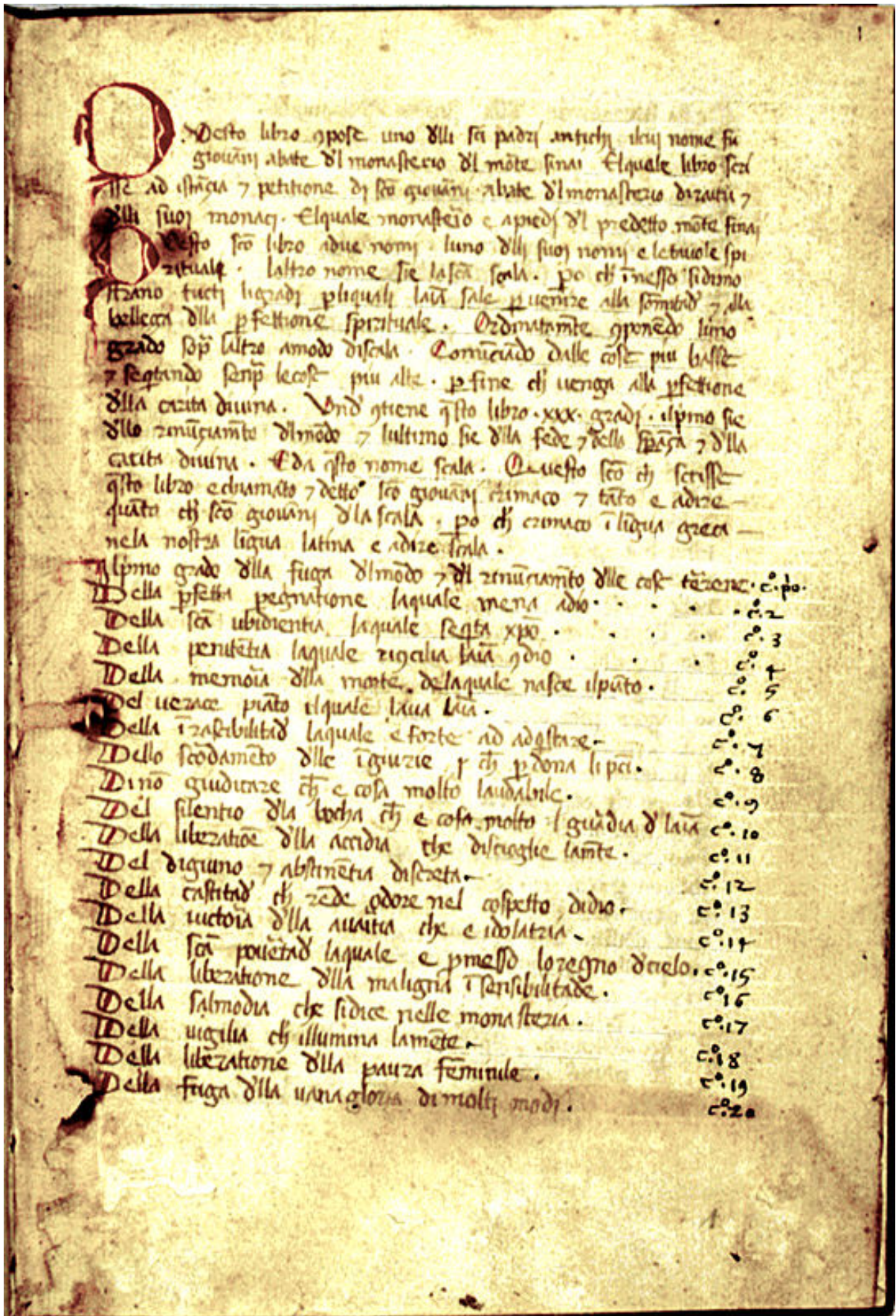


Figura 3 - Fac-símile do fól. 1r - *Scala Paradisi* (trad. italiana de Gentile da Foligno; séc. XIV)

ANEXO B - EXCERTOS DA EDIÇÃO DE 1492 DA TRADUÇÃO ITALIANA DE GENTILE DA FOLIGNO (SÉC. XIV), RELATIVAS AO PRÓLOGO E SUMÁRIO DA *SCALA PARADISI*

**In** Nome domini nostri Iesu christi Amen. **In**comincia el prologo dellibro chiamato Climaco el quale eõ pose uno de sancti padri antichi el cui nome fu Iohanni abbate del monasterio del monte synai: El qual libro scripse ad instantia & petitione di sancto Iohanni abbate del monasterio di Rayti & delli suoi monaci: el quale monasterio e apiedi del predicto monte synai.

**Prologo**

**V**esto sancto libro ha dua nomi Luno delli suoi nomi e decto tauola spirituale poche in esso scontiene abreutate & copiosamente quasi tutte doctrine necessarie allaura spirituale. Laltro nome si e chiamato la sancta scala. Peroche in esso sidimostrano li gradi p'li quali lanima sale & perulene alla sumita & alteza dellaperfectione spirituale. Componendo adunche ordinatamente luno sopra laltro amodo di scala cominciado dalle cose piu basse & seguitado sempre le cose piu alte perfino ch'peruiene alla perfectione della charita diuina. Onde contiene questo libro tre: ta gradi. El primo sie del renuntiamen to del mondo. El trigesimo sie della fede speranza & charita diuina. Et da q'sto nome scala: Questo sancto che lo scripse e chiamato sancto Iohanni climaco. Et tanto e adire quanto sancto Iohanni della scala: Peroche climax in lingua greca & in lingua latina e adire scala. Et questi sono li gradi liquali sicõ tengono nella prenominata scala.

**Primo grado**

El primo grado sie della fuga del mon & del renuntiamen to delle cose terrene. El secondo di non haure affecto uoloso a nessuna cosa.

El terzo della perfecta peregrinatione la quale mena lanima a dio.

El quarto della sancta obediẽtia la quale seguita Christo.

El quinto della penitencia la quale ricõcilia lanima con dio.

El sexto della memoria della morte della quale nasce el pianto.

El septimo del uerace pianto el quale laua lanima dalli peccati.

Loctauo dellaurta di non irarsi la quale e forte da'quistare.

Lo nono di non ricordarsi delle injurie riceute che perdona li peccati.

El decimo di fugire el iudicare altrui ch' e cosa laudabile.

Lo undecimo del silenzio della bocca el quale e guardia dellanima.

Lo duodecimo e cessare perfectamente dal mentire & dalle bugie.

El tredecimo e della liberatione della accidia che discioglie lamente.

El quattordecimo e del uero digiuno & delladisceta abstinencia.

El quindecimo e della castita che recõde odore nel conspecto di dio.

El decimosexto e della uictoria della auaritia che e ydolatria pessima.

El decimosseptimo e la sancta poverta alla quale e promesso el regno del cielo.

El decimo octauo e la liberatione della maligna & captiua insensibilita.

El decimonono e la psalmodia che si dice & legge nelli monasterii.

El uigesimo e la uigilia che illumina la mente alben uiuere.

El uigesimoprimo e la liberatione della paura feminale & pusillanimita.

Figura 4 - Excertos da edição de 1492 da tradução italiana de Gentile da Foligno (séc. XIV), relativas ao prólogo, e sumário

El. xxii. della fuga della uanagloria de  
molti modi & uie.

Lo. 23. della liberatione della superbia  
demoniaca cariuu.

El. 24. della innotentia e simplicitade  
insegna da christo

Lo. 25. della sancta & perfecta humili-  
tade & benignitade.

El. 26. del lume della perfecta & bella  
discreta discretione.

Lo. 27. del cielo della quiete alicata da  
le cure del mondo.

El. 28. della oratione angelica e imma-  
teriale

Lo. xxix. del porto dela sancta in passi-  
bilitade.

El. 30. & ultimo grado dela Fede Spe-  
ranza & Caritade.

¶ Prologo del traduttore di questo li-  
bro di latino in uulgar

**H**o frate ch' otolto la impresa  
a trãslataŕ questo libro di la-  
tino in uulgar cõfidãdome  
del adiutorio diuino p satisf-  
fare a li serui di christo: li quali non in-  
tendono lo parlare literale. In prima  
dechiato lo mio intẽdimẽto ad uoi le-  
gitori. & dico in questa non intendo se-  
guitare a tutto lordine dele parole del  
libro scripto in gramatica. Pero che in  
questo modo non sc. dechiareria bene:  
pero che e grãde dĩa dal parlare uulga-  
re al parlare p grãmatica. Ma intendo  
de ponere le sententie dele parte & de-  
li paragraphi del libro quanto idio mi  
fara itẽdere quanto piu chiaro potero  
& alcune parole che poro delle chiose  
de li fant. per piu dechiaratione & su-  
plemento del testo: per non inuaciare  
le margene delo libro scripto: tra el te-  
sto signato col filo dai piedi & tel non  
potere esapere bene dechiarare me acc

sopero che delli uocaboli uulgari sono  
molto ignorante pero che li agio poco  
usati: Ancho pero che le cose spirituali  
che non si possono si propriamente ex-  
primere p li parlari uulgari come se ex-  
prime per latio & p grãmatica p la ps-  
nuria delli uocaboli uulgari. Impero  
che ogni contrada & ogni terra a li sci  
proprii uulgari diuersi da quelli delle  
altre terre. Ma la grãmatica e lo latino  
parlare non e cossi. pero che e uno uo-  
cabolo apresso tutti latini. Cnde ue p-  
go che me perdonate se non ue dechia-  
ro cossi perfectamente le sententie & le  
uarietade di questo libro. Non e dife-  
cto del libro ne del sancto chel scrise.  
Ma lo difecto e del ignorante transla-  
tore. Prendete adunche dal pouero q-  
lo ch' possiti: & per caritate ui piaccia  
di pregare dio per me. ¶ Grado. i.



¶ Della fuga del mondo & del renun-  
ciamento delle cose terrene. Capitulo. i.

**ANEXO C - EXEMPLOS DE CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE OS TESTEMUNHOS LATINO (CÓD. ALC. 387), ITALIANO (EDIÇÃO DE CRISTOFARO DA MANDELO - 1492) E PORTUGUÊS (CÓD. ALC. 213) DA ESCADA CELESTIAL**

<p>VERSÃO LATINA DE FREI ANGELO</p> <p>In veritate Christum Ihesum dominum nostrum Deum diligens et in corpore portans, in veritate futurum regnum participare inquirens, in veritate de suis peccatis et offensionibus dolorem habens, <i>in veritate memoriam tormentorum et iudicii eterni possidens</i>, in veritate sui exitus timorem et memoriam reassumens, non ulterius curabit vel sollicitus erit, non de pecuniis, non de possessionibus, non de parentibus, non de gloria vite, <i>non de amicis, non de fratribus, non de terreno aliquo universaliter</i>. Sed omnem suam habitudinem et affectionem omnem... (15).</p>	<p>VERSÃO ALCOBACENSE</p> <p>Aquelle que con verdade ama a Ihesu Christo, tragendoo no seu coração, e aquell que verdadeiramente busca participar o <u>reyno dos ceos</u>, e aquelle que en verdade ha door dos pecados e das suas ofenssoões, e aquelle que com verdade <u>trage no coração temor da morte</u>, aqieste daly adiante nõ amarã nem se curará de cousa nã hũa terreal, nẽ de dinheiros, nẽ de poderes, nem de parentes, nẽ da honrra deste mũdo, nem de nẽ hũa cousa que aaquesto se pertenha. Mays todo o uso e a enclinaçõ destas cousas... (16).</p>
--	--

Quadro 8 - Excertos dos testemunhos alcobacenses da *Escada Celestial* (cap. 27) editados por Martins (1961, p. 407).

<p>Excerto - cap. 8 - ms. português - cód. alc. 213 (Ed. de Mário Martins (1961))</p>	<p>Excerto - cap. 8 - edição de 1492 (Ed. de Cristofaro da Mandelo, da trad. italiana de Gentile da Foligno - séc. XIV)</p>
<p>torna a insistir: «A irascibilidade quer dizer non irar sse, hé hũa vitoria de natureza, entenden sse, nõ sentir nẽ hũa pena das enjurias que lhe son feytas» (25). Neste estado, a alma mantém-se inalterável, quando lhe hé dada ou posta a infamia como a boa fama.</p>	<p><b>La irascibilitade e uno desiderio infaciabile de uergogne li come nelli uagnagloriosi el desiderio del honoẽ e infinito. La irascibilitade e uictoria de la natura in nõ sentire dolor nelle iniurie riceute: La q̃le uictoria puene ala</b></p>

Quadro 9 - Erro conjuntivo entre a edição de 1492 (trad. italiana de Gentile da Foligno - séc. XIV) e o ms. português - cód. alc. 213, no cap. 8 de *Escada Celestial*: definição de *irascibilidade*

<p>Excerto - fac-símile ms. português (cód. alc. 213) <i>Escada Celestial</i> - cap. 27 (fól. 96r)</p>	<p>Excerto - fac-símile ed. italiana (1492) <i>Escada Celestial</i> - cap. 27 (p. 157)</p>
<p>psalmo q̃ dicit. Benedic aĩa mea dño. dñe d̃s meq̃ magnificatio es behementer. <i>Ben</i> aquilla estantia. fecit luna in tempore. sol cognouit occasum suũ. <i>Posuisti</i> et facta est nox. In ipa p̃tussibit omes bestie silue. <i>Nati</i> leonu rugientes in <i>Expirant</i> et q̃runt adeo estant sibi. <i>Ortus</i> est sol et q̃runt q̃runt sicut in cubilibus suis collocabunt. <i>Exibit</i> homo ad op̃s suũ et ad q̃runt t̃nem suã usq̃ ad resp̃um. <i>Oratio</i></p>	<p><b>doli nele parole d̃i propheta nel psalmo. Benedic anima meo domino: domine deus meus magnificatus es uehementer In quell iuersi. Fecit lunam in tempora: &amp; c. Lo primo de q̃sti stato sic quãdo laia ha riceuita la grãda p̃cepto loq̃le e cõe q̃do nasce el sole e fatti el di: Lo secondo stato e quãdo dallaia se cessa la grã o p̃ peccato che habia opato o p̃ ingratitude o per negligentia o per p̃pria reputatione el superbia. Alq̃le stato segui le molte baraglie d̃i d̃mõii. <i>Esle</i> e stato cõe lo sole quando e tramontato &amp; c</b></p>

Quadro 10 - Lições coincidentes entre a edição de 1492 (ed. de Cristofaro da Mandelo, da trad. italiana de Gentile da Foligno - séc. XIV) e o ms. português - cód. alc. 213, no cap. 27 de *Escada Celestial*: manutenção do trecho latino

## ANEXO D - FAC-SÍMILE DA FOLHA DE ROSTO DO CÓD. ALC. 213

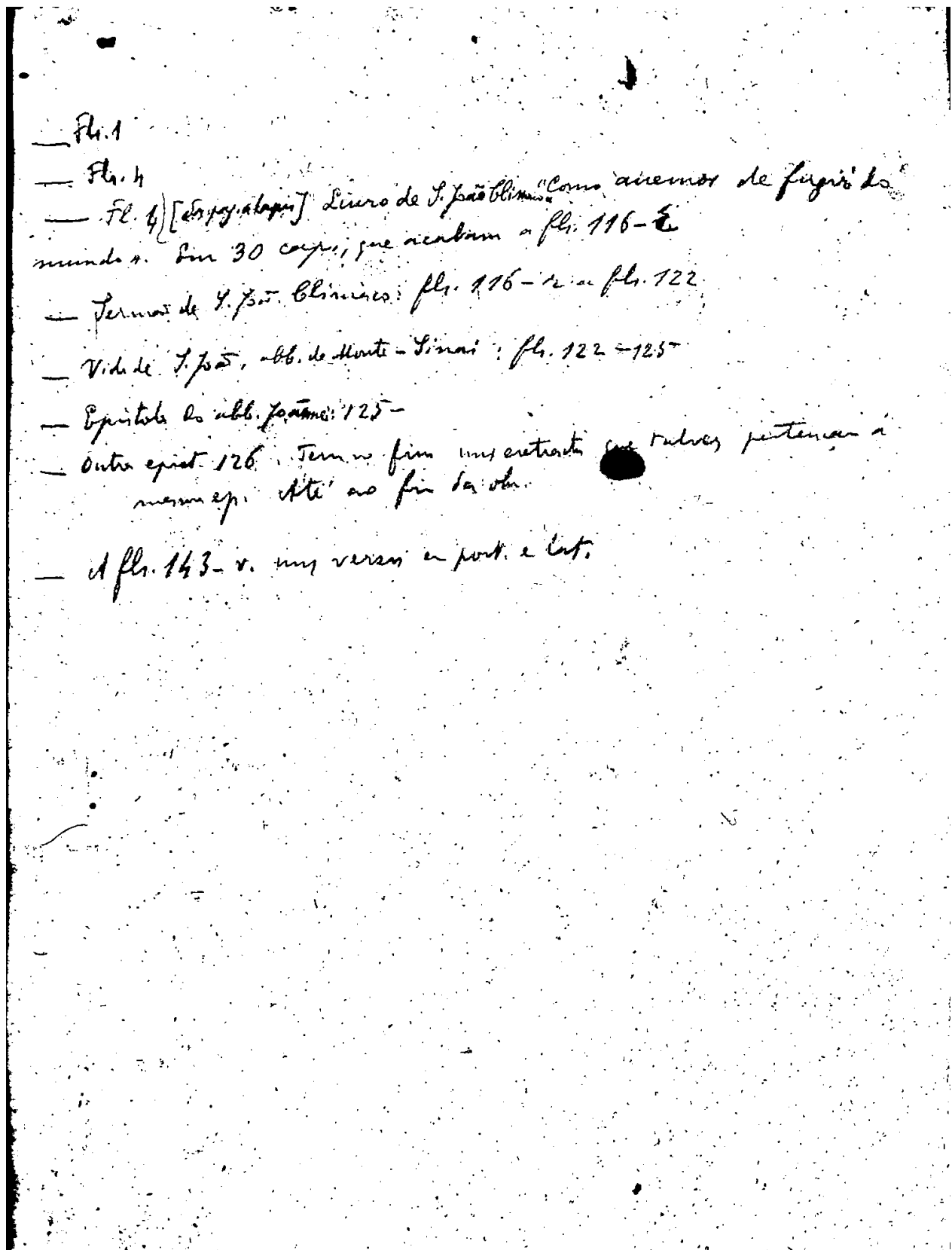


Figura 6 - Fac-símile da folha de rosto do cód. alc. 213

## REFERÊNCIAS

### a) Edições impressas da obra de João Clímaco consultadas (em ordem cronológica)

CLIMACUS, Joannes. *Scala Coeli*. In: MIGNE, J. P. (org.). *Patrologiae Graecae*: Cosmas Indicopleutes (1860). Vol. 88, p.631-1164.

CLIMACO, João. *Clímax ou Escada do céu*. Trad. João Mendes de Almeida Jr. São Paulo: Typ. a vapor Espíndola Siqueira & C., 1902. (Original em espanhol).

CLIMACO, Giovanni. *Scala Paradisi*. Torino: Società Editrice Internazionale, 1941. (Corona Patrum Salesiana, serie greca, vol. VIII).

### b) Edições impressas da obra de João Clímaco citadas (em ordem cronológica)<sup>1590</sup>

*Sancto Jouanni Climacho altrimenti Scala paradisi* [Venezia: per Christopholo da Mandelo, 1492.

*Scala paradisi, auctore Joanne Climacho*. (Parisiis): D. Roce, 1498.

*Sant Juan Climaco que trata delas tablas y escalera spiritual, por donde han de subir al estado dela perfeccion*. Toledo, s.n., 1504.

*Scala spiritualis Sancti Joannis Climaci*. Impressu[m] in regali ciuitate Toletana : isui (sic) Reuere[n]dissimi ... Fra[n]cisci Ximenes, 1505.

*Triginta gradus celestis scale*. [Parisiis] François Regnault, 1511.

*Ioannis Climaci...Triginta gradus scale celestis, noviter emendata, ac impressioni traditi*. [Venetiis, a Philippo Pincio, 1518]

Sant Juan Clymaco que trata delas tablas y escalera spiritual. In: *Vitas patrum en Romance*. Sevilla [Espanha]: Por Juan Varela ... 16 de maio de 1520.

*D. Dionysii Carthusiani enarrationes doctissimae in librum D. Iohannis Climaci Abbatis, vere aureum, qui inscribitur ... sive scala paradisi, nunc primum in lucem aeditae*. Coloniae: ex officina Melchioris Nouefiani (Melchior von. Neuss, imp.), 1540.

*Iohannes Climacus, Sermoni di S. Giovanni detto Climaco nuovamente da correttissimi esemplari greci e latini, nella vulgar lingua fedelmente tradotti ... Aggiuntovi anchora la vita del glorioso anacorita santo Onofrio*". In Venetia [per Giovanni de Farri et fratelli], 1545.

*[Libro llamado Escala espiritual, la cual contiene treinta escalones por medio de los quales podian los que quisieren subir desde el menosprecio del mundo y pequeñez en Christo hasta la cumbre de la perfeccion y perfecta libertad de hijos de Dios / SanJuan Climaco]*. Impresso en Alcala de Henares : en casa de Iuan de Mey Flandro, 1553.

*Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfeccion y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse las vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos*. [Impresso en Lixboa]: en casa de Ioannes Blauio de Colonia, 1562.

<sup>1590</sup> As referências destas edições não foram feitas em conformidade com as normas da ABNT, propositadamente. Devido às suas peculiaridades, as informações (baseadas no colofão, imprensa ou ficha catalográfica) foram registradas tal como aparecem nos catálogos on-line das bibliotecas mencionadas no capítulo 1 deste trabalho (nota 20).

*Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. Impresso ... en Alcalá de Henares: en casa de Sebastián Martínez, 1568.*

*Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. En Salamanca: en casa de Andrea de Portonarijs [...],1568.*

*Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. Impresso... en Salamanca: en casa de Mathias Mares, 1569.*

*Iohannes Climacus, Sermoni di S. Giovanni detto Climaco nuovamente da correttissimi esemplari greci e latini, nella volgar lingua fedelmente tradotti ... Aggiuntovi anchora la vita del glorioso anacorita santo Onofrio. Sermoni ... Con l'allegationi della Sacra Scrittura ... Vinegia, F. de' Franceschi, 1570.*

*Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. En Alcalá de Henares : en casa de Andres de Angulo, 1570.*

*Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. En Alcalá de Henares [Espanha]: en casa de Sebastian Martínez, 1571.*

*Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. En Salamanca [Espanha]: Por Mathis Gast., 1571.*

*Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. Alcalá de Henares : en casa de Hernan Ramirez, : a costa de Pedro del Casar, 1576.*

*Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. En Seuilla: en casa de Andrea Pescioni, 1582.*

*Ioanni Climaci... Scala paradisi item Sophnonii, Patriarchae Hierosolymitani, Patrum spirituale; omnia ex graeco ab Ambrosio Camalduensi... latina facta...: & brenibus annotationibus opera Michaelis Isseltij illustrata. Coloniae Agrippinae: in officina Birckmannica (resp.: Michael von Isselt), 1583.*



*Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos.* Valladolid: por Diego Fernandez de Cordova, : a costa de Pedro Landri, 1583.

Iohannes Climacus, Sermoni ... Vinegia, P. Marinelli, 1585.

Iohannes Climacus, Sermoni di S. Giovanni Climaco ... Milano, Tini, 1585

*Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos.* En Medina del Campo: por Pedro Landry, : por Francisco del Canto, 1585.

*Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos.* Impresso en Alcala de Henares : en casa de Iuan Gracian [...],1596.

*Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos.* Impresso en Barcelona : en casa de Iauue Galuan : a costa de Bernat Cussana [...],1598.

*Ioanni Climaci... Scala paradisi item Sophnonii, Patriarchae Hierosolymitani, Patrum spirituale; omnia ex graeco ab Ambrosio Camalduensi... latina facta...: & brenibus annotationibus opera Michaelis Isseltij illustrata.* Coloniae Agrippinae: in officina Birckmannica. Sumptibus Arnoldi Myli, 1601.

Iohannes Climacus, Sermoni ... Venetia, P. Bertano, 1607.

*Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos.* En Madrid: por Iuan de la Cuesta: a costa de Iuan Berrillo [...],1612.

*L'Eschelle de S. Jean Climacus, enrichie des plus belles fleurs du Pré spirituel.* Paris: M. Collet, 1623.

*Ioanni Climaci... Scala paradisi item Sophnonii, Patriarchae Hierosolymitani, Patrum spirituale; omnia ex graeco ab Ambrosio Camalduensi... latina facta...: & brenibus annotationibus opera Michaelis Isseltij illustrata.* Colonia Agrippinae: Sumptibus Bernardi Gualtheri, 1624.

*Iohannes Climacus, Tou en hagiois patros hemon Ioannou Scholastikou tou egoumenou tou hagiou orous Sina Hapant.* Lvtetiae Parisiorvm, sumptibus Sebastiani Craimoisy, 1633.

*Traité de S. Jean Climaque des degrez pour monter au ciel, traduit de Grec en Franç. par M. Arnauld d'Andilly.* Paris: P. Le Petit, 1652.

*Traité de S. Jean Climaque des degrez pour monter au ciel: traduit de grec en françois par Mr. Arnauld d'Andilly.* 2 éd. Paris: P. Le Petit, 1654.

*L'Échelle sainte, ou les Degrez pour monter au ciel, composez par S. Jean Climaque,... traduits du grec en françois par Mr Arnauld d'Andilly. Nouvelle édition. Paris: P. Le Petit, 1658.*

*L'Échelle sainte, ou les Degrez pour monter au ciel, composez par S. Jean Climaque,... traduits du grec en françois par Mr Arnauld d'Andilly. Nouvelle édition. Paris: P. Le Petit, 1661.*

*L'Échelle sainte, ou les Degrez pour monter au ciel, composez par S. Jean Climaque,... traduits du grec en françois par Mr Arnauld d'Andilly. Nouvelle édition. Paris: P. Le Petit, 1662.*

*L'Échelle sainte, ou les Degrez pour monter au ciel, composez par S. Jean Climaque,... traduits du grec en françois par Mr Arnauld d'Andilly. Nouvelle édition. Paris: P. Le Petit, 1668.*

*L'Échelle sainte, ou les Degrez pour monter au ciel, composez par S. Jean Climaque,... traduits du grec en françois par Mr Arnauld d'Andilly. Nouvelle édition. Paris: P. Le Petit, 1670.*

*L'Échelle sainte, ou les Degrez pour monter au ciel, composez par S. Jean Climaque,... traduits du grec en françois par Mr Arnauld d'Andilly. Nouvelle édition. Paris: P. Le Petit, 1678.*

*Les Vies des Saints Peres des deserts, et de quelques saintes, ecrites par des Peres de l'Eglise, & autres anciens auteurs ecclesiastiques. Paris: Pierre Le Petit. M.DC.LXXIX.*

*L'Échelle sainte, ou les Degrez pour monter au ciel, composez par S. Jean Climaque,... traduits du grec en françois par Mr Arnauld d'Andilly. Nouvelle édition. Paris: G. et L. Josse, 1688.*

*L'Échelle sainte, ou les Degrez pour monter au ciel, composez par S. Jean Climaque,... traduits du grec en françois par Mr Arnauld d'Andilly. Nouvelle édition. Paris: Paris: impr. de L. Josse, 1707.*

*L'Echelle Sainte ou les Degrez pour monter au Ciel composée par S. Jean Climaque trad. du grec en françois par le même Arnauld d' Andilly, dernière édit. Paris: [s.n], 1711.*

Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. In: *Obras del V.P.M.F. Luis de Granada del Sagrado Orden de Predicadores ... : tomo XV que contiene La escala espiritual de S. Juan Climaco.* En Madrid : en la imprenta de Manuel Martin, 1757.

*Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos.* Madrid: Imp. de Man. Martin, 1769.

Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. In: *Obras del venerable P. maestro Fr. Luis de Granada de la orden de Santo Domingo: tomo*

*octavo [...]*. En Madrid: en la imprenta de Don Manuel Martin, y à sus expensas, se hallará en dicha imprenta, y en la Lonja de Terroba junto à la Carcel de Corte, 1771.

Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuē treinta Escalones, por dōde pueden subir los hōbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Annotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. In: *Obras del Venerable P. Maestro Fr\pr\ Luis de Granada de la Orden de Santo Domingo : tomo \RVIII\R, parte \RI\R : que contiene la traduccion de la Escala Espiritual, compuesta en latin por el glorioso S. Juan Climaco*. Madrid: por Don Antonio de Sancha, se hallará en su Libreria, en la Aduana vieja, 1782.

*Oeuvres de saint Jean Climaque,... comprenant l'Échelle sainte, ou les degrés pour monter au ciel, et la Lettre au pasteur* Lyon: F. Guyot, 1836.

*La Scala santa, ossia I gradi per salire al cielo, , composti da s. Giovanni Climaco ... tradotti ... e riveduti dal P. Agostino Ferrara ...* Napoli, Sarracino, 1866.

Iohannes Climacus, *La scala del paradiso di s. Giovanni Climaco; testo di lingua corretto su antichi codici mss. per Antonio Ceruti ...*; Bologna, G. Romagnoli, 1874

Iohannes Climacus, *Klimax tou hosiou patros hemon Ioannou kathegoumenou tou Sinaiou orous to proton ede ekdotheisa hellenisti hypo tou en hagio orei Atho para te megiste laura Sophroniou eremitou epi te basei membraïnon cheirographon tes en to agionymo orei hieras mones tou hosiou patros hemon Dionysiou*. En Konstantinoupolei, K. A. Bretos, 1883.

Iohannes Climacus, *He Nea Klimax, metaphrastheisa ek tes hellenikes eis ten koinoteran ton kath'emas Hellenon dialekton hypo Hieremiou archimandritou Sinaïtou tou Kretos, kai hypo tou idiou to proton typhis ekdotheisa en hetei 1774 en Benetia*. En Konstantinoupolei, K. A. Bretos, 1883.

Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuē treinta Escalones, por dōde pueden subir los hōbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Annotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. In: *Obras del V. P. M. Fray Luis de Granada, con un prólogo y la vida del autor por D. José Joaquín de Mora [...]*. Madrid: Imp. de los sucesores de Hernando, 1922-25.

CLIMACUS, John. *The ladder of divine ascent*. Transl. Archimandrite Lazarus. New York: Harper / London: Faber and Faber, 1959.

*L'Échelle Sainte ou les Degrez pour monter au Ciel composée par S. Jean Climaque ...traduits. du grec en français par M. Arnauld d' Andilly*. Le Bousquet d'Orb: Monastère orthodoxe Saint-Nicolas, 1973.

*L'Échelle sainte / saint Jean Climaque ; traduction par le P. Placide Deseille...* Bégrolles-en-Mauges: Abbaye de Bellefontaine, 1978.

CLIMACUS, John. *The ladder of divine ascent*. Boston: Holy Transfiguration Monastery. 1978.

CLIMACUS, John *The ladder of divine ascent*. transl. Colm Luibheid and Norman Russell, New York: Paulist Press, 1982.

*L'Échelle sainte / saint Jean Climaque ; trad... [du grec] par le P. Placide Deseille*. 2e éd. revue et corr. Bégrolles-en-Mauges: Abbaye de Bellefontaine, 1987.

CLÍMACO, Juan. *La escala espiritual o escala del paraíso*. Traduzida do grego por Isabel Gil Almolda, Mauro Matthei; com notas explicativas de Placide Deseille. Zamora: Monte Casino, 1990.

CLIMACUS, John. *The ladder of divine ascent*. Boston: Holy Transfiguration Monastery, 1991.

*L'Échelle sainte / saint Jean Climaque* ; trad... [du grec] par le P. Placide Deseille. 2e éd. revue et corr. (reimp.). Bégrolles-en-Mauges: Éd. monastiques, 1993.

L'Échelle sainte: extraits In: *Vie de sainte Marie l'Égyptienn*. Saint-Laurent-en-Royans (Font de Laval, 26190) : Monastère Saint-Antoine-le-Grand, 1995.

CLIMACUS, John. *The ladder of divine ascent*. Compiled by Father Demetrios Serfes Boise, Idaho, 1997.

Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala spiritual: En el qual se descriuẽ treinta Escalones, por dõde pueden subir los hõbres a la cumbre dela perfection y fue agora tercera vez trasladado en lengua Castellana por vn Religioso de la orden de S. Domingo. Añadieronse le vnas breues Anotaciones en los primeros cinco Capítulos, para la inteligencia dellos. In: *Obras completas / Fray Luis de Granada*. Madrid: Fundación universitaria española: Dominicos de Andalucía, 1998.

CLÍMACO, Juan. *Escala espiritual*. Edição preparada por Teodoro H. Martín. Salamanca: Sígueme, 1998.

ROPERO, Alfonso. *Lo mejor de Juan Clímaco*. Terrassa (Barcelona): Clie, [2003]

### c) Demais obras

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: A Academia, 1999.

ALI, M. Said. *Lexeologia do português histórico*. São Paulo: Melhoramentos, 1921.

\_\_\_\_\_. *Meios de expressão e alterações semânticas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

ALIGHIERI, Dante. Paraíso. In: \_\_\_\_\_. *A divina comédia*. São Paulo: Nova Cultural, 2003, canto XXI, p. 374-375. Título original: *La divina commedia*.

ALMEIDA, Ana Cristina. A Escada de São João Clímaco. In: COLÓQUIO DA SECÇÃO PORTUGUESA DA ASSOCIAÇÃO HISPÂNICA DE LITERATURA MEDIEVAL, II, 1998, Faro. *Figura - Actas do II Colóquio...* Faro: Universidade do Algarve, 2001. p. 111-124.

\_\_\_\_\_. Da Palestina à Europa: trajecto de um livro de formação monástica. *Península - revista de estudos ibéricos*, Porto, v.1, p. 263-268, mar. 2004.

ÁLVAREZ, T. Jesús y MARTÍNEZ, Rianza A. Ascensión. *Historia de la prensa hispanoamericana*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992.

ALVES, Rosa. *Tipografia e legibilidade*. Belo Horizonte: [s.n.], 2001. [Folheto 61, EBA/UFMG]

AMOS, Thomas L. *The Fundo Alcobaça of the Biblioteca Nacional, Lisbon*. Collegeville (Minnesota): Hill Monastic Manuscript Library, 1988. p. 113-114

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. *Iniciação em Crítica Textual*. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/Edusp, 1987.

BALDIN, Agostinho. *Espelho dos monges*. Edição crítica com comentário fonético e glossário. Códice 200 dos Códices Alcobacenses da Biblioteca Nacional de Lisboa, fls. 75r até 125r. Maringá: Universidade Federal de Santa Catarina, 1974. Não publicado.

BASSETO, Bruno Fregni. *Elementos da Filologia Românica*. São Paulo: Edusp, 2001.

BERARDINO, Angelo Di (org.). *Dicionário patrístico e de antigüidades cristãs*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2002. p. 760.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. e notas de Pe. Matos Soares. 11 ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

BIBLIOTECA APOSTOLICA VATICANA. *Catalogo generale*. Vaticano: [s.n.], 1994. Disponível em <<http://www.vaticanlibrary.vatlib.it/BAVT/integration/chooseCatalogIta.htm>> Acesso em: 05 jan. 2005.

BIBLIOTECA ELETRÓNICA CRISTIANA – BEC – VE. *Libro de la Escala Espiritual*. Disponível em <<http://www.multimedios.org/docs/d000162/index.html>>. Acesso em: 17 jan. 2004.

BIBLIOTECA NACIONAL DE ESPAÑA. *Catálogo*. Madrid, [2005?]. Disponível em <<http://www.bne.es>> Acesso em: 05 jan. 2005.

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE *Catalogues & bibliothèque numérique*. Paris, 2001. Disponível em <<http://www.bn.pt>> Acesso em: 05 jan. 2005.

BIBLIOTECA NACIONAL [Portugal]. Pesquisa bibliográfica. *Porbase*. Lisboa, 1988. Disponível em <<http://www.bn.pt>> Acesso em: 05 jan. 2005.

BIBLIOTECAS PÚBLICAS DE ESPAÑA. *Catálogos de las bibliotecas públicas del Estado*. Madrid, [2005?]. Disponível em <[http://www.mcu.es/jsp/plantillaAncho\\_wai.jsp?id=8&area=bibliotecas](http://www.mcu.es/jsp/plantillaAncho_wai.jsp?id=8&area=bibliotecas)>. Acesso em: 05 jan. 2005.

BLECUA, Alberto. *Manual de Crítica Textual*. Madrid: Castalia, 1983.

BROWN, Michelle P. *A guide to western historical scripts: from antiquity to 1600*. Toronto; Buffalo: Univ. Toronto Press, 1990.

CÂMARA JR, J. Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CAMBRAIA, César Nardelli. Subsídios para uma proposta de normas de edição de textos antigos para estudos lingüísticos. In: RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza, ALVES, Ieda Maria & GOLDSTEIN, Norma Seltzer (Orgs). *I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 1999.

\_\_\_\_\_. *Livro de Isaac*: edição e glossário (cód. ALC 461). 2000. 753 p. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_ et al. Cinco breves tratados religiosos alcobacenses: edição semidiplomática (cód. ALC 461). *Caligrama* - Revista de Estudos Românicos, Belo Horizonte, v. 6, p. 7-28, jul. 2001.

CAMBRAIA, César Nardelli. Leitura de textos arcaicos: a variação dos grafemas <e>, <i>, <y> e <j> em um texto medieval. Estudos Lingüísticos - Anais de Seminários do GEL. São José do Rio Preto, v. XXVII, 1998, p. 546-551. Documento eletrônico em formato *pdf*, de 16.01.2004].

\_\_\_\_\_. Crítica textual & lingüística histórica: a questão dos diacríticos. Caligrama, Belo Horizonte, v. 8, p. ?, 2003. Doc. eletrônico em formato *pdf*, de 16.01.2004.

CAMBRAIA, César Nardelli, MIRANDA, José Américo (orgs.). *Crítica Textual: reflexões & práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos de Crítica Textual / Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à Crítica Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAPELLI, Adriano. *Dizionario di abbreviature latine ed italiane*. 4. ed. Milano: Ulrico Hoepli, 1949.

CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DA COMPANHIA DE JESUS. Instituto Santo Inácio. Biblioteca Padre Vaz. *Base Libri e Vaz*. Belo Horizonte: InfoISIS Ltda, [s.d.]. Disponível em <<http://isices.facilderecordar.com/biblioteca/>>. Acesso em 05 jan. 2005.

CHEVALIER, Jean et al. *Dicionário de símbolos*. 18 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. p. 378-382.

CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

\_\_\_\_\_. *Vocabulário do português medieval*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002. 1 CD-ROM.

DOUGLAS, J.D. (org.) et al. *O novo dicionário da Bíblia*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1962, v. 1, p. 177. Título original: *The New Bible Dictionary*.

DUFFI, John. Embellishing the Steps: Elements of Presentation and Style in *The Heavenly Ladder* of John Climacus. In: *Dumbarton Oaks Papers*, No. 53. Washington, D.C.: Dumbarton Oaks Research Library and Collection / Harvard University, 1999. Disponível em <<http://www.doaks.org/DOP53/DP53ch1.pdf>>. Acesso em 18 dez. 2004.

EMILIANO, Antônio. *Crítérios e normas para transcrição e transliteração de textos medievais*. Disponível em em <http://www.fcsh.unl.pt/clunl/>. Acesso em 10 janeiro 2004.

\_\_\_\_\_. *Convenções de utilização dos caracteres editoriais e críticos do Tipo Medieval na realização de edições paleográficas de tipo II de documentos medievais textos medievais portugueses*. Disponível em em <http://www.fcsh.unl.pt/clunl/>. Acesso em 10 janeiro 2004.

\_\_\_\_\_. *Tipo medieval português – lista de caracteres*. Disponível em <http://www.fcsh.unl.pt/clunl/>. Acesso em 10 janeiro 2004.

ENCICLOPEDIA católica. Disponível em: <<http://www.encyclopediacatolica.com/f/fraticelli.htm>>. Acesso em 12 ago. 2006.

ENCICLOPEDIA cattolica. Città del Vaticano: Enciclopedia cattolica e per il libro cattolico, 1948, v. 1, colunas 1769-1770.

ENCICLOPEDIA de la religión católica. Barcelona: Dalmau e Jover Ediciones, 1950. Tomo I. P.655.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica*. São Paulo: Ática, 1991.

FLORES, Stefano de, GOFFI, Tullo (orgs.). *Dicionário de espiritualidade*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Pesquisa no acervo. *Catálogos online*. Disponível em <http://catalogos.bn.br/>. Acesso em: 17 janeiro 2004.

GRANADA, Luis de; TRANCHO, Antonio, O. P. *Obra selecta*. Madrid: 1952. p. XV-LXXVI.

HOUAISS, Antônio. *Elementos de bibliologia*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1967. 2v.

\_\_\_\_\_. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 1 CD-ROM.

KIERKEGAARD, Søren. *Johannes Climacus ou É preciso duvidar de tudo*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KOCH, Rudolf. *O livro dos símbolos: 493 símbolos usados desde os tempos primitivos até a Idade Média*. Rio de Janeiro: Renes, [s.d.].

LAPA, M. Rodrigues. *Miscelânea de língua e literatura portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro / Ministério da Educação e Cultura, 1965.

LEAL, João Euripedes Franklin. *Glossario de Paleografia*. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 1994.

LEMOS, Aida Sampaio. Para a edição de textos escritos em português do século XV - *Escada Celestial* de S. João Clímaco. In: ENCONTRO NACIONAL DA APL, XIX, 2003. Lisboa. *Actas...* Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2004, p. 477-485. Doc. eletrônico em formato pdf, versão de 29.10.2004.

\_\_\_\_\_. Textos apócrifos medievais na história da cultura da escrita. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE HISTORIA DE LA CULTURA ESCRITA, VII, 2003. Alcalá de Henares. *Actas...* Alcalá de Henares: Carlos Sáez (editor) / Universidad de Alcalá, 2004, p. 105-114. Doc. eletrônico em formato pdf, versão de 02.11.2004.

\_\_\_\_\_. Textos de prosa literária escritos em português do séc. XV: a edição do Tractado das Meditações do Pseudo-Bernardo (II). In: *Diacrítica - Ciências da Linguagem*, Braga, n. 17/2, 2004. Doc. eletrônico em formato pdf, versão de 29.10.2004.

\_\_\_\_\_. Para uma edição dos sete tratados cartusianos: o Castelo Perigoso. In: ENCONTRO NACIONAL DA APL, XVII, 2002. Lisboa. *Actas...* Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2002. Doc. eletrônico em formato pdf, versão de 29.10.2004.

THE LIBRARY OF CONGRESS, USA. *Library online catalog*. Washington, DC: [2005?]. Disponível em <http://www.loc.gov>. Acesso em 05 jan. 2005.

LIMA, Maria Célia Romes de. *Estudo Contrastivo da pontuação em dois testemunhos da obra medieval espanhola "Memorial de Jesucristo" [manuscrito]*. 2004. 151 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *A pontuação em manuscritos medievais portugueses*. 1999. 123 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

\_\_\_\_\_. *O papel da pontuação na Idade Média portuguesa*. Salvador: [s.n.], 2002. Disponível em <[http://www.prohpor.ufba.br/papel\\_pontuacao.html](http://www.prohpor.ufba.br/papel_pontuacao.html)>. Acesso em 13.05.2004.

MAIA, Clarinda de Azevedo. Algumas questões scriptológicas relativas à prosa documental galego-portuguesa. In: *Homenagem a Joseph M. Piel por ocasião do seu 85º aniversário*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1988. P. 327-347.

MARAVAL, Pierre. *Jerônimo: tradutor da Bíblia*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1998.

MARTIN, John Rupert. *The Illustration of the Heavenly Ladder of John Climacus*. Princeton University Press, 1954.

MARTINS, Mário. "Vida de S. João do Monte Sinai" por Daniel de Raitu. *Brotéria*. Lisboa, Vol. LXXXIV, n.2, p. 179-186, 1961.

MARTINS, Mário. A "Escada Celestial" em medievo-português. *Brotéria*. Lisboa, Vol. LXXII, n. 4, p. 402-15, 1961.

\_\_\_\_\_. *Estudos de Literatura Medieval*. Braga: Livraria Cruz, 1956. p. 274-275.

MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2002.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia*. 4 ed. Salvador: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. 2 ed. Salvador: Contexto, 2001.

MATTOSO, J. Espiritualidad monástica medieval. In: DUQUE, Baldomero Jimenez; BAWST, Luis Sala (Dirs.). *História de la espiritualidad*. Barcelona: Juan Flores Ed., 1969, v. 1, p. 924.

MEIER, Harri. *Ensaio de Filologia Românica I*. 2 ed. Rio de Janeiro: Grifo / INL-MEC, 1973.

MENDES, Ubirajara Dolácio. *Noções de Paleografia*. São Paulo: Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo / Secretaria da Educação, 1953.

MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina. *Introdução à lingüística – domínios e fronteiras*. 2ª ed., Cortez, 2001: Lingüística Histórica. p. 77-103 (Vol.1)

OSLEY, A.S. (Ed.). *Calligraphy and palaeography: essays presented to Alfred Fairbank on his 70th birthday*. New York: 1966.

PAIVA, Dulce de Faria. *História da língua portuguesa II: Século XV e meados do XVI*. São Paulo: Ática, 1988.

PERINI, Mário Alberto. *Para uma nova gramática do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1989. (Princípios, 18)

\_\_\_\_\_. *Gramática descritiva do português*. 2. ed. : Ática, 1996.



PIMENTEL, Jandira. *Padres do Deserto*. Disponível em <http://www.padresdodeserto.net/lectio.htm>. Acesso em: 17 janeiro 2004.

POPOVA, Olga; SMIRNOVA, Engelina; CORTESI, Padua. *Icone*. 2 ed. Milano: Mondadori, 1997.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Biblioteca. *Catálogo on-line*. Belo Horizonte: Pergamum - Sistema Integrado de Bibliotecas, [s.d.]. Disponível em <<http://server05.pucminas.br/biblioteca/php/opcoes.php>>. Acesso em 05 jan. 2005.

RUSCALLEDA, Enrique Mallorquí. Esbozo para un estudio de la traducción de la Scala Paradisi de Juan Clímaco elaborada por Fray Luis de Granada. In: CONGRESO INTERNACIONAL "CRISTIANISMO Y TRADICIÓN LATINA", 1, 2000, Málaga. *Atas...* Madrid: ediciones Laberinto, 2001 (ISBN: 8484830179). Disponível em <<http://www.anmal.uma.es/anmal/numero6/indice6.htm>>. Acesso em: 29 ago. 2006.

SANTULLANO, Luis (org.). *Místicos españoles*. Madrid: Instituto-escuela, 1934.

SARAIVA, Maria Olívia de Quadros. *O Evangelho de Mateus no manuscrito grego da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* [edição diplomática]. 2001. 171 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

SILVA NETO, Serafim da. *Textos medievais portugueses e seus problemas*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956, p. 79.

\_\_\_\_\_. *Ensaio de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1956.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SOCIETÀ INTERNAZIONALE PER LO STUDIO DEL MEDIOEVO LATINO - SISMEL. *Codex: inventario dei manoscritti medievali della Toscana*. Firenze, 1998. Disponível em: <<http://www.cultura.toscana.it/biblioteche/tutela/progetti/codex/catalogo.shtml>>. Acesso em 21 ago. 2006.

SPAGGIARI, Barbara, PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da Crítica Textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SPINA, Segismundo. *Introdução à Edótica*. 2ª ed. rev. e atualizada. São Paulo: Ars Poetica-Edusp, 1994.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TREVISAN, Pietro. Vita e opere de Giovanni Climaco. In: CLIMACO, S. Giovanni. *Scala Paradisi*. Torino: Società Editrice Internazionale, 1941. (Corona Patrum Salesiana, serie greca, vol. VIII).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Sistemas de Bibliotecas UFMG. *Catálogo on-line*. Belo Horizonte: Pergamum - Sistema Integrado de Bibliotecas, [s.d.]. Disponível em <<http://150.164.76.74/biblioteca/php/opcoes.php>> Acesso em: 05 jan. 2005.

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA. *Corpus informatizado do português medieval*. Disponível em <http://cipm.fcsh.unl.pt/>. Acesso em 17 janeiro 2004.

UNIVERSITY OF CALIFORNIA. *BETA (MANID 1199 e 1794)*. Berkeley: ASKINS, Arthur L-F., FAULHABER, Charles B. & SHARRER, Harvey L. (Eds.), 2006. Disponível em <<http://sunsite.berkeley.edu/PhiloBiblon/phhm.html>>. Acesso em: 18 fev. 2006.

VASCONCELLOS, J. Leite de. *Textos arcaicos*. 4ª ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1959.

VIEIRA, Antônio. Sermão do Mandato, § III [1665]. In: \_\_\_\_\_. *Sermões escolhidos*, v. 1. São Paulo: Edameris, 1965. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000001.pdf>>. Acesso em 12 ago. 2006.

VOIGHT, Georg. La lingua e la letteratura greca nei secoli XIV E X. In: \_\_\_\_\_ *Il risorgimento dell'antichità classica ovvero il primo secolo dell'umanismo*. Firenze: G. C. Sansoni Ed., 1889, v. II, p. 99-[?]. Título original: *Die \*Wiederbelebung des classischen Alterthums, oder Das erste Jahrhundert des Humanismus*. Versão italiana de Diego Valbusa. Disponível em <<http://www.hellenismos.com/Articles/Voigt5.htm>>. Acesso em 12 ago. 2006.

WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português*. 5. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

ZILLES, Urbano. *Fé e razão no pensamento medieval*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.